

VOCÊ VAI SE ARREPIAR
COM O TIQUE-TAQUE DESTA CASA.



Galera



LIVRO QUE DEU ORIGEM AO FILME

o MISTÉRIO DO RELÓGIO NA PAREDE

JOHN BELLAIRS



JOHN BELLAIRS

o MISTÉRIO DO
RELÓGIO NA PAREDE

Tradução de
ALVES CALADO

Ilustrações de
ANA MARIA MOURA

8ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bellairs, John

B382m O mistério do relógio na parede [recurso eletrônico] / John Bellairs; tradução Alves Calado; ilustração Ana Maria Moura. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera, 2017.

Tradução de: The house with a clock in its walls

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10193-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Ficção juvenil americana. 3. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Moura, Ana Maria. III. Título.

18-51349

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

Título original em inglês:

THE HOUSE WITH A CLOCK IN ITS WALLS

Copyright © John Bellairs, 1973

Publicado em acordo com o autor, a/c BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, New York, USA.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10193-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



*Para Priscilla,
que me deixa ser eu mesmo*

SUMÁRIO

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

CAPÍTULO UM

Lewis Barnavelt se remexia e enxugava as palmas das mãos suadas no banco do ônibus que disparava em direção a Nova Zebedee. O ano era 1948, e era um início de noite quente de verão, com muito vento. Isto é, do lado de fora. Lewis podia ver as árvores iluminadas pela lua, balançando suavemente do outro lado da janela, que estava lacrada como todas as outras do ônibus.

Olhou para as calças de veludo cotelê roxo, do tipo que faz *zip-zip* quando a gente anda. Levantou a mão e passou no cabelo, que era partido no meio e alisado com Óleo Cremoso Raiz Brava. Agora sua mão estava oleosa, por isso ele enxugou no banco de novo. Seus lábios estavam se mexendo, e ele estava rezando. Era uma das suas orações de sacristão:

Quia tu es Deus fortitudo mea; quare me repulisti, et quare tristis incedo, dum affligit me inimicus?

Pois vós, ó Deus, sois minha força, por que me abandonastes, e por que estou triste enquanto os inimigos me afligem?

Tentou lembrar mais orações, mas a única que veio era outra pergunta:

Quare tristis es anima mea, et quare conturbas me?

Por que estás triste, ó minha alma, e por que me perturbas?

Parecia que tudo que Lewis conseguia pensar ultimamente eram perguntas: Para onde estou indo? Quem vou encontrar? Vou gostar deles? O que vai acontecer comigo?

Lewis Barnavelt estava com dez anos. Até recentemente tinha morado com os pais numa cidadezinha perto de Milwaukee. Mas o pai e a mãe tinham morrido de repente num acidente de carro à noite, e agora Lewis estava indo para Nova Zebedee, a sede do condado de Capharnaum, no estado de Michigan. Ia morar com seu tio Jonathan, que ele nunca tinha encontrado na vida. Claro, Lewis tinha ouvido algumas coisas sobre o tio Jonathan, por exemplo, que ele fumava, bebia e jogava pôquer. Essas não eram coisas tão ruins numa família católica, mas Lewis tinha duas tias solteironas que eram batistas, e elas avisaram sobre Jonathan. Ele esperava que os avisos acabassem sendo desnecessários.

Enquanto o ônibus fazia uma curva, Lewis olhou para o seu reflexo na janela. Viu um rosto gorducho, redondo, com bochechas brilhantes. Os lábios daquele rosto estavam se mexendo. Lewis estava dizendo de novo as orações de sacristão, dessa vez com o desejo de que elas fizessem o tio Jonathan gostar dele. *Judica me Deus...* Julgai-me, Deus... não, não me julgueis, ajudai-me a ter uma vida feliz.

Eram cinco para as nove quando o ônibus parou na frente da drogaria Heemsoth's Rexall, na cidade de Nova Zebedee. Lewis se levantou, enxugou as mãos nas calças e tentou pegar a gigantesca mala de papelão que aparecia por cima do bagageiro de metal. O pai de Lewis tinha comprado a mala em Londres, no fim da Segunda Guerra Mundial. Era coberta de adesivos rasgados e desbotados da companhia de navegação Cunard. Lewis puxou com força, e a mala caiu na sua cabeça. Ele cambaleou pelo corredor com a mala perigosamente segura no alto; depois se sentou de repente, e a mala pousou no seu colo com um *tunc!*

— Ei, calma aí! Não vá se matar antes de eu ter uma chance de conhecer você!

Ali, no corredor, estava um homem de barba ruiva com tufos brancos em vários lugares. Suas calças cáqui se estufavam na frente por causa da barriga grande, e ele estava usando um colete vermelho com botões dourados por cima de uma camisa azul. Lewis notou que o colete tinha quatro bolsos; havia limpadores de charuto aparecendo nos dois de cima, e uma corrente de cliques de papel pendurada entre os dois de baixo. Uma das pontas da corrente estava presa no botão de dar corda de um relógio de ouro.

Jonathan van Olden Barnavelt tirou o cachimbo aceso da boca e estendeu a mão.

— Oi, Lewis. Eu sou o seu tio Jonathan. Reconheci você por causa da foto que o seu pai tinha me mandado. Bem-vindo a Nova Zebedee.

Lewis cumprimentou o tio, e percebeu que as costas da mão dele eram cobertas por um tapete de pelos ruivos. O pelame subia até a manga da camisa e desaparecia. Lewis imaginou se ele teria pelos ruivos no corpo inteiro.

Jonathan levantou a mala e começou a descer do ônibus.

— Santo Deus, que monstro! Ela deveria ter rodinhas embaixo. Hmm, você pôs uns tijolos da sua casa aqui dentro?

Lewis ficou tão triste ao ouvir falar na sua casa que Jonathan decidiu mudar de assunto. Pigarreou e disse:

— Bom, e então?! Como eu estava dizendo, bem-vindo ao condado de Capharnaum e à bela e histórica Nova Zebedee. População de seis mil pessoas, sem contar...

Um sino começou a bater as horas.

Jonathan parou de falar. Congelou onde estava. Largou a mala e seus braços ficaram frouxos do lado do corpo. Lewis, apavorado, olhou para ele. Os olhos de Jonathan estavam vítreos.

O sino continuou a tocar. Lewis olhou para cima. O som vinha de uma torre alta, de tijolos, do outro lado da rua. Os arcos do campanário pareciam uma boca uivando e dois olhos arregalados; debaixo da boca havia um enorme mostrador de relógio com números de ferro.

Bóim. Outra batida. Era um sino de ferro, rouco, e o som fez Lewis se sentir desesperançado e desamparado. Sinos assim sempre faziam isso. Mas o que havia de errado com o tio Jonathan?

As batidas pararam. Jonathan saiu do transe. Balançou a cabeça convulsivamente, e com um movimento brusco levou a mão até o rosto. Agora estava suando muito. Enxugou a testa e as bochechas molhadas.

— Hmmm... hah! Hrumf! Ahh! Desculpe, Lewis, eu... eu acabei de lembrar que... que deixei uma chaleira fervendo no fogo. Sempre fico desligado assim quando lembro de alguma coisa que tinha esquecido, ou vice-versa. Agora o fundo da panela deve estar arruinado. Venha, vamos andando.

Lewis olhou atentamente para o tio, mas não disse nada. Juntos, os dois começaram a andar.

Saíram da rua Principal, muito iluminada, e em pouco tempo estavam seguindo depressa por uma avenida longa, ladeada de árvores, chamada rua da Mansão. Os galhos no alto transformavam a rua da Mansão num túnel comprido e farfalhante. Os feixes de luz dos postes se estendiam pela distância. Enquanto andavam, Jonathan perguntou a Lewis como ele estava na escola, e se ele sabia qual era a média das tacadas de George Kell no beisebol aquele ano. Disse que ele tinha de torcer para o time dos Tigers agora que morava em Michigan. Jonathan

não reclamou mais da mala, mas parava frequentemente para pousá-la no chão e flexionar a mão vermelha.

Lewis achou que Jonathan falava mais alto no escuro, entre as luzes da rua, mas não sabia por quê. Os adultos não deveriam ter medo do escuro, e, de qualquer modo, aquela não era uma rua escura e deserta. Havia luzes na maioria das casas, e Lewis podia ouvir pessoas rindo, falando e batendo portas. Sem dúvida seu tio era um sujeito estranho, mas era estranho de um modo agradável.

Na esquina da rua da Mansão com a rua Alta, Jonathan parou. Pousou a mala na frente de uma caixa de correspondência onde estava escrito: SOMENTE PARA DEPOSITAR CORRESPONDÊNCIA.

— Eu moro no topo do morro — disse Jonathan, apontando para cima.

A rua Alta merecia esse nome. Eles subiram, inclinando-se para a frente e seguindo devagar. Lewis perguntou várias vezes a Jonathan se podia levar a mala, mas a cada vez Jonathan dizia que não, obrigado, que ele conseguia se virar. Lewis começou a ficar com pena de ter colocado todos aqueles livros e soldados de chumbo dentro dela.

Quando chegaram ao topo do morro, Jonathan pousou a mala no chão. Pegou um lenço vermelho e enxugou o rosto.

— Bom, aí está, Lewis. A Loucura de Barnavelt. O que você acha?

Lewis olhou.

Viu uma mansão de três andares com uma torre alta na frente. Toda a casa estava iluminada, o andar de baixo, o do meio e o de cima. Havia até mesmo uma luz na pequena janela oval que ficava, como um olho, no meio do telhado de madeira em cima da torre. No quintal da frente havia uma grande nogueira. As folhas da árvore farfalhavam à brisa quente do verão.

Jonathan estava parado em posição de descanso, com as mãos nas costas, as pernas bem separadas. De novo, falou:

— O que você acha, Lewis? Hein?

— Eu adorei, tio Jonathan! Sempre quis morar numa mansão, e sem dúvida essa é uma tremenda mansão!

Lewis foi até a cerca elaborada e tocou um dos pompons de ferro que se enfileiravam em cima. Olhou para a placa que dizia “100” em vidro vermelho que refletia a luz.

— É de verdade, tio Jonathan? Quero dizer, a casa.

Jonathan o olhou estranhamente.

— É... é... é, claro que é. É de verdade. Vamos entrar.

Jonathan levantou a laçada de cordão de sapato que prendia o portão. O portão se abriu com um rangido, e Lewis começou a subir pelo caminho de entrada. Jonathan ia logo atrás, arrastando a mala. Os dois subiram a escada da varanda. O corredor da frente estava escuro, mas havia luz no final. Jonathan pôs a mala no chão e passou o braço pelos ombros de Lewis.

— Venha. Vamos entrar. Não fique acanhado, esta é sua casa agora.

Lewis seguiu pelo corredor comprido. Parecia não acabar nunca. Chegou na outra extremidade, numa sala cheia de luz amarela. Havia quadros em grossas molduras douradas nas paredes; havia uma lareira sobre a qual estava uma quantidade de tralhas; havia uma grande mesa redonda no meio da sala, e no canto estava uma mulher grisalha com vestido roxo e largo. Estava parada com o ouvido encostado na parede, escutando.

Lewis parou e olhou. Ficou sem jeito. Era como se tivesse encontrado alguém fazendo o que não devia. Pensou que ele e Jonathan tinham feito bastante barulho ao entrar, mas estava muito evidente que a senhora, quem quer que fosse, tinha ficado surpresa quando ele entrou na sala. Surpresa e sem jeito, como Lewis.

Ela se empertigou, ajeitou o vestido e disse animada:

— Olá. Eu sou a Sra. Zimmermann. Eu moro na casa ao lado.

Lewis se pegou olhando o rosto mais enrugado que já tinha visto. Mas os olhos eram amigáveis, e todas as rugas eram esticadas em linhas de sorriso. Cumprimentou-a.

— Este é Lewis, Florence — disse Jonathan. — Você se lembra de que Charlie escreveu sobre ele. O ônibus chegou na hora, para variar. Devem ter embebedado o motorista. Ei! Você andou roubando alguma das minhas moedas?

Jonathan foi até a mesa. Agora Lewis percebeu que a toalha xadrez estava coberta por montes e pilhas de moedas. Todo tipo de moedas, a maioria estrangeira. Moedas árabes em forma de rosquinha e cheias de nós de escoteiro; um punhado de moedas de cobre marrom-escuro, todas com a figura de um homem careca com bigode revirado nas pontas. Havia centavos ingleses, grandes e pesados, mostrando a rainha Vitória em vários estados de gordura, e minúsculas moedas de prata que não eram mais grossas do que uma unha. Havia um dólar de prata mexicano, oval, e uma genuína moeda romana, coberta de óxido verde. Mas acima de tudo, em brilhantes pilhas douradas, havia moedas de latão onde estava gravado *Bon Pour Un Franc*. Lewis gostou da frase e, como não sabia francês, ela se retorceu na sua mente até virar *Bom Pôr Um Frango*.

— Não, eu não estava roubando nenhum dos seus preciosos dobrões — disse a Sra. Zimmermann numa voz irritada. — Só estava ajeitando as pilhas. Certo, Gordo Barbudo?

— Ajeitando as pilhas. Eu já ouvi *isso* antes, Cara de Bruxa. Mas não importa, porque nós vamos ter de dividir as moedas em três. Você joga pôquer, não joga, Lewis?

— Jogo, mas meu pai não dei... — Ele parou. Jonathan viu lágrimas em seus olhos. Lewis engoliu um soluço e continuou: — Meu... meu pai não me deixava jogar a dinheiro.

— Ah, nós não jogamos a dinheiro — disse a Sra. Zimmermann, rindo. — Se jogássemos, esta casa e tudo que há dentro dela pertenceria a mim.

— Imagina! — disse Jonathan, embaralhando as cartas e soltando nuvens de fumaça do cachimbo. — Imagina! Dividiu tudo, Feiosa? Não? Bem, quando você estiver pronta, vamos jogar de “quem dá as cartas escolhe”, e eu sou o primeiro a dar. Nada de jogo de mulherzinha. Com cinco cartas. Nada fora do comum. — Ele soltou mais uma baforada e olhou para a Sra. Zimmermann com um sorriso maroto.

— Ah, por sinal — disse ele —, você poderia trazer um copo de chá gelado para o Lewis, e um pouco mais para mim. Sem açúcar. E traga outro prato de biscoitos de chocolate.

A Sra. Zimmermann se levantou e cruzou as mãos, humildemente, na frente do corpo.

— Como prefere os seus biscoitos, senhor? Enfiados na sua garganta um a um ou esmigalhados e jogados dentro da gola da sua camisa?

Jonathan esticou a língua para a velha.

— Não ligue, Lewis. Ela acha que é inteligente porque tem mais diplomas de faculdade do que eu.

— Eu seria mais inteligente do que você de qualquer modo, Barba Estranha. Com licença, pessoal. Volto num minuto. — Ela se virou e foi para a cozinha.

Jonathan distribuiu uma mão de cartas, para treinar, enquanto ela estava fora. Quando Lewis pegou as suas, percebeu que eram velhas e gastas. A maioria dos cantos faltava. Mas na parte de trás de todas havia um escudo redondo e dourado com uma lâmpada de Aladim no meio. Acima e abaixo do escudo estavam as palavras:

CONDADO DE CAPHARNAUM SOCIEDADE DOS MÁGICOS

A Sra. Zimmermann voltou com os biscoitos e o chá gelado, e o jogo começou logo. Jonathan juntou as cartas e cortou com um *zzzzit!* muito profissional. Embaralhou e começou a distribuir. Lewis tomou um gole do chá e se sentiu muito confortável, muito à vontade.

Jogaram até meia-noite, quando Lewis já estava vendo pontos vermelhos e pretos na frente dos olhos. A fumaça do cachimbo pairava em camadas sobre a mesa e subia numa coluna a partir da cúpula do abajur. Ela fazia o abajur parecer mágico, como a lâmpada no baralho. E havia mais uma coisa mágica no jogo. Lewis ganhou. Ganhou um bocado. Geralmente ele tinha uma sorte péssima, mas nesse jogo recebeu uma quantidade de cartas boas. Não o tempo todo, mas o bastante para ganhar continuamente.

Talvez fosse porque Jonathan era um jogador tão ruim. O que a Sra. Zimmermann tinha dito era certamente verdade. Sempre que Jonathan recebia uma mão boa, fungava, se remexia e soprava fumaça pelos dois cantos da boca. Quando recebia uma mão ruim, ficava carrancudo e mastigava impaciente o cabo do cachimbo. A Sra. Zimmermann era uma jogadora hábil que podia blefar com um par de cartas ruins, mas naquela noite ela simplesmente não estava recebendo as cartas certas. Talvez por isso Lewis estivesse ganhando. Talvez. Mas ele tinha dúvidas.

Para começar, podia jurar que uma ou duas vezes, quando estava estendendo a mão para virar uma carta que tinha recebido, a carta havia mudado. Havia mudado — assim — enquanto ele estava pegando. Isso nunca acontecia quando Lewis estava distribuindo, mas acontecia quando Jonathan ou a Sra. Zimmermann estavam. E mais de uma vez ele estivera para dispensar uma cartada quando, depois de olhar pela segunda vez, descobriu que a mão era boa. Estranho.

O relógio sobre a lareira pigarreou com um *brrrrr* e começou a bater meia-noite.

Lewis olhou rapidamente para o tio Jonathan, que estava sentado ali, perfeitamente composto, soltando baforadas do cachimbo. Será que estava composto mesmo? Parecia estar ouvindo alguma coisa.

Os outros relógios de toda a casa acompanharam. Lewis ficou parado em transe, ouvindo dings agudos, minúsculos clangs, melodiosos sons de campainha elétrica, cucos de relógios-cuco, e gongos chineses profundos e sinistros rugindo *brrraaaaaarrr! brrraaaaaarrr!* Esses e muitos outros sons de relógio ecoaram pela casa. De vez em quando, durante o concerto, Lewis olhava para Jonathan. Jonathan não olhava de volta. Estava espiando a parede, e seus olhos tinham aquele jeito vítreo de novo. A Sra. Zimmermann ficou sentada o tempo todo com os olhos fixos na toalha da mesa.

O último a tocar foi o relógio de armário que ficava no escritório. Fez um barulho que parecia um baú cheio de pratos de lata caindo devagar e solenemente por uma escadaria. Quando ele parou de tocar, Jonathan levantou os olhos.

— Hmm. Sim. Onde nós estávamos? Bom, Lewis, é meia-noite, não é? O jogo acabou. Está na hora de ir para a cama.

Jonathan limpou a mesa rapidamente. Pegou as cartas, empilhou-as e prendeu com um elástico. *Plac!* Depois enfiou a mão debaixo da mesa e voltou com uma caixa vermelha que tinha na tampa uma pintura do tribunal do condado de Capharnaum. Jogou as moedas dentro da caixa, fechou a tampa, empurrou a cadeira para trás, bateu o cachimbo num prato e cruzou as mãos no colo.

— Bem! E o que você acha da casa número 100 da rua Alta, Lewis?

— Acho maravilhosa, tio Jonathan. Gosto da casa e gosto da cidade, e gosto um montão de vocês dois.

Lewis não estava mentindo. Apesar do comportamento estranho de Jonathan e dos hábitos bisbilhoteiros da Sra. Zimmermann, ele havia se divertido um bocado na primeira noite em Nova Zebedee. Na verdade, durante a maior parte da noite, ele tinha precisado se esforçar bastante para não ficar pulando na cadeira. Tinham lhe dito que era feio fazer isso na frente de outras pessoas.

Jonathan levou a mala de Lewis para cima, e Lewis deu a primeira olhada em seu quarto novo. Havia uma cama preta e alta com ameias no topo da cabeceira e do pé da cama. No canto havia um espelho preto que combinava com a cama, e perto dele uma lareira de mármore preto tendo em cima um relógio preto que parecia um caixão. Encostada numa parede havia uma estante alta cheia de livros antigos, e em cima da estante um vaso com juncos. No meio do quarto ficava um grande tapete felpudo feito à mão. A estampa do tapete fez Lewis se lembrar de um mapa dos Estados Unidos — um mapa dos Estados Unidos feito por uma pessoa maluca. Muitas crianças poderiam se incomodar com a madeira escura do quarto, mas Lewis adorou. Imaginou que era o tipo de quarto onde Sherlock Holmes teria dormido.

Lewis vestiu o pijama, pôs o roupão e os chinelos, e foi arrastando os pés pelo corredor até o banheiro. Quando voltou, descobriu que Jonathan tinha acabado de acender o fogo na sua lareira.

Jonathan se levantou e espanou gravetos do colete.

— Bom, Lewis, aí está você! Precisa de mais alguma coisa?

— Nossa, não, acho que não, tio Jonathan. Este quarto é incrível. Eu sempre quis um quarto com lareira.

Jonathan sorriu. Foi até a mesinha de cabeceira e acendeu um abajur de leitura.

— Leia o quanto quiser esta noite, Jonathan. Lembre-se, a escola só começa daqui a três semanas.

— Não sei se vou ler muito depois do jogo de pôquer — disse Lewis, bocejando. — Mas mesmo assim, obrigado. Boa noite, tio Jonathan.

— Boa noite, Lewis.

Jonathan começou a fechar a porta, mas parou.

— Ah, a propósito, Lewis. Espero que todos esses relógios não façam você ficar acordado. Eles são meio barulhentos, mas... bem, eu gosto. Boa noite. — E fechou a porta.

Lewis ficou ali parado, com a testa franzida. Havia alguma coisa acontecendo naquela casa, alguma coisa que ele não conseguia entender direito. Pensou em Jonathan paralisado enquanto o relógio na torre da igreja badalava; pensou na Sra. Zimmermann escutando encostada na parede. Era estranho.

Ah, bem, pensou, encolhendo os ombros, às vezes as pessoas são esquisitas. Subiu na cama e apagou a luz. Alguns minutos depois acendeu de novo. Percebeu que ainda estava tenso, agitado e totalmente desperto.

Desceu da cama e foi até a estante de bambu, que parecia meio bamba, junto à porta do armário. Que quantidade de livros velhos e empoeirados! Pegou um e limpou a poeira com a manga. As letras douradas e desbotadas na lombada de couro preto diziam:

Palestras de

John L.

Stoddard

VOL. IX

Escócia

Inglaterra

Londres

Lewis abriu o livro e folheou as páginas lisas e brilhantes. Segurou o livro perto do nariz. Cheirava a talco de alfazema. Livros que cheiravam assim geralmente eram divertidos de ler. Jogou o livro na cama e foi até a sua mala. Depois de remexer durante um tempo, achou uma caixa comprida de bombons de hortelã com chocolate. Adorava comer doces enquanto lia, e vários dos seus livros prediletos em casa tinham manchas marrons nos cantos das páginas.

Alguns minutos depois Lewis estava sentado na cama, apoiado nos travesseiros. Estava lendo sobre como os nobres escoceses tinham assassinado o coitado do Rizzio bem na frente de Maria, rainha da Escócia. Stoddard comparava Rizzio a uma ameixa roxa aveludada espirrando suco de ameixa em todas as direções. Os nobres arrastaram o pobre coitado pelo corredor, enquanto

ele chutava e gritava, e lá deram mais umas facadas nele. Cinquenta e cinco vezes, dizia Stoddard, mas não dizia quem tinha contado as facadas. Lewis virou a página e mordeu um bombom de hortelã. Agora Stoddard estava falando sobre a permanência das manchas de sangue e imaginando se a mancha no chão do corredor em Holyrood era realmente o sangue de Rizzio ou não. Lewis começou a bocejar. Apagou a luz e foi dormir.

Mas pouco depois estava acordado — de repente. Tinha sonhado que estava sendo perseguido pela Rainha de Espadas. Sentou-se, totalmente desperto. Estava com medo, e não sabia por quê.

Crec, crec. Alguém estava andando na ponta dos pés pelo corredor.

Lewis ficou imóvel e prestou atenção. Agora o som estava do lado de fora da sua porta. Agora estava se afastando pelo corredor. *Crec, crec, crec.*

Saiu da cama. O mais devagar e com o máximo de cuidado possível, foi pé ante pé até a porta. Abriu-a, também devagar e com cuidado. Não abriu muito. Só uma fresta. Olhou para fora.

O corredor estava escuro, a não ser por uma janela que deixava entrar uma luz cinzenta bem no final. Mas Lewis podia ouvir alguém se mexendo. E então viu o círculo fraco e pálido do facho de uma lanterna se movendo pelo papel de parede. Apavorado, Lewis fechou a porta e depois abriu só uma fresta. O facho da lanterna tinha parado. Agora a figura com a lanterna bateu com o punho na parede — com força. Lewis ouviu pequenos pedaços de reboco caírem no espaço entre as tábuas da parede. A figura bateu de novo, e de novo. Lewis ficou olhando e abriu a porta ainda mais.

Agora o intruso sombrio deu um passo atrás, e Lewis viu uma sombra corpulenta recortada em frente à janela do corredor. Uma sombra grande, barbuda, com um cachimbo na boca. Jonathan!

Lewis fechou a porta o mais suavemente possível e se encostou nela, tremendo. Esperava que Jonathan não o tivesse visto. Um pensamento horrível veio à sua mente. Será que Jonathan era maluco?

Foi até a poltrona perto da lareira e se sentou. Ficou olhando as chamas vermelhas balançando. *E se Jonathan fosse maluco?* Seus pais sempre o haviam alertado contra pessoas malucas, do tipo que atraíam crianças para os carros e ofereciam doce com cola dentro. Será que era cola mesmo? Ele não conseguia

lembrar. Mas Jonathan não parecia *esse* tipo de pessoa. Ou do tipo que entrava furtivamente no seu quarto à noite e esfaqueava você. Lewis suspirou. Teria de esperar e ver o que acontecia.

Voltou para a cama e teve um sonho onde ele e Jonathan estavam correndo em volta do quarteirão onde ficava a igreja: a igreja com a torre com cara de monstro. Todas as casas do quarteirão estavam iluminadas, mas eles não podiam se esconder em nenhuma delas. Alguma coisa alta, escura e sem forma vinha atrás deles. Por fim pararam na frente da igreja, e a torre começou a balançar como se fosse feita de borracha. O rosto uivante foi ficando cada vez mais perto... e então o sonho mudou. Lewis estava sentado numa sala cheia de moedas brilhantes. Ficou deixando que elas escorressem tilintando pelos seus dedos até a manhã chegar.

CAPÍTULO DOIS

Lewis acordou no dia seguinte com lembranças confusas da noite girando na cabeça. Em geral, sua impressão era feliz, apesar das coisas escuras que espreitavam nos cantos da imagem.

Vestiu-se, desceu e encontrou Jonathan e a Sra. Zimmermann tomando o café da manhã. Parecia que a Sra. Zimmermann sempre vinha preparar o café da manhã de Jonathan porque Jonathan era um péssimo cozinheiro. Bom, para Lewis, tudo bem. Ele se sentou para comer panquecas e salsichas, e em pouco tempo estava imaginando a melhor maneira de passar as três semanas de liberdade que restavam antes do início das aulas.

Lewis descobriu logo que três semanas não eram, nem de longe, tempo suficiente para explorar a cidade de Nova Zebedee e a casa da rua Alta nº 100. Em três semanas ele mal iniciou.

Para começar, a cidade era maravilhosa. Era o tipo de lugar onde ele sempre quis viver. A cidade de Lewis em Wisconsin, onde ele tinha morado, parecia ter sido construída ontem; todas as casas eram do mesmo tamanho, e a rua principal era apenas uma fileira de bares e postos de gasolina. Nova Zebedee era diferente. Era cheia de casas antigas, altas e com enfeites elaborados. Até mesmo as casas comuns, brancas, tinham coisas que as faziam parecer diferentes — um vitral ou um buquê de flores de ferro no topo de uma cúpula. E muitas casas pareciam esconder segredos.

Jonathan levou Lewis para dar alguns passeios pela cidade, mas com frequência deixava o garoto descobrir as coisas sozinho. Às vezes Lewis só ia e voltava pela rua Principal, olhando para as fachadas altas e elaboradas das lojas. Uma das lojas tinha um teatro de ópera abandonado nos andares de cima. Jonathan disse que o antigo cenário continuava lá, encostado em caixas de doces e lousas de cinco centavos. Numa das extremidades da rua Principal ficava o Monumento à Guerra Civil, um fantástico objeto de pedra na forma de um cavalete de pintor. Em cada uma das juntas e cantos do cavalete havia um soldado ou um marinheiro, ameaçando o exército rebelde com um mosquete, uma espada, uma mecha de canhão ou um arpão. A parte lisa do cavalete era coberta com os nomes dos moradores do condado de Capharnaum que morreram na Guerra Civil. Havia um pequeno arco de pedra perto do

monumento, e era chamado de Anexo do Monumento à Guerra Civil, porque continha os nomes que os escultores não puderam colocar no grande monumento. O avô de Jonathan havia lutado na guerra, no Quinto Esquadrão de Lanceiros de Michigan, e Jonathan tinha um monte de histórias sobre os feitos do velho.

Quanto à casa da rua Alta nº 100, era tão maravilhosa quanto a cidade, além de ser estranha e mais do que um pouco assustadora. Havia um monte de cômodos para explorar: em terceiro lugar na preferência de Lewis ficavam as salas da frente no andar de cima; e em segundo lugar, os quartos dos fundos; armários de roupas de cama, quartos de brinquedo e quartos simples. Alguns estavam vazios e cheios de poeira, mas havia outros atulhados de móveis antigos. Havia incontáveis mesas de tampo de mármore, poltronas estofadas com estruturas que rangiam, panos de renda presos nos encostos das poltronas e perdizes empalhadas dentro de cúpulas de vidro. Cada cômodo tinha a sua lareira feita de mármore que parecia — dependendo do cômodo — queijo gorgonzola, sorvete com calda de chocolate, sabonete verde ou chocolate com leite.

Numa tarde Lewis estava descendo pela escada dos fundos na ala sul da mansão quando chegou a um vitral num patamar. Havia alguns vitrais na casa. Lewis os encontrava em escadas dos fundos, como esta, em banheiros não utilizados ou no fim dos corredores. Algumas vezes encontrava até nos tetos. Tinha visto este antes, ou melhor, tinha visto outra janela onde esta se encontrava agora. Foi por isso que parou e olhou.

Lembrava-se muito bem da outra janela. Era uma grande janela oval que mostrava um sol em forma de tomate vermelho se pondo num mar azul, da cor dos antigos vidros de remédio. A moldura oval continuava ali, mas nela Lewis encontrou um vitral que mostrava um homem fugindo de uma floresta. A floresta era cor de ameixa, e a grama debaixo dos pés do homem era de um verde vivo. O céu na imagem era de um vermelho-amarronzado retorcido, oleoso. Fez com que Lewis se lembrasse de verniz de móveis.

O que tinha acontecido com o outro vitral? Será que Jonathan andava pela casa trocando os vitrais durante a noite? Era bem estranho.

Outra coisa estranha era o cabide de casacos no corredor da frente. A princípio Lewis achava que era só um cabide comum. Tinha cerca de um metro e oitenta de altura, e um pequeno espelho redondo na frente. Havia ganchos para

casacos e chapéus, e na frente havia um pequeno compartimento de madeira para galochas. Parecia bastante comum. Mas um dia, quando estava pendurando sua capa de chuva, Lewis olhou o espelho e viu uma pirâmide maia, em degraus, numa selva verde e úmida. Ele sabia que a pirâmide era maia porque tinha visto uma foto dela no seu visor de *slides*. Só que esta cena não era uma imagem tridimensional falsa, como os *slides*. Parecia que você podia enfiar a mão no espelho e tocar os cipós. Enquanto Lewis olhava, um pássaro vermelho-vivo, de cauda comprida, voou de uma árvore a outra. Ondas de calor faziam a pirâmide tremular. Lewis piscou e olhou de novo. Estava olhando o reflexo da janela cinzenta e chuvosa atrás dele.

Lewis pensou um bocado sobre os vitrais e o cabide de casacos. Seriam mágicos? Ele acreditava em magia, apesar de terem lhe dito para não acreditar. Seu pai tinha passado uma tarde inteira explicando a Lewis que os fantasmas eram causados por raios X que ricocheteavam de planetas distantes. Mas Lewis era um garoto teimoso, e além disso, não tinha visto a lâmpada de Aladim no verso das cartas de baralho de Jonathan e as palavras *Sociedade dos Mágicos do Condado de Capharnaum*? Estava convencido de que a magia estava no fundo desse mistério.

Além do mais, estava convencido de que teria de resolver outro mistério antes de poder enfrentar o problema do cabide de casacos e dos estranhos vitrais. Teria de descobrir por que Jonathan andava pela casa todas as noites segurando uma lanterna.

Lewis tinha descoberto que o estranho incidente na primeira noite em Nova Zebedee fazia parte de um padrão regular. Todas as noites, depois da meia-noite, Jonathan saía procurando. O que ele estava procurando, Lewis não sabia dizer.

De novo e de novo, como naquela primeira noite, tinha ouvido as tábuas do piso rangendo do lado de fora da sua porta. De novo e de novo tinha ouvido Jonathan andando na ponta dos pés pelo corredor, entrando em quartos, fechando portas. Ouvia quando ele passava em cima, no terceiro andar, onde Jonathan ia raramente durante o dia. Depois voltava para baixo, cutucando as coisas, tropeçando nos móveis. Talvez tivesse medo de ladrões. Talvez, mas por que ele batia na parede? Não é comum os ladrões entrarem nas paredes.

Lewis tinha de descobrir o que estava acontecendo. E assim, numa noite, pouco depois da meia-noite, saiu silenciosamente da cama para as tábuas frias do

piso. Com o máximo de cuidado possível, atravessou o quarto na ponta dos pés, mas as tábuas empenadas reclamavam sob o seu peso. Quando chegou à porta, estava totalmente trêmulo. Enxugou as mãos no roupão várias vezes e virou a maçaneta. Inspirou fundo, expirou e saiu para o corredor escuro.

Mas Lewis não era tão bom em andar disfarçadamente quanto você pode imaginar, e depois de ele ter batido a cabeça numa moldura grossa e dourada mais ou menos pela terceira vez, Jonathan o chamou de um dos quartos distantes.

— Ah, pelo amor de Deus, Lewis! Pare de bancar o Sherlock Holmes! Você fica melhor como o Dr. Watson. Venha aqui. Eu estou no quarto da lareira verde.

Lewis ficou satisfeito porque seu rosto vermelho não brilhava no escuro. Bom, pelo menos Jonathan não era maluco.

Foi pelo corredor até encontrar uma porta aberta. Ali estava Jonathan, parado no escuro com uma lanterna na mão. Estava passando a luz pelo relógio em cima da lareira, um relógio grande e preto com alças douradas dos lados, como um caixão.

— Boa noite, Lewis. Ou bom dia, se for o caso. Gostaria de fazer a ronda comigo?

A voz de Jonathan pareceu tensa e nervosa. Lewis hesitou um momento e depois decidiu perguntar:

— Tio Jonathan, o que o senhor está fazendo?

— Parando os relógios. Durante o dia é bom ter relógios tiquetaqueando por toda a casa, mas à noite eles me deixam acordados. Você sabe como é, Lewis, como torneiras pingando e... coisas do tipo.

Ainda conversando nervosamente, Jonathan virou o relógio, esticou a mão atrás dele e parou o pêndulo grosso. Depois fez um gesto para Lewis acompanhá-lo e, balançando a lanterna um pouco animado demais, foi para o quarto seguinte. Lewis foi atrás, mas estava confuso.

— Tio Jonathan, por que não acende a luz dos quartos?

O tio ficou quieto por um minuto. Depois falou, naquela mesma voz nervosa:

— Ah, bem, você sabe como é, Lewis. Se eu fosse de um cômodo a outro acendendo e apagando as luzes, o que os vizinhos iam pensar? E como ficaria a conta de eletricidade? Você sabia que cobram por uma hora de eletricidade sempre que você acende e apaga as luzes?

Essa explicação não pareceu muito convincente a Lewis. Em primeiro lugar, o tio Jonathan nunca tinha dado qualquer sinal de se importar com o que os vizinhos pensavam sobre o que ele fazia. Se quisesse sentar no balanço debaixo da nogueira e tocar saxofone às três da madrugada, provavelmente faria isso. Em segundo lugar, mais de uma vez Jonathan tinha deixado o abajur de seu escritório aceso a noite inteira. Ele era um homem descuidado, e não era do tipo que se preocupava com contas de eletricidade altas. Era verdade que Lewis só conhecia o tio havia três semanas, mas achava que já fazia uma boa ideia de como Jonathan era.

Por outro lado, ele não podia dizer: “Tio Jonathan, o senhor está mentindo descaradamente!”, por isso acompanhou o tio em silêncio até o cômodo seguinte, o segundo melhor banheiro do andar de cima. Ali também havia uma lareira — de ladrilhos brancos — e um pequeno relógio de plástico branco zumbindo em cima. Jonathan o desligou da tomada sem dizer nada e foi para o cômodo seguinte, onde parou um relógio feito de cerejeira, com um pêndulo que usava três colunas de mercúrio como peso. E depois foi para o cômodo seguinte.

O último a ser silenciado foi o relógio de armário no escritório. O escritório de Jonathan tinha um teto muito alto, e todas as paredes eram forradas de livros. Havia uma poltrona gorda e fofa, de couro marrom, que sibilava quando a gente sentava e, claro, uma lareira, e o fogo ainda estava aceso nela. Num canto perto das portas deslizantes que davam na sala de jantar ficava o relógio alto e sombrio. O disco de latão do pêndulo brilhava fracamente à luz do fogo que ia morrendo. Jonathan enfiou a mão e segurou a haste preta e comprida. O relógio parou.

Depois que o estranho passeio tinha acabado, Jonathan ficou em silêncio. Parecia estar pensando. Foi até a lareira, avivou o fogo e pôs mais um pedaço de lenha. Deixou-se cair na poltrona de couro e acenou para a poltrona verde do outro lado da lareira.

— Sente-se, Lewis. Eu quero falar com você.

Lewis imaginou se iria levar uma bronca por ter xeretado o tio. Não parecia provável. Jonathan parecia amigável, ainda que sua voz continuasse um pouco tensa. Lewis sentou-se e ficou olhando enquanto Jonathan acendia seu narguilé. Lewis sempre gostava de vê-lo fazer isso. O narguilé tinha a forma de um galeão espanhol, e o cesto do vigia no mastro principal era o lugar onde ficava o fumo. O corpo do navio era cheio de água para esfriar a fumaça, e no cesto havia uma minúscula figura de cerâmica representando um vigia com um cachimbo nos lábios. Uma mangueira comprida ficava presa na popa do navio, e havia uma boquilha de borracha preta na ponta. Quando você soprava na mangueira, o tabaco que queimava no cesto da gávea lançava uma comprida coluna de fumaça, e o vigia fazia *fiiiu!* em seu pequeno cachimbo. Algumas vezes, quando Jonathan cometia algum erro e enchia demais o barco com água, o vigia fazia *blup!* e soprava bolhas.

Quando conseguiu fazer o narguilé funcionar direito, Jonathan trouxe um bocado de fumaça, deixou sair lentamente e disse:

— Lewis, acho que seria melhor você ficar apavorado do que pensar que seu tio é um velho ranzinza e lunático.

— Eu não acho o senhor ranzinza.

Jonathan gargalhou.

— Mas você *acha* que eu tenho um parafuso a menos. Bom, depois desta noite eu não poderia culpá-lo.

Lewis ficou vermelho.

— Não, tio Jonathan! Eu não quis dizer isso! O senhor sabe que eu não acho...

Jonathan sorriu.

— É claro, eu sei. Mas mesmo assim creio que seria melhor você saber uma coisa sobre esse negócio dos relógios. Eu não posso contar tudo porque não sei tudo. Na verdade, às vezes acho que não sei quase nada. Mas vou dizer o que sei.

Ele cruzou as pernas, se recostou e deu mais umas baforadas no cachimbo. Lewis se recostou na grande poltrona verde. Ficou fechando e abrindo as mãos e

olhando intensamente para Jonathan. Depois de uma pequena pausa dramática e uma tragada particularmente comprida no narguilé-galeão, Jonathan começou:

— Eu nem sempre morei nesta casa, Lewis. Na verdade só me mudei para cá há cinco anos. Eu morava na rua Spruce, perto do reservatório de água. Mas então o antigo dono desta casa morreu, e o lugar foi posto à venda por um preço barato, e significava uma chance de morar perto da minha melhor amiga, a Sra. Zimmermann...

— Quem era o antigo dono? — perguntou Lewis, interrompendo.

— Eu já ia chegar lá. O nome dele era Isaac Izard. Iniciais I.I., como o numeral romano II. Você vai encontrar o *I* duplo dele esculpido, pintado ou gravado em todo tipo de coisas nesta casa: nos lambris, nas tábuas do piso, dentro dos armários, na caixa de fusíveis, nas lareiras, em toda parte. Você vai até mesmo encontrar um numeral romano II na estampa do papel de parede do corredor da frente do andar de cima. — Jonathan parou um segundo e ficou pensativo. — Preciso trocar aquele papel algum dia... Ah, bem, voltando ao assunto. O velho Isaac Izard... O nome dele é estranho, não é? A Sra. Zimmermann acha que vem de *izzard*, que em algumas partes da Inglaterra é a palavra para *zed*, que é como os ingleses identificam a letra Z. Eu concordo com a teoria da Sra. Zimmermann porque não consigo pensar numa melhor. E, além disso, ela é uma senhora com Z, portanto deve saber. Mas, como eu estava dizendo, e eu vou chegar a dizer alguma coisa em *algum momento*, Lewis... — Ele tirou uma baforada do cachimbo mais uma vez e se remexeu na cadeira para ficar confortável. — Como eu estava dizendo, o velho Isaac era um *warlock*.

— O que é isso?

O tio Jonathan estava muito sério.

— É a palavra para designar um feiticeiro.

Lewis estremeceu. Então, vindo do nada, ele teve um pensamento estranho.

— O senhor também é? — perguntou numa voz minúscula, amedrontada.

Jonathan olhou para ele com um sorriso estranho.

— Você ficaria apavorado se eu dissesse que sim?

— Não. Eu gosto do senhor um bocado, e o senhor pode ser um *warlock* se quiser, acho. Sei que o senhor não seria um *warlock* ruim.

— Isso depende do que você quer dizer com “ruim” — disse Jonathan, dando um risinho. — Se quer dizer que eu não seria maligno, está certo. Se quer dizer que eu não seria muito ruim em fazer magia... bom, não sei. Eu posso dizer que sou um mágico de salão, apesar de ter uns truques que vão além dos coelhos e das cartas de baralho.

— Como os vitrais e os cabides de casacos? — perguntou Lewis, rindo.

— Sim. Exatamente como esses. E só para deixar você *perfeitamente* seguro, deixe-me informar que a Sra. Zimmermann também é uma adepta da magia, se bem que no caso dela a palavra seria bruxa.

— O senhor não pode arranjar uma palavra melhor?

— Bom, ela prefere “maga” ou “encantadora”, mas eu não consigo usar essas palavras sem cair na risada, por isso, para mim, ela é a bruxa velha Florence. Ela é uma feiticeira muito mais séria do que eu. Fez o seu D.Mag.A., ou seja, *Doctor Magicorum Artium*, ou Doutorado em Artes Mágicas, na Universidade de Göttingen, na Alemanha, em 1922. Eu só me formei na Faculdade de Agricultura de Michigan.

— Cursou o quê? — perguntou Lewis, como se estivesse entrevistando Jonathan para um emprego. Na verdade estava interessado no trabalho de Jonathan na faculdade. O pai e a mãe de Lewis tinham feito faculdade, e sempre falavam muito sobre os trabalhos universitários.

— O quê? — disse Jonathan, ruborizando. — O quê? Ora, agronomia. Criação de animais e coisa e tal. Eu ia ser fazendeiro, até que meu avô morreu e me deixou uma pilha de dinheiro. Mas voltando ao Isaac Izard. Você ainda está interessado, não está?

— Ah, sim, claro! Conte, por favor. Eu quero saber.

— Isaac, como eu estava dizendo, era um feiticeiro. Ele mexia com magia negra, o pior tipo de coisa que um feiticeiro pode fazer. Não posso contar nada ruim que eu saiba com certeza sobre ele, mas se um feiticeiro pode julgar outro, eu diria que ele era um feiticeiro mau. E muito mau. A Sra. Zimmermann também acha. Ela foi vizinha dele durante anos, lembre-se. Você terá de

perguntar a ela sobre ele, mas houve muitas noites em que eu e ela ficávamos no quintal dos fundos, olhávamos para cá e víamos o rosto mau do velho Isaac na janela do telhado da torrinha no alto da casa. Ele ficava segurando uma lâmpada a óleo e só olhando para a noite. A Sra. Zimmermann diz que ele ficava horas sentado lá em cima durante o dia. Parecia estar tomando notas.

— Nossa, isso *é* estranho. Para que ele ficava tomando notas?

— Só Deus sabe, Lewis. Mas tenho certeza de que não era nada bom. De qualquer modo, para continuar com minha história... Deve estar ficando bem tarde, mas sem os relógios não tenho ideia da hora. Onde é que eu estava? Ah, sim. O velho Isaac morreu durante uma tempestade violenta, uma das piores na história do condado de Capharnaum. Você pode olhar no *Chronicle* de Nova Zebedee, se quiser: telhados de celeiros foram arrancados, árvores desenraizadas, e um raio derreteu as portas de ferro da tumba onde Isaac está enterrado agora. Um dia desses vou lhe mostrar a tumba. Um negócio velho e feio, uma daquelas casinhas de ferro para os mortos respeitáveis. Há várias no nosso cemitério, e algumas bem elegantes. Esta foi construída pela família de Isaac na década de 1850, mas nunca tinha sido usada até que puseram a mulher dele lá. Ela morreu antes dele.

— Como ela era?

— Bem estranha, como uma pessoa teria de ser, para escolher Isaac Izard como marido. Não lembro de nada sobre ela, a não ser os óculos.

Lewis ficou olhando.

— Os óculos?

— É. Uma vez eu passei por ela na rua e ela se virou para me olhar. Deve ter sido o modo como o sol bateu nas lentes, mas lembro de dois círculos de luz cinzenta e gelada me atravessando. Eu me virei e fechei os olhos, mas aqueles dois pontos frios ficaram ali. Depois disso tive pesadelos durante uma semana.

— Como foi que ela morreu? — Lewis imaginou a Sra. Izard caindo de um penhasco durante um furacão, ou se jogando da cúpula da casa.

— Como? Silenciosa e misteriosamente. Sem velório. Umas pessoas estranhas de fora da cidade vieram e ajudaram Isaac a enterrá-la. Depois disso ele ficou recluso. Isto é, ainda mais recluso. Ele e ela sempre tinham sido eremitas, mas

depois da morte da mulher ele realmente se trancou. Construiu uma cerca de tábuas, grande e alta, entre esta casa e a da Sra. Zimmermann. Eu mandei derrubá-la assim que me mudei para cá. — Jonathan deu um sorriso contente. Lewis sentiu que o tio era feliz vivendo na casa nº 100 da rua Alta, apesar de o velho Isaac Izard ter feito desse lugar o seu castelo.

— É só isso a história? — perguntou Lewis, cauteloso.

— Ah, não. Nós só estamos chegando à parte boa. Olhe só, aqui estou eu todo egoísta dando baforadas nesse navio, e você não tem nada. Vamos à cozinha pegar dois copos de leite e uns biscoitos de chocolate, certo?

— Claro! — disse Lewis, que gostava de biscoitos de chocolate ainda mais do que das barras com recheio.

Dentro de alguns minutos estavam de volta ao escritório, sentados diante do fogo que crepitava baixinho e mastigando biscoitos. De repente um livro caiu da estante. *Flop*. Mais dois caíram. *Flop*. *Flop*. Lewis olhou para o espaço vazio e preto na fileira de livros. Uma mão comprida, velha e ossuda apareceu. Parecia estar pegando alguma coisa.

Lewis ficou sentado, rígido de terror, mas Jonathan meramente sorriu.

— Um pouco à direita, minha cara. Isso. Agora você pegou.

Uma tranca estalou e uma parte grande da estante girou para fora. Mais livros caíram no chão. E ali estava a Sra. Zimmermann, com uma tira de teia de aranha pendurada na lente esquerda dos óculos. Sua manga estava coberta de pó esbranquiçado.

— Belo modo de construir uma entrada secreta — grunhiu ela. — Com a tranca no lado da sala, em vez de no lado da passagem.

— Faz aumentar o mistério, Cara de Boneca. Como você deve ter adivinhado, Lewis, esta casa tem uma passagem secreta. Você entra nela através do armário de louças da cozinha. Venha, Florence. Eu ia contar a Lewis sobre o relógio dentro das paredes.

A Sra. Zimmermann lançou um olhar como se dissesse: “Você acha que isso é sensato?” Mas encolheu os ombros e se serviu de biscoitos e leite.

— Biscoitos bons — disse ela, mastigando. — Muito bons.

— Ela sempre diz isso, porque é ela que faz — explicou Jonathan, servindo-se de mais dois. — E agora que a boca de todo mundo está cheia, inclusive a minha, acho que vou continuar. Onde é que nós estávamos? Ah, sim. Bom, nem bem eu tinha me mudado para cá quando senti que havia alguma coisa errada. A casa tinha uma espécie de silêncio, como se prestasse atenção. E então eu ouvi.

— Ouviu o quê? — Quem falou foi Lewis, que tinha ficado na ponta da poltrona. Tinha até parado de comer seu biscoito.

— O relógio. Você sabe como a gente pode ficar numa sala com um relógio tiquetaqueando e não perceber durante muito tempo. Depois, quando tudo fica muito, muito quieto e a gente não pensa em nada específico... ali está!

Lewis deu um pulo e olhou em volta, assustado.

— Onde?

Jonathan gargalhou.

— Não, não, não. Eu não quis assustar você assim. Quero dizer que ouvi pela primeira vez nesta sala. Estava tiquetaqueando dentro das paredes. Você pode ir até aquela parede e ouvir, se quiser.

Lewis se levantou e foi até a parede forrada de livros. Encostou o ouvido numa fileira de volumes encadernados em couro preto e prestou atenção. Seus olhos se arregalaram.

— Ele *está* ali, tio Jonathan! Está! — O garoto estava empolgado com a descoberta, mas então seu rosto mudou. Parecia com medo. — Para que serve, tio Jonathan? O que ele faz?

— Não tenho a menor ideia, mas sei que gostaria de acabar com esse barulho. É por isso que tenho todos esses relógios estúpidos. Eu não gosto dos tiquetaques incessantes e de repente uma barulheira infernal a cada hora. Mas prefiro os meus relógios a isso.

O rosto de Jonathan tinha ficado sério. Ele balançou a cabeça, deu um sorriso sem graça e continuou:

— Você pode estar se perguntando por que eu simplesmente não derrubo a parede e arranco o relógio. Bom, não adiantaria. Ele parece que está atrás de cada parede: no sótão, no porão, nos armários, nas despensas e nas salas. E algumas

vezes parece estar ficando lento. Eu fico esperando que ele pare. Mas então acelera de novo e continua. Não sei o que fazer. — Havia um tom de desespero real em sua voz. Por um minuto Lewis achou que seu tio ia chorar. Então a Sra. Zimmermann interveio:

— Vou dizer uma coisa que você *não* deveria fazer, Jonathan Barnavelt. Não deveria assustar Lewis com uma coisa que você não sabe o que é. Afinal de contas o tique-taque pode ser alguma magia que sobrou das experiências do velho maluco. Ou besouros comedores de madeira. Ou algum tipo de ilusão, como nas casas que têm corredores que sussurram. De vez em quando eu ouço um zumbido esquisito na minha cabeça. Faz *duuuu* durante um tempo e depois desaparece.

Jonathan ficou irritado.

— Ah, Florence, não precisa despistar. Você não acha que é uma coisa inofensiva, e eu também não acho. Eu não teria contado a Lewis só para assustá-lo. Mas achei que seria melhor ele saber sobre o relógio do que pensar que seu tio estava pronto para o hospício. Veja bem, ele me pegou fazendo as rondas noturnas.

— Bom — disse a Sra. Zimmermann —, não sei sobre o hospício, mas era melhor o tio Jonathan ir se preparando para a cama se é que vai nos levar a um piquenique amanhã. — Ela enfiou a mão nas dobras do vestido e puxou um relógio de prata pendurado numa corrente comprida. Abriu a tampa e anunciou que eram três da madrugada.

Jonathan levantou os olhos, surpreso.

— É mesmo? Minha nossa, eu não fazia ideia...

— Por favor, tio Jonathan — disse Lewis, interrompendo. — Pode me dizer mais uma coisa?

— Claro, Lewis, o que é?

Lewis parecia sem jeito e embaraçado.

— Bom... se os relógios deveriam abafar o barulho do relógio que está dentro das paredes, por que o senhor para todos durante a noite?

Jonathan suspirou.

— Eu não os paro todas as noites. Algumas noites eu só ando verificando os cômodos. Isso faz com que eu me sinta seguro. Não consigo explicar. Mas em algumas noites, como esta, eu sinto uma ânsia de parar cada tique-taque. Tenho a sensação de que se eu deixasse a casa em silêncio, silêncio perfeito, talvez pudesse ouvir o relógio de verdade, o mágico, que está tiquetaqueando atrás de uma parede específica, ou em algum cubículo. Mas isso nunca funciona, e eu sempre fico meio maluco tentando.

Lewis ainda estava perplexo.

— Se é um relógio mágico — disse devagar —, ele não seria invisível? Quero dizer, não seria uma coisa em que a gente não poderia colocar a mão?

Jonathan balançou a cabeça.

— Na verdade, não, Lewis. A maior parte das mágicas é feita com objetos sólidos, da vida real. Objetos que são enfeitiçados. Eu conheci uma feiticeira que tentou destruir seu inimigo deixando uma foto dele debaixo da água da saída do esgoto da casa dela. O raciocínio era que ele morreria quando a imagem da foto fosse apagada. É um método comum. Não, Lewis. Este é um relógio tão real quanto aquele ali. Só que é encantado. Mas para que ele foi encantado eu não faço a menor ideia.

— Bom, *eu* sei de uma coisa, Barba Estranha — disse a Sra. Zimmermann, balançando seu relógio como um pêndulo diante dos olhos de Jonathan. — Sei que se nós não tirarmos ao menos uma soneca vamos todos estar apagados de manhã. Lewis, já para a cama. Jonathan, você também. Eu lavo os pratos dos biscoitos e guardo o leite.

Mais tarde Lewis ficou parado no meio do quarto olhando para um trecho de papel de parede florido perto da lareira. Foi rapidamente até a parede e encostou o ouvido. O tique-taque também estava ali. Foi ao outro lado do quarto e ouviu em outra parede. A mesma coisa.

Voltou ao centro do quarto e então, abruptamente, começou a andar de um lado para o outro. Andava depressa, com as mãos nas costas, como tinha visto o pai fazer quando estava perturbado. Andou e tentou pensar com lógica. Mas a lógica não ajudava muito quando se tratava de um relógio dentro das paredes, por isso, finalmente, Lewis desistiu. Pulou na cama e foi dormir.

CAPÍTULO TRÊS

Na primeira segunda-feira depois do Dia do Trabalho, Lewis começou a frequentar a escola em Nova Zebedee, e em pouco tempo tinha esquecido tudo sobre o misterioso relógio dentro das paredes. Já tinha problemas suficientes consigo mesmo.

Não eram problemas novos. Eram os problemas que um garoto gordo que não consegue jogar beisebol carrega de um lugar para outro. Lewis sempre tivera peso acima do normal. Não podia lembrar de uma época em que não tivesse sido assim. Durante toda a sua vida — todos os dez anos — tinha ouvido outras crianças cantando:

Gordo, gordo, tamanho de um balão

Não consegue entrar pela porta do porão.

Algumas vezes sentia vontade de bater nos garotos que zombavam dele, mas não sabia lutar boxe e não era muito forte. Esse era outro problema. Mas o pior de todos era o problema do beisebol. Lewis ainda girava uma volta inteira quando batia numa bola, e largava o bastão. A princípio tentava se desculpar dizendo:

— Cuidado, eu vou largar o bastão! — Mas os outros garotos diziam:

— Olha, se você jogar o bastão nós vamos bater em você. Se não consegue ficar com ele quando estiver rebatendo, não pode jogar.

Era isso que diziam quando deixavam Lewis jogar, o que não acontecia com muita frequência. Na maioria das vezes, quando ficava na fila para ser escolhido, era o último que sobrava, e o capitão do time que deveria pegá-lo geralmente dizia:

— Por que a gente tem de ficar com *ele*? Ele não sabe lançar, não sabe rebater, não sabe pegar. Ele nem consegue correr. Venham, vamos jogar com um a menos.

O que diziam sobre Lewis era verdade. Algumas vezes um garoto novo ou um garoto legal era posto como capitão, e escolhia Lewis para o time. Mas quando Lewis ia rebater, geralmente errava. Se acertasse a bola, ela subia e o lançador pegava. Ou então ele mandava para a primeira base. Quando seu time estava no

campo, os garotos faziam Lewis jogar no campo da direita, porque poucas bolas eram lançadas para lá. Mas quando isso acontecia, Lewis sempre deixava a bola cair, a não ser que ela acertasse na sua cabeça. Ele cambaleava para trás e para a frente enquanto tentava acompanhar a bola que estava lá no alto, acima da cabeça, mas sempre ficava tonto e cobria o rosto com a luva e gritava: “Não! Não!”, enquanto a bola descia. Depois de um tempo até mesmo os garotos legais o abandonavam.

Uma tarde, quando a rotina de sempre havia acabado e Lewis tinha saído do campo soluçando porque ninguém o deixava jogar, ele acabou parando numa base de batedor de um campo de beisebol que não estava sendo usado naquele dia. Junto aos seus pés estava um bastão, um bastão grosso e velho com o cabo rachado e enrolado com fita isolante preta. Havia uma bola perto, ou o resto de uma bola: um negócio preto, pegajoso, meio oval, coberto de barbante. Lewis pegou a bola e o bastão. Jogou a bola para o alto e tentou acertá-la. Errou. Jogou a bola para cima e tentou de novo. Errou de novo. Estava para tentar pela terceira vez quando alguém disse:

— Você está fazendo tudo errado.

Lewis se virou e viu um garoto magrelo mais ou menos da sua idade, agachado perto do bicicletário. Havia um grande tufo de cabelo ruivo cor de tijolo no topo da cabeça dele, e o braço direito estava numa tipoia. O garoto se chamava Tarby.

Todo mundo na escola sabia quem era Tarby. Até Lewis sabia, e só estava em Nova Zebedee havia dois meses. Provavelmente todo mundo em Nova Zebedee e a maioria das pessoas do condado de Capharnaum sabiam quem era Tarby. Pelo menos era essa a impressão de Lewis. Tarby era o garoto mais popular da escola. Era um diabrete, o tipo de garoto que atravessava fogueiras montado na bicicleta e se pendurava pelos joelhos em galhos de árvores. Todas as garotas gostavam dele, e ele era o melhor jogador de *softball*. Era tão frequente que fosse o primeiro a ser escolhido que na maioria das vezes os garotos o colocavam como capitão, só para evitar toda a briga de quem ficaria com Tarby no time. Mas ali estava ele, com o braço numa tipoia, olhando enquanto Lewis tentava acertar a bola.

— Eu falei: você está fazendo tudo errado. Você deve manter os pés plantados no chão. Depois girar os quadris. Aqui. Deixe eu mostrar.

Tarby se levantou e foi até onde Lewis estava. Pegou o bastão e segurou-o numa das mãos, apertando-o.

— Certo — continuou ele. — Vá até ali e faça um lançamento. É só jogar para cá.

Lewis nunca tinha visto ninguém tentando acertar uma bola com o bastão numa só mão. Teve medo de que Tarby errasse, ficasse chateado e fosse para casa. Com um riso nervoso no rosto, jogou a bola. Tarby girou e o bastão acertou. *Clack!* Bateu na bola com aquele som oco feito pelos bastões rachados. A bola foi numa linha reta em direção ao centro do campo. Teria sido um ponto limpo.

— Está vendo? E isso com um braço só. Você deveria fazer isso bem com os dois. Venha, eu lanço.

Lewis saiu do morrinho do lançador e pegou o bastão na mão de Tarby.

— Eu não sabia que o seu braço estava quebrado — disse Lewis, tímido. — Como foi?

— Caí de uma árvore. Eu estava pendurado pelas pernas. De cabeça para baixo, que nem um macaco. Tudo bem. Vai ficar bom.

Tarby foi até o morrinho. Lewis bateu com o bastão na placa e balançou-o como tinha visto George Kell fazer no estádio Briggs em Detroit. Mas quando Tarby lançou a bola, Lewis errou, como sempre.

Todos os dias, nas duas semanas seguintes, Tarby se encontrava com Lewis depois da escola, e os dois treinavam rebatidas. Devagar, gradualmente, Lewis foi ficando melhor. Até conseguiu algumas rebatidas boas. Porém uma coisa mais importante estava acontecendo: Lewis e Tarby estavam ficando amigos. Tarby gostava das piadas de Lewis, e Lewis descobriu que Tarby odiava alguns dos garotos que ele também odiava. Lewis gostava da imitação que Tarby fazia da Sra. Fondrighter, uma professora maldosa da escola. A Sra. Fondrighter sempre chamava o marido dela de “Jerrold”, o que era uma coisa engraçada. Tarby fazia um círculo na ponta de uma haste de capim e fingia que era um monóculo preso num cabo. Então olhava pelo círculo para Lewis e dizia, numa voz aguda:

— Como você *ouuuuusa* dizer essas coisas para mim, *Jer-rola!*

Depois Lewis e Tarby se sentavam planejando como cuidariam de Carol Kay Laberdeen, uma garota metida a besta da sexta série que sempre aprontava e se saía bem porque seu pai fazia parte do conselho da escola. Geralmente estava escuro quando Lewis e Tarby se despediam perto da caixa de correspondência no início da rua Alta.

Numa tarde no início de outubro, Lewis e Tarby estavam no campo de atletismo treinando lançamentos e rebatidas. Lewis tinha ficado suficientemente bom a ponto de rebater algumas bolas bastante longas. O braço de Tarby ainda estava no gesso, mas ele pegava as rebatidas tão facilmente como se estivesse usando as duas mãos.

Lewis estava lá no meio do campo. Já ia ficando escuro, e ele estava com dificuldade para ver a bola, e além disso estava meio chateado. Ficou ali pensando, ou “bolando”, como dizia Tarby.

Queria fazer alguma coisa legal para Tarby. Alguma coisa legal que realmente o impressionasse e fizesse dele um amigo mais forte do que nunca. Talvez pudesse convencer o tio Jonathan a fazer um truque mágico para Tarby. Claro, isso serviria. Lewis hesitou um minuto, lembrando-se de que Jonathan tinha dito que era apenas um “mágico de salão”. Do tipo que tirava coelhos da cartola e dizia que carta você estava segurando. Mas depois ele tinha dito que sabia uns truques que iam além disso...

Lewis pensou mais um pouco. Ah, bom, Jonathan certamente poderia fazer aquilo. Qualquer um que pudesse fazer janelas trocar os vitrais podia fazer o que Lewis tinha em mente. E, de qualquer modo, Lewis achava que se lembrava de ter visto Jonathan dizer que já tinha feito esse tipo de coisa uma vez.

— Ei, Lewis! Eu mandei a bola para você há umas seis horas. Você dormiu?

Lewis ergueu os olhos.

— Hein? Ah, nossa, desculpe, Tarby. Escuta, o que você acharia de ver o meu tio fazer um eclipse da lua?

Tarby o encarou.

— O que você disse?

— Eu disse... ah, olha, Tarby, vamos para casa. Está escuro demais para ver a bola. Venha, e eu conto tudo sobre o meu tio Jonathan. Ele é um feiticeiro de

verdade.

Os dois garotos voltaram caminhando debaixo das luzes dos postes, jogando a bola um para o outro enquanto andavam. Lewis tentou explicar os poderes mágicos do tio Jonathan, mas podia ver que Tarby não estava convencido.

— Cara, eu *aposto* que o seu tio pode fazer um eclipse da lua. *Aposto* que pode. Ele provavelmente senta no quarto bebendo cerveja, depois vai lá para trás e olha para a lua, e, cara, ela gira... e giiira. — Tarby cambaleou na rua e revirou os olhos.

Lewis sentiu vontade de bater nele, mas sabia que Tarby podia vencê-lo numa briga, por isso só falou:

— Você quer ver?

— Quero — disse Tarby numa voz cheia de gozação. — Quero ver ele fazer isso.

— Certo. Eu vou pedir esta noite. Quando ele estiver preparado, eu digo a você.

— Nossa, espero que eu não tenha de esperar demais — disse Tarby, sarcástico. — Realmente quero ver o Velho Barrigão fazer um eclipse da luu-uu-a, luu-uu-a.

— Para com isso. Para de gozar do meu tio. — O rosto de Lewis ficou vermelho, e ele estava quase chorando.

— Me faz parar!

— Eu não posso, e você sabe disso.

Tarby continuou zombando até os dois chegarem à caixa de correspondência cor de cáqui no início da rua Alta. Dessa vez, quando se separaram para ir para casa, Lewis não se despediu de Tarby. Nem acenou. Mas quando estava dentro do portão da casa nº 100 da rua Alta, tinha superado a raiva — mais ou menos —, por isso foi direto para dentro, ver o tio. Encontrou Jonathan jogando, solitário, na mesa da sala de jantar. Era um jogo complicado chamado Napoleão em Sta. Helena, e as cartas cobriam a maior parte da toalha de encerado cor de marfim. Jonathan levantou a cabeça e sorriu quando Lewis entrou na sala.

— Oi, Lewis, como está indo o beisebol?

— Melhorando, acho. Tarby está me ajudando um bocado. Diga, tio Jonathan, o senhor acha que poderia fazer uma coisa legal para o Tarby? Ele é um grande amigo meu.

— Claro, Lewis. Vamos convidá-lo para jantar. É isso que você quer dizer?

Lewis ficou vermelho e se remexeu, sem jeito.

— Ahn... bem, é... mais ou menos. O senhor acha que depois do jantar a gente poderia... ahh, isto é, o *senhor* poderia... fazer um eclipse da lua para ele?

Jonathan o encarou.

— Eu lhe disse que sabia fazer *isso*?

— Sim. Lembra naquela noite em que o senhor estava contando vantagem... é... falando com a Sra. Zimmermann sobre se a magia da terra era mais forte do que a magia da lua? O senhor disse que um feiticeiro da lua podia fazer um eclipse quando quisesse, e que o senhor era um feiticeiro da lua.

Jonathan sorriu e balançou a cabeça.

— Eu disse isso? Minha nossa, como é que eu perco o controle! Vejamos, eu lembro de ter feito um eclipse da lua numa noite em 1932. Foi durante um piquenique no parque do riacho Wilder. Lembro da data, 30 de abril, que é a noite de Walpúrgis. A noite em que as feiticeiras e os *warlocks* de todo o mundo se juntam para se divertir. A nossa reunião era apenas uma convenção da Sociedade dos Mágicos do Condado de Capharnaum, mas alguns deles são feiticeiros de verdade. De qualquer modo, voltando ao que eu estava dizendo...

— Não faz mal — disse Lewis, virando-se meio trombudo. — Eu digo ao Tarby que o senhor não sabe fazer.

— Ah, Lewis! — exclamou Jonathan, jogando o maço de cartas sobre a mesa. — Você é o garoto mais desanimado que eu já conheci. Se eu fiz uma vez, posso fazer de novo. Só que não é um acontecimento normal. E tudo precisa estar certo. Isto é, nos céus.

— Ah.

— É, ah. Agora, assim que eu vencer a mim mesmo neste jogo idiota, nós dois vamos até a biblioteca consultar o almanaque. Portanto fique quieto um minuto.

Lewis ficou se remexendo, fechando e abrindo as mãos e olhando para o lustre até Jonathan terminar o jogo. Depois os dois foram à biblioteca, abriram as portas deslizantes e entraram na sala maravilhosa que cheirava a papel úmido, fumaça de lenha e Terror do Turcomano, a marca pessoal de fumo usada por Jonathan. Jonathan empurrou a escada até a parte da parede onde ficavam seus livros de magia, subiu e puxou um volume grosso e empoeirado chamado:

HARDESTY

Universal Omnium Reunorum

Calendário Perpétuo, Livro de Datas,

Almanaque e Livro dos Dias

Folheou até a seção dos eclipses, fez uns cálculos mentais rápidos e disse:

— Você está com sorte, Lewis. 1948 é um bom ano para eclipses lunares. Os planetas estarão favoráveis na próxima sexta-feira. Convide Tarby para jantar nesse dia. Eu estarei pronto.

A noite de sexta-feira chegou, e Lewis trouxe Tarby para jantar em casa. Não havia nada de especialmente mágico na comida, a não ser que a jarra de sidra sobre a mesa borbulhava um bocado, e isso podia ser porque a sidra estava ficando forte. Depois de os pratos serem retirados, Jonathan pediu a Lewis e Tarby para ajudar a Sra. Zimmermann a levar umas cadeiras da cozinha para o quintal dos fundos e consultou sua coleção de bengalas, um vaso de cerâmica marca Willoware, azul, cheio de bengalas de todos os tamanhos e formas. Algumas tinham cabos de marfim ou osso, algumas eram antigos pedaços retorcidos de noqueira ou bordo, e algumas tinham espadas finas escondidas dentro. Mas apenas uma era mágica.

Era uma haste comprida e preta, de alguma madeira muito dura. Numa extremidade havia uma ponteira de latão polido, e na outra um globo de vidro do tamanho de uma bola de beisebol. Parecia estar nevando dentro do globo. Através dos pequenos flocos redemoinhantes dava para ver um pequeno e estranho castelo em miniatura. O globo emitia uma luz gélida e cinzenta. Jonathan pegou a bengala, pareceu avaliar seu peso e foi para a cozinha, levando-a debaixo do braço.

No quintal dos fundos a plateia estava pronta. A Sra. Zimmermann, Lewis e Tarby estavam sentados em cadeiras viradas para a banheira de pássaros. Era uma noite de outubro fria e clara. Todas as estrelas estavam visíveis, e uma grande lua cheia subia sobre as quatro árvores grandes, olmos, na extremidade do quintal de Jonathan. A porta de tela bateu, e todos levantaram a cabeça. O mágico tinha chegado.

Sem dizer palavra, Jonathan foi até o lado norte da casa. Ali havia um velho barril coberto de musgo, destinado a coletar a água da chuva, encostado na parede de pedra. Jonathan olhou para o barril, respirou três vezes contra a água escura, e com o polegar esquerdo cortou em quatro seções a superfície levemente trêmula. Depois se inclinou sobre a boca do barril e começou a sussurrar numa língua estranha. Os três espectadores não haviam saído das cadeiras — Jonathan tinha dito para ficar onde estavam —, mas esticavam o pescoço um bocado, tentando ver o que o feiticeiro estava fazendo.

Os sussurros, estranhamente ampliados pela boca do barril, continuaram durante algum tempo. Lewis se retorcia na cadeira, mas só podia ver a sombra escura do tio Jonathan e o globo da bengala mágica, que brilhava fracamente. Por fim Jonathan voltou. Numa das mãos segurava a bengala, e na outra uma caçarola cheia de água da chuva.

— O seu tio vai lavar o cabelo? — sussurrou Tarby.

— Ah, fica quieto! — sibilou Lewis. — Ele sabe o que está fazendo. Só olhe.

Tarby, Lewis e a Sra. Zimmermann ficaram olhando ansiosos enquanto Jonathan jogava a água da panela na banheira dos pássaros. Depois foi ao barril pegar mais. *Thuf. Splaf.* Voltou com outra panela. Esvaziou. E voltou para pegar uma terceira.

A terceira panela pareceu bastar. Jonathan pousou a caçarola vazia e pegou a bengala, que tinha ficado encostada na banheira dos pássaros. A bola de vidro brilhou e lançou um raio de luz cinza e turva. O raio pousou na superfície da água na banheira de pássaros. Jonathan fez sinais sobre a água com a bengala e começou a murmurar de novo.

— Venham olhar — disse ele, fazendo um gesto para os três espectadores. Eles se levantaram e foram até a banheira. A água na bacia de concreto lisa e rasa tinha começado a balançar, como água do oceano numa tempestade. Lewis ficou

surpreso ao ver pequenas ondas com espumas nas bordas. Depois ondas mais longas começaram a bater silenciosamente na beirada, lançando minúsculos flocos de espuma na grama. Jonathan ficou olhando durante longo tempo com os outros. Depois, de repente, levantou a bengala e exclamou:

— Paz! Paz às águas da terra! Mostre-nos o disco redondo da lua, como ela aparece agora nos céus acima!

A água se acalmou. Logo era um poço liso de novo, e flutuando na superfície negra e imóvel estava o reflexo frio da lua cheia. Em seguida Jonathan fez uma coisa muito improvável. Enquanto os outros olhavam, curvou-se e tirou um pequeno pedregulho do monte de pedras que havia na base da banheira de pássaros. Então, levantando-o no alto, gritou:

— Recuem! — E largou a pedra. *Splaf!* A água esparrinhou para todo lado, e Lewis não saiu do caminho antes que um pouco caísse nos seus sapatos.

Quando a água havia se acalmado de novo, Jonathan pegou a pedra e olhou para o poço. Ali, balançando e cortado por ondulações, estava o reflexo da lua.

— Ainda está aí? — disse Jonathan, rindo. — Bem, vamos cuidar disso!

Ele enfiou a mão na água e pegou o reflexo. Pode ter sido um truque, mas o disco frio, de um cinza gélido, que ele levantou se parecia com o reflexo que flutuava no poço havia um instante. E, sem dúvida, quando Lewis olhou para a água, só viu uma escuridão lustrosa.

Jonathan levantou o reflexo e o virou para trás e para a frente como se fosse um prato de jantar. O disco parecia queimar gélido e nítido, e brilhava como neve recém-caída. Doía nos olhos de Lewis se olhasse por muito tempo. Agora Jonathan sacudiu o pulso e lançou o disco voando pelo quintal. Ele foi direto até os arbustos densos na frente das quatro árvores. Então Jonathan, com a bengala na mão, correu atrás do disco. O quintal era comprido e, mesmo à luz da lua, os garotos e a Sra. Zimmermann não puderam ver o que ele estava fazendo lá.

De repente o ar se encheu do barulho oco de sinos de bambu. Havia um jogo de sinos de bambu pendurado numa das árvores, e Jonathan tinha dado um puxão forte neles. Depois ele veio dançando de volta pelo quintal, duelando com as sombras e dizendo coisas como:

— Ha! Bata na sua besta bexiga beligerante! Hu! Hanh! E o terceiro no seio dele!

Ele parou diante da banheira de pássaros e manteve a bola da bengala debaixo do queixo, de modo que seu rosto parecia o de um ator iluminado pelas luzes da ribalta. Lentamente levantou a mão direita e apontou para o céu.

— Olhem! — gritou.

Os três espectadores levantaram a cabeça. A princípio não viram nada estranho. Depois, lentamente, uma sombra escura como piche pingando escorreu pela face da lua surpresa. Num instante a lua inteira estava escura, completamente escura, empretecida, sem nem mesmo a leve sombra marrom que marca o lugar dela durante um eclipse comum.

E então o quintal dos fundos do tio Jonathan ficou vivo. Estava cheio de estranhos suspiros e sons. A grama brilhava num verde fosforescente, e minhocas vermelhas se retorciam com um som arrastado por entre as hastes altas. Estranhos insetos caíram dos galhos do salgueiro e começaram a dançar na mesa de piquenique. Valsavam e cabriolavam numa luz azul trêmula, e a música que dançavam, por mais fraca que fosse, parecia a Lewis o “Rugbug”, o famoso foxtrote composto por Maxine Hollister. Era uma das músicas que o órgão da sala de Jonathan costumava tocar.

O tio Jonathan foi até o canteiro de tulipas, encostou o ouvido no chão e ouviu. Fez um gesto para que os outros se aproximassem. Lewis encostou o ouvido na terra úmida e ouviu coisas estranhas. Ouviu o barulho que as minhocas fazem enquanto se arrastam lentamente, quebrando torrões pretos com a cabeça rombuda. Ouviu as conversas secretas entre os bulbos e as raízes, e a respiração das flores. E Lewis soube de coisas estranhas, sem saber como ficou sabendo. Soube que havia um gato chamado Texaco enterrado no trecho de terreno onde ele estava. O delicado esqueleto de marfim estava se despedaçando lentamente lá embaixo, e o pelo úmido estava encolhido, falhado e podre. O garoto que tinha enterrado o gato tinha enterrado perto dele um balde de praia cheio de conchas. Lewis não sabia o nome do garoto, ou há quanto tempo ele tinha enterrado o gato, mas podia ver claramente o balde vermelho e azul. Manchas de ferrugem marrom estavam comendo os desenhos brilhantes, e as conchas estavam cobertas de mofo verde.

Depois de um longo tempo, Lewis sentou-se e olhou em volta. Tarby estava ajoelhado perto dele, com o ouvido no chão e os olhos arregalados de espanto. Mas onde estava o tio Jonathan? Onde, por sinal, estava a Sra. Zimmermann? Lewis pensou tê-los visto se mexendo na parte mais distante do quintal, à sombra das quatro árvores. Deu um tapinha no ombro de Tarby, apontou, e os dois se levantaram em silêncio para se juntar aos mágicos.

Quando os encontraram, Jonathan estava discutindo com a Sra. Zimmermann, que discutia de volta, ainda que seus ouvidos estivessem encostados no chão.

— Eu digo que é o antigo sistema de águas pluviais — murmurou ela. — Ele se perdeu em 1868 porque os mapas foram jogados fora junto com o lixo.

— Bom, você pode pensar o que quiser, Peruca Crespa — disse Jonathan enquanto se ajoelhava para ouvir de novo. — *Eu* digo que é um rio subterrâneo. O condado de Capharnaum é cheio deles, e explicaria por que o riacho Pecado e Carne é muito maior quando deixa Nova Zebedee do que quando entra.

— Você está cheio de feijão, seu gorducho — disse a Sra. Zimmermann, cujo ouvido continuava encostado no chão. — Eu acho que conheço o barulho de água correndo por um túnel de tijolos. O som é oco.

— Que nem a sua cabeça?

Lewis e Tarby encostaram o ouvido no chão, mas o único som que podiam ouvir era como quando a gente encosta o ouvido num tubo flutuando num lago. Lewis ficou muito empolgado. Queria estar por todo o jardim ao mesmo tempo, tocando, cheirando e ouvindo coisas. A magia no quintal escuro demorou mais de uma hora. Então a fosforescência mudou para o luar comum, e a luz flutuava lá em cima, livre dos encantos.

Enquanto voltavam para a casa, Lewis perguntou ao tio se o departamento de polícia não ficava louco quando ele fazia eclipses da lua. Jonathan deu um risinho e pôs o braço no ombro de Lewis.

— Não, estranhamente, não fica. Eu nunca tive certeza do motivo, mas talvez seja porque o eclipse só é visível deste quintal.

— Quer dizer que não é de verdade?

— Claro que é de verdade. Você viu, não viu? Mas um dos problemas com os seres humanos é que eles só podem ver com os próprios olhos. Se eu fosse duas pessoas, teria posto o outro eu do outro lado da cidade para ver se o eclipse estava funcionando lá.

— Por que não pede à Sra. Zimmermann para ir olhar?

— Porque ela vai ficar ranzinza. Ela sempre quer participar das coisas. Não é verdade, Ameixinha?

— É, eu quero. E neste momento eu gostaria de comer uns biscoitos de chocolate. Por que vocês não vêm até a minha casa?

E foi isso que eles fizeram. Lewis estava feliz em ter uma chance de mostrar a casa da Sra. Zimmermann para Tarby. Não era uma mansão, de jeito nenhum. Só um pequeno bangalô de dois andares, com uma varanda na frente, cercada de tela. Mas era cheia de coisas estranhas, na maioria roxas. A Sra. Zimmermann tinha uma queda pela cor roxa. Seus tapetes, seu papel de parede, a passadeira da escada, o papel higiênico e o sabonete, tudo era roxo. Como também era roxa a grande pintura surrealista de um dragão, pendurada na sala de estar. Tinha sido feita especialmente para ela pelo pintor francês Odilon Redon.

Enquanto mastigavam os biscoitos, bebiam leite e andavam pela casa olhando as coisas roxas da Sra. Zimmermann, Lewis percebeu que Tarby não estava falando muita coisa. Quando chegou a hora de ele ir embora, Tarby apertou a mão de Jonathan enquanto olhava para o tapete, e murmurou para a Sra. Zimmermann, numa voz tão baixa que ela não entendeu:

— Obrigado pelos biscoitos.

Lewis levou Tarby até o portão da frente. Sabia que esse comportamento era estranho para Tarby, que geralmente falava muito e era expansivo, mesmo na frente de adultos.

— Obrigado pelo *show* de magia — disse Tarby, apertando a mão de Lewis e parecendo muito sério. — Foi meio assustador, mas foi divertido. Retiro todas as coisas que eu falei sobre o seu tio, acho. Bom, vejo você por aí. — E em seguida Tarby desceu o morro correndo.

Lewis ficou olhando para ele com um ar preocupado. Esperava que Tarby tivesse se divertido. A maioria das pessoas não gostava de descobrir que estava

errada, mesmo quando se divertia ao descobrir. Tarby era um garoto popular, e acostumado a estar certo com relação a tudo. Por acaso estava errado com relação aos poderes mágicos de Jonathan. Agora, o que ele faria? Lewis não queria perder seu único amigo.

CAPÍTULO QUATRO

Era a última semana de outubro, e o braço de Tarby estava quase curado. Agora Lewis o via cada vez menos. Ainda esperava por ele no campo de beisebol atrás da escola, e outras vezes Tarby aparecia, outras vezes não.

Claro, não dava para esperar que Tarby estivesse muito interessado em ensinar rebatidas nessa época do ano. A temporada de futebol estava acontecendo. Lewis tinha visto Tarby jogando futebol com os outros garotos depois da escola. Não era preciso dizer que Tarby era sempre o zagueiro. Ele fazia passes compridos, corridas impressionantes e jogadas cheias de truques, como a da “estátua da liberdade”.

Lewis tinha pensado em entrar no jogo de futebol, mas se lembrou do que havia acontecido em Wisconsin. Sempre que alguém disparava na sua direção, ele caía e cobria a cabeça com as duas mãos. Não conseguia pegar passes e, se tentasse chutar a bola, geralmente acabava acertando-a com o joelho. Talvez, se ficasse realmente bom no beisebol, pudesse conseguir que Tarby lhe ensinasse futebol no ano seguinte.

Mas não iria aprender muito sobre beisebol sem Tarby. Claro, ultimamente não estava aprendendo muito, mesmo com a ajuda de Tarby. Nas raras ocasiões em que Tarby aparecia para jogar com Lewis, parecia com vontade de terminar o jogo depressa. Lewis sabia que estava perdendo Tarby, mas até agora não tinha descoberto como conseguiria ficar junto dele.

Numa tarde de sábado, em que os dois estavam andando pelo cemitério, Lewis teve uma ideia. O cemitério belo e antigo de Nova Zebedee ficava num morro alto fora da cidade. Era cheio de lápides elaboradas que mostravam mulheres chorando encostadas em urnas e cupidos apagando tochas. Havia colunas feitas para parecer que estavam quebradas, e colunas com mãos em cima, apontando para o alto. Havia pequenas lápides em forma de cordeiros, e aqueles eram os túmulos de crianças. Alguns cordeiros estavam ali há tanto tempo que ficaram desgastados, parecendo tufo branco que faziam Lewis pensar em sabonete.

Nesse dia específico, Lewis e Tarby estavam inspecionando uma área em que todas as lápides eram esculpidas para parecer de madeira. Cada sepultura era

marcada por um pequeno tronco de granito, com casca, anéis e nós. O meio-fio em volta da área combinava com as lápides, e no centro de tudo havia uma árvore quebrada, feita de pedra. A parte de cima era serrilhada, como se tivesse sido acertada por um raio, e um pica-pau de pedra enfiava o bico na casca esculpida de modo realista. Lewis e Tarby estavam brincando há um tempo naquela floresta petrificada, mas agora iam ficando cansados. O sol, vermelho como o sol de tomate no vitral de Jonathan, estava se pondo entre dois pinheiros retorcidos. Lewis estremeceu e fechou o zíper da jaqueta.

— Vamos voltar para minha casa — disse ele. — A Sra. Zimmermann pode fazer um pouco de chocolate para a gente, e eu vou lhe mostrar algumas madeiras petrificadas *de verdade*. Meu tio pegou numa floresta lá no Oeste, uma floresta que virou pedra de verdade.

Tarby parecia chateado, e também parecia mau.

— Quem quer voltar à casa do seu tio velho? É um lugar maluco, se você quer saber. E por que a velha Sra. Zimmermann fica lá o tempo todo? Ela está *apaixonada* por ele? — Tarby abraçou uma árvore de pedra e começou a dar beijos estalados nela. Lewis sentiu vontade de chorar, mas conseguiu segurar as lágrimas.

— Eu... eu aposto que você acha que o meu tio só consegue fazer eclipse da lua — disse Lewis. Soou idiota, mas ele não conseguiu pensar em outra coisa para dizer.

Tarby pareceu sentir interesse, ainda que um pouco entediado.

— Bom — disse ele —, o que mais ele sabe fazer?

Lewis não sabia por que disse o que disse. A coisa simplesmente veio à sua cabeça.

— Meu tio pode trazer os mortos de volta.

Tarby deu um salto por cima de uma das lápides em forma de tronco.

— Ah, claro que pode! — fungou ele. — Olha, o seu tio é uma fraude. Naquela noite, quando ele fez parecer que a lua tinha sumido e que aquelas coisas estavam acontecendo, ele só *hipnotizou* a gente. Meu pai disse que foi provavelmente isso que aconteceu.

Lewis o encarou.

— Você disse que nunca ia contar a ninguém sobre o que a gente fez naquela noite. Lembra? Eu fiz você prometer.

Tarby olhou para o outro lado.

— Ah, é, acho que eu prometi. Desculpe.

Os dois ficaram sentados em silêncio durante um longo tempo. Não sobrava nada do sol, a não ser uma fraca luz vermelha. Um vento noturno tinha começado a soprar, e agitou a grama comprida nas sepulturas. Finalmente Lewis se levantou e falou. Sua voz saiu do fundo da garganta.

— E se eu, sem ajuda, trouxesse um morto de volta?

Tarby olhou para ele. Deu um risinho.

— Cara, isso seria divertido. Já estou vendo você disparar pela rua Principal no meio da noite, com um fantasma correndo atrás. — Tarby se levantou e balançou os braços. — *Uuuuu-uuuu!* — uivou. — Eu sou o fantasma do mistéééé-rio! *Uuuuu-uuuu!*

O rosto de Lewis estava ficando vermelho.

— Quer ver eu fazer isso?

— Quero — disse Tarby. — Quero. Quando você vai fazer?

— Eu aviso — disse Lewis, ainda que não tivesse a menor ideia do que iria fazer, ou de quando iria fazer, ou de como iria fazer. Só sabia que precisava tentar, se quisesse manter seu único amigo em Nova Zebedee.

Durante aquela semana antes do Dia das Bruxas, Lewis passou um bocado de tempo no escritório do tio. Normalmente não havia problema em Lewis remexer na biblioteca, mas se Jonathan soubesse que livros ele estava olhando agora teria impedido. Lewis sabia disso, e sempre esperava até Jonathan sair para fazer uma visita, tirar as folhas caídas no quintal ou amarrar feixes de espigas na horta. Quando tinha certeza de que não seria perturbado, Lewis puxava as portas deslizantes, entrava pé ante pé no escritório e empurrava a escada até a parte da biblioteca que continha os livros de magia de Jonathan. Ele tinha proibido o sobrinho de examinar aqueles livros sem sua permissão, por isso Lewis se sentia

muito mal com relação ao que estava fazendo. Sentia-se mal com relação ao negócio todo. Mas mesmo assim continuou.

Examinou todos os volumes antigos e estranhos, com seus pentáculos e pentagramas, seus anagramas, talismãs e abracadabras, e longos encantamentos impressos em letras antigas. Mas passava a maior parte do tempo com um grande volume de couro preto intitulado *Necromancia*. A necromancia é o ramo da magia que trata do despertar dos mortos. O frontispício do livro era uma gravura que mostrava o Dr. John Dee, astrólogo pessoal da rainha Elizabeth I da Inglaterra, junto com seu assistente, Michael Kelly, trazendo de volta o espírito de uma mulher morta num pátio de igreja na Inglaterra à meia-noite. Os dois homens estavam dentro de um círculo de giz desenhado no chão. A borda do círculo era coberta por estranhos símbolos e palavras. Do lado de fora do círculo encantado pairava uma figura vestida com uma camisola comprida e com uma estranha touca de babado na cabeça, do tipo com a qual as mulheres eram enterradas antigamente. Lewis vivia voltando à ilustração porque ela o assustava. Mas leu o resto do livro. Leu todo, e decorou alguns dos encantos. Chegou a copiar um dos pentagramas num pedaço de papel e colocou-o no bolso.

O Dia das Bruxas estava escuro e cheio de vento. Lewis sentou-se na janela de seu quarto e ficou olhando o vento arrancar as poucas folhas marrons que restavam nas árvores. Sentia-se triste e amedrontado. Estava triste porque tinha desobedecido ao tio, que sempre era gentil com ele. E estava amedrontado porque tinha prometido a Tarby que iria se encontrar com ele no cemitério à meia-noite do Dia das Bruxas, para que os dois pudessem trazer de volta o espírito de uma pessoa morta. Ou tentar. Lewis não achava que daria certo, e meio que esperava que não desse.

Já haviam escolhido o túmulo. Era um mausoléu na encosta do morro onde ficava o cemitério. Lewis não sabia nada sobre quem estava enterrado no túmulo. Tarby também não. Nem mesmo havia um nome na porta. Mas qualquer que fosse o nome, provavelmente começava com *O*, porque havia um *O* no triângulo acima do pesado arco de pedra. Era um tipo engraçado de *O*, assim:



Durante o jantar, naquela noite, Lewis não falou muito. Isso era estranho, porque em geral ele falava sem parar sobre qualquer coisa, especialmente as coisas que não sabia. Jonathan perguntou se ele estava bem, e Lewis disse que era claro que estava bem, qualquer pessoa poderia ver isso. Jonathan e a Sra. Zimmermann trocaram olhares preocupados e o encararam de novo, mas Lewis continuou comendo de cabeça baixa. No final da refeição, empurrou a cadeira para trás e anunciou que não ia pedir doces na vizinhança, porque estava velho demais para isso.

— Quer dizer que você não vem à minha casa tomar sidra e comer bolinhos? — perguntou a Sra. Zimmermann. — Porque, se for assim, eu vou aparecer à meia-noite ao pé da sua cama fazendo o papel de Griselda Gargalhante, o cadáver ressuscitado. É uma coisa horrível de se ver.

Lewis levantou a cabeça. Havia um olhar estranho em seu rosto, mas ele conseguiu forçar a boca a sorrir.

— Não, Sra. Zimmermann. Eu não perderia uma de suas festas com sidra e bolinhos por nada do mundo. Mas agora preciso subir até o meu quarto e terminar um dos livros de John L. Stoddard. Eu cheguei na parte empolgante. — Em seguida ele se levantou de um salto, pediu licença e subiu a escada.

Jonathan olhou para a Sra. Zimmermann.

— Tenho a sensação de que algo está sendo aprontado.

— Um viva para sua mente rápida como um raio — disse a Sra. Zimmermann. — Sim, algo está sendo aprontado, e *eu* tenho a sensação de que nós não vamos saber o que é até que esteja acabado.

— Talvez não — disse Jonathan enquanto acendia o cachimbo. — Mas não posso acreditar que Lewis esteja metido em alguma coisa ruim. E certamente não vou pegar no pé dele como um padraço mau. Mesmo assim, gostaria de saber o que ele está tramando.

— Eu também — disse a Sra. Zimmermann pensativa. — Você acha que tem alguma coisa a ver com Tarby? O braço do garoto está se curando, e provavelmente ele vai estar logo voltando a brincar com os outros garotos. Isso deixa Lewis de fora.

Jonathan coçou o queixo.

— É, talvez seja isso. Terei de falar com ele. Ah, a propósito, você percebeu que o relógio está mais barulhento agora? — Ele estava tentando parecer despreocupado, mas a Sra. Zimmermann podia ver a expressão em seus olhos.

— Percebi — disse ela, fazendo força para sorrir. — Eu também ouvi. Talvez, se nós ignorarmos, o barulho diminua. Uma coisa é certa: não vai adiantar nada você andar pela casa com um pé de cabra arrebatando o lambri e olhando por dentro das paredes.

— Acho que não — disse Jonathan, suspirando. — Mas talvez eu consiga descobrir essa coisa por pura insistência. Por outro lado, significaria arrebatando a casa, e não estou preparado para fazer isso. Não enquanto eu não tiver uma ideia mais clara de que o relógio é uma coisa que pode nos fazer algum mal. E por enquanto só posso tentar adivinhar. Estou tentando adivinhar até mesmo quando digo que é um relógio de verdade, um relógio físico, e não alguma ilusão deixada aqui pelo velho Isaac Izard para enlouquecer as pessoas.

— É melhor não pensar nisso. Pelo menos enquanto você não for obrigado. Você não pode se preparar para todos os desastres que podem acontecer neste nosso mundo apavorante. Se o diabo aparecer ou se nós descobirmos que o fim do mundo está chegando, faremos alguma coisa.

— Mm-hmmm. Nós nos esconderemos no porão. Venha. Vamos lavar os pratos.

Lewis desceu do quarto às dez horas e foi até a casa vizinha para a sidra com bolinhos. Encontrou Jonathan e a Sra. Zimmermann esperando na sala de jantar. Numa das extremidades da sala comprida havia uma grande mesa redonda, de carvalho, que estava coberta com uma toalha xadrez. Sobre a mesa havia uma

grande jarra de sidra e um prato de bolinhos açucarados, ou “bolos fritos”, como dizia a Sra. Zimmermann. Na outra ponta da sala, um fogo violeta estalava na lareira. Sombras roxas corriam de um lado para outro sobre o tapete e, em cima da lareira, o dragão roxo da pintura parecia se retorcer. Parecia realmente muito feroz.

— Boa noite, Lewis — disse Jonathan. — Puxe uma cadeira e mergulhe de cabeça.

Depois de Lewis ter comido dois ou três bolinhos e bebido quatro copos grandes de sidra, Jonathan anunciou que a diversão daquela noite seria Ilusões Históricas, ou Cenas Famosas do Passado. Perguntou a Lewis que cena do passado ele gostaria de ver.

Lewis respondeu imediatamente:

— Quero ver a derrota da Armada espanhola. Não as cenas de batalha, porque eu li tudo sobre elas no livro de John L. Stoddard. Mas ele não diz o que aconteceu quando os navios tiveram de velejar em volta da Inglaterra e da Escócia para voltar para casa. Quero ver essa parte.

— Muito bem — disse Jonathan. — Vamos nos sentar perto do fogo.

Eles se levantaram e foram até a lareira, onde três poltronas grandes e confortáveis esperavam. Quando estavam todos acomodados, Jonathan apontou seu cachimbo para as duas luzes elétricas acima da lareira. Lentamente elas começaram a diminuir o brilho, piscaram e se apagaram. Em seguida as lâmpadas do candelabro em cima da mesa começaram a fazer a mesma coisa. Era como ver as luzes se apagando num teatro. Lewis sentiu alguma coisa coçando em suas narinas e sua língua. Era o cheiro e o gosto de sal. Uma névoa granulosa soprou dentro da sala, e Lewis se viu em cima de um penhasco coberto de capim. Jonathan estava à sua esquerda e a Sra. Zimmermann à direita. Diante deles se agitava um mar frio e cinzento.

— Onde nós estamos? — perguntou Lewis.

— Estamos em cima do John O’Groats — disse Jonathan. — É o ponto mais ao norte da Escócia. O ano é 1588, e lá está a Armada, ou o que restou dela. Você vai precisar do telescópio para ver.

— Telescópio? — perguntou Lewis, e então percebeu que estavam numa pequena plataforma de pedra atrás de um muro baixo. Era o tipo de muro que a gente encontra em mirantes nos parques estaduais. E preso em cima do muro havia um pequeno telescópio que funcionava com moedas, com instruções escritas debaixo de um vidro. Lewis se curvou e olhou o cartão, que dizia:

VEJA A ARMADA

Última chance este ano

Deposite cinco xelins, por favor.

Jonathan enfiou a mão no colete e tirou duas grandes moedas de prata. Entregou-as a Lewis. Eram meias-coroas, e cada uma valia dois xelins e meio no antigo dinheiro da Grã-Bretanha. Lewis enfiou as moedas na fenda. Houve um zumbido. Ele encostou o olho no telescópio e espiou.

A princípio só viu um borrão leitoso, mas, depois de mexer um pouco no anel de foco, pôde ver vários galeões grandes atravessando lentamente as ondas. As velas estavam cortadas e rasgadas, e as cordas voavam loucamente ao vento. As longas fileiras de portinholas dos canhões estavam fechadas por causa do mar forte, e Lewis podia ver remendos nas laterais de três ou quatro navios. Um dos cascos tinha uma corda passada pelo meio, presumivelmente para que não se rompesse.

Enquanto Lewis olhava, os navios prosseguiam. Agora podia ver as altas popas enfeitadas. Esculturas de santos, bispos e dragões sustentavam janelas douradas ou se agarravam aos cantos cheios de arabescos. Lewis percebeu que várias estátuas estavam sem braços, mãos ou cabeças. Um bispo de cara feia usava a mitra meio caída.

Lewis virou o telescópio. Agora estava olhando um homenzinho estranho. O sujeito andava pelo convés do navio maior, o de aparência mais rica, porém o mais danificado de todos. Usava uma capa preta que mal chegava aos joelhos, e estava tremendo. Suas costeletas eram compridas e escorridas, e ele parecia muito preocupado.

— Quem é o homem no navio grande? — perguntou Lewis.

— Aquele é o duque de Medina-Sidonia — disse Jonathan. — É o capitão-geral do *Mar Oceano*, o que significa que é comandante da Armada. Daquela

coisa meio arreventada pelos tiros, quase afundando. Aposto que ele gostaria de estar em casa agora.

Lewis sentiu pena do pobre duque. Quando estava lendo o livro de John L. Stoddard na cama, na noite anterior, desejou estar ali, nos Mares Estreitos, comandando um atarracado galeão inglês. Teria esvaziado canhão após canhão na nau capitânia do duque, até que ela afundasse. Mas agora queria ajudar o homem, se pudesse.

Enquanto Lewis pensava, Jonathan deu-lhe um tapinha no ombro e apontou para algo que Lewis não tinha visto antes. Ali, montado sobre o muro, havia um canhão. Um canhão de latão, que lançava balas de doze quilos, com uma carreta de madeira e cordas que iam de anéis na base da carreta até outros anéis no muro. As cordas serviam para impedir que o canhão descesse o morro depois de disparar.

— Venha, Lewis. Vamos dar um tiro na Armada. Não é isso que você sempre quis fazer? Ele está carregado e pronto para disparar. Venha!

Lewis pareceu que ia ficar enjoado. Lágrimas vieram aos seus olhos.

— Ah, não, tio Jonathan! Eu não posso! O coitado do duque e os homens dele. Não podemos fazer nada por eles?

Jonathan olhou para Lewis e esfregou o queixo.

— Sabe — disse lentamente —, para um garoto que adora brincar de cercos e guerra, você é notavelmente pacífico. Isto é, quando confrontado com a coisa de verdade. Isto aqui é uma ilusão, como podia ter dito antes. Na verdade nós ainda estamos na sala de jantar da Sra. Zimmermann, com a mesa de um lado e a lareira roxa do outro. Se você tocar naquela pedra ali, a sensação vai ser a de uma poltrona. O duque e seus navios lá adiante são menos reais do que fumaça e névoa, assim como o canhão. Ande, dê um tiro.

Lewis se animou. Isso seria divertido. Um soldado apareceu do nada, vestido com o uniforme vermelho de alabardeiro inglês. Ele entregou a Lewis uma mecha acesa na ponta de uma haste comprida. Lewis a encostou no ouvido do canhão. *Bum!* O canhão saltou para trás, forçando as cordas. Uma fumaça acre subiu. Jonathan, que estava brigando com a Sra. Zimmermann para usar o telescópio, falou:

— Acho que... ah, ande, Florence, arranje o seu próprio buraco de espiar... eu acho... sim, você derrubou a vela de espicha dianteira.

Lewis ficou satisfeito, mesmo não sabendo o que era uma vela de espicha dianteira. O soldado recarregou o canhão, e Lewis disparou de novo. Dessa vez derrubou um bispo de madeira da popa muito ornamentada. Disparou várias vezes, e então Jonathan fez um gesto, e outro soldado subiu correndo o morro trazendo um balde de madeira cheio de bolas de canhão que chiavam, num vermelho incandescente, ou “batatas quentes”, como os marinheiros elisabetanos costumavam chamá-las.

Os dois soldados carregaram o canhão. Primeiro puseram um bocado de pólvora. Depois enfiaram chumaços molhados para impedir que a bala do canhão incendiasse a pólvora. Depois vinha a bala. Ela sibilou e soltou fumaça quando tocou nos chumaços. Lewis aplicou a mecha de novo, e o canhão saltou para trás. Ele viu a bala ir zumbindo até o galeão do duque. Parecia uma lua cheia, louca e minúscula. Quando a bala acertou, o navio irrompeu em chamas. O duque barbudo velejou para o céu, tocando uma harpa e sentado num bolinho açucarado. E agora Lewis, Jonathan e a Sra. Zimmermann estavam de volta à sala de jantar, diante da lareira.

— Bom! — disse Jonathan, esfregando as mãos. — E o que você gostaria de ver em seguida?

Lewis pensou um pouco. Estava tão empolgado e feliz que quase tinha esquecido do que precisava fazer mais tarde.

— Gostaria de ver a batalha de Waterloo.

Jonathan balançou o cachimbo e as luzes se apagaram de novo. Agora eles estavam em cima de um morro enlameado na Bélgica. O ano era 1815. Estava chovendo, uma garoa constante e enfumaçada escondia parte do morro que havia diante deles. No vale abaixo havia pequenos quadrados vermelhos. Enquanto olhavam, setas azuis se chocaram contra esses quadrados, cortando-os, transformando-os em paralelogramas, trapezoides e romboides, mas não os cortaram. Pequenos sopros de fumaça saltaram no morro do outro lado. Fizeram Lewis se lembrar de cogumelos. Atrás dele viu gêiseres de terra e pedaços de pedras voando.

— A artilharia de Napoleão — disse Jonathan calmamente. Mais cogumelos brotaram no morro deles enquanto Wellington respondia com seus canhões. Foguetes explodiam acima, verdes, azuis e brancos, chiando, e, claro, de um púrpura lindo. Bandeiras subiam no vale, baixavam, subiam e caíam de novo. Lewis, Jonathan e a Sra. Zimmermann olhavam tudo por trás de um muro baixo que se parecia muito com aquele sobre o John O’Groats.

Depois do que pareceu um longo tempo, Lewis percebeu uma figura de pé à direita deles. Um homem alto e magro, com chapéu de lado e uma capa preta e curta. Lewis o reconheceu imediatamente. Era Wellington. Parecia exatamente como na *História do mundo* de John Clark Ridpath.

Wellington examinou o horizonte com seu telescópio. Depois, parecendo triste, fechou o telescópio e pegou o relógio. O relógio, que se parecia com o que a Sra. Zimmermann usava pendurado numa corrente, bateu oito vezes. Wellington revirou os olhos para o céu, pôs a mão no coração e disse, gravemente:

— Ah, se chegasse Blücher ou a noite!

— Por que ele disse isso, tio Jonathan? — perguntou Lewis. Ele havia olhado todas as ilustrações do livro de Ridpath, mas nunca tinha lido o relato da batalha.

— Blücher é um general prussiano que está vindo ajudar Wellington. Napoleão mandou Grouchy manter Blücher ocupado.

— Jonathan, você acha que Wellington vai vencer dessa vez? — perguntou a Sra. Zimmermann.

— Não sei, Florence. Espere e veja.

Como era a ilusão de Jonathan e não a batalha real, e como ele estava se sentindo meio doido naquela noite, decidiu deixar que Napoleão vencesse, para variar. A noite caiu com um estalo, como um livro despencando de uma estante, mas Blücher não veio. As setas azuis cortaram os quadrados vermelhos, partiram-nos, despedaçaram. Depois as setas azuis se transformaram num exército que marchava morro acima, um exército de homens altos usando chapéus de pele de urso que os tornavam ainda mais altos. Tinham bigodes compridos e pretos, e levavam mosquetes com baionetas nas pontas. Estavam vindo pegar Wellington, que agora parecia muito vermelho e irritado. Ele arrancou o chapéu e o pisoteou. Jogou o relógio no chão e pisou nele também.

— Aaahhhrrrgh! — gritou ele. — Maldito horário de Greenwich! Muito maldito! Quero ir para casa *agora*!

Diante disso a cena mudou, e Lewis, o tio Jonathan e a Sra. Zimmermann estavam de volta à sala de jantar escura e sombria, diante do fogo. O relógio de porcelana roxo sobre a lareira bateu onze vezes, baixinho. Toda a apresentação tinha durado apenas uma hora.

Jonathan se levantou, se espreguiçou, bocejou e sugeriu que todos fossem para a cama. Lewis agradeceu à Sra. Zimmermann pela festa maravilhosa e foi para casa com Jonathan. Subiu para o seu quarto, mas não dormiu.

CAPÍTULO CINCO

Enquanto os ponteiros luminosos do despertador na mesinha de cabeceira se arrastavam em direção à meia-noite, Lewis permanecia deitado, totalmente vestido, debaixo das cobertas. O quarto estava escuro. Seu coração martelava, e ele ficava dizendo a si mesmo: “Gostaria de não ter de fazer isso. Gostaria de não ter de fazer isso.”

Tateou no bolso da calça em busca do pedaço de papel com o círculo mágico copiado. Havia um pedaço grosso de giz no outro bolso. E se o tio Jonathan entrasse no quarto para ver se estava tudo bem? Ele teria de puxar as cobertas até o queixo e fingir que estava dormindo. *Tic-tac-tic-tac-tic-tac*. Lewis desejou que já fosse a semana seguinte, e que não tivesse feito aquela promessa estúpida a Tarby. Fechou os olhos e ficou olhando os desenhos que se formavam dentro das pálpebras.

Minutos se passaram. De repente Lewis se levantou. Jogou as cobertas para longe e olhou o relógio. Era meia-noite e cinco! Tinha prometido encontrar Tarby no cemitério à meia-noite, e agora iria se atrasar! O que poderia fazer? Tarby não esperaria. Iria para casa, e no dia seguinte contaria a todos os amigos que Lewis tinha se acovardado.

Lewis esfregou o rosto e tentou pensar. O cemitério ficava em cima de um morro comprido, do outro lado do parque do riacho Wilder. Era preciso caminhar oitocentos metros depois dos limites da cidade para chegar à estrada que subia o morro. Havia um atalho, claro, mas Lewis não pretendia pegá-lo. Agora não tinha opção.

Devagar, cuidadosamente, levantou-se. Ajoelhou-se e tateou debaixo da cama para pegar a lanterna. Era uma lanterna comprida, antiquada, com cabo estriado e uma grande lâmpada comprida na ponta. O metal estava frio e escorregadio em sua mão. Ele foi até o armário e vestiu a jaqueta grossa. Estaria frio lá no Morro do Cemitério.

Abriu a porta do quarto. O corredor estava escuro, como sempre, e no quarto ao lado dava para ouvir o tio Jonathan roncando. Lewis sentiu um espanto. Era como estar com o estômago enjoado. Desejou de todo o coração poder entrar correndo no quarto de Jonathan, acordá-lo e dizer tudo sobre a aventura em que

ia se meter, e por que tinha de realizá-la. Mas não fez nada disso. Seguiu na ponta dos pés pelo corredor e abriu a porta que dava na escada dos fundos.

Não demorou muito até Lewis chegar ao outro lado da cidade. Quando alcançou a placa onde estava escrito LIMITE DA CIDADE, procurou na lateral da estrada até encontrar uma pequena escada de madeira que descia pelo barranco de cascalho até o parque do riacho Wilder. O riacho era bastante raso naquele ponto, e Lewis o atravessou. A água estava gélida nos seus tornozelos. Quando chegou do outro lado, ele olhou para cima. Suas mãos estavam suadas, e ele quase fez a volta e foi para casa.

Estava olhando o Morro do Cemitério. Era um morro alto, com o topo chato, cortado em dois lugares por uma estreita estrada de terra. Não era difícil de subir: as crianças de Nova Zebedee subiam e desciam todo dia, durante o verão. Mas para Lewis, que tinha medo de altura, podia muito bem ser o Monte Everest.

Lewis olhou para o morro escuro e engoliu em seco algumas vezes. Talvez, se fizesse o caminho mais comprido rodeando... não, já estava muito atrasado, e Tarby podia ficar chateado e ir para casa. A última coisa que Lewis queria era estar no cemitério sozinho àquela hora da noite. Apertou a lanterna com força e começou a subir.

No primeiro patamar, parou. Respirava ofegante, e a frente da jaqueta estava toda suada. Estava com manchas pretas nos joelhos das calças e um graveto enfiado no sapato. Mais dois estágios. Lewis trincou os dentes e continuou.

No topo do morro se ajoelhou e fez o sinal da cruz várias vezes. O suor estava descendo pelo rosto, e ele podia sentir o coração martelando. Bom, tinha conseguido. Não era um grande triunfo, porque Tarby provavelmente tinha subido a encosta num décimo do tempo que ele havia demorado. Mas pelo menos tinha conseguido.

Lewis olhou em volta. Estava na beira de uma longa avenida ladeada de árvores. Os galhos nus dos salgueiros balançavam ao vento, e ele estremeceu. Fazia muito frio e ele se sentia sozinho. No fim da avenida o portão cinzento do cemitério brilhava. Lewis começou a andar naquela direção.

O portão do cemitério era um grosso arco de pedra coberto por entalhes elaborados. Na parte de cima estavam inscritas as seguintes palavras:

A TROMBETA SOARÁ
E
OS MORTOS LEVANTAR-SE-ÃO

Lewis empurrou o portão de ferro, que se abriu com um rangido, e passou rapidamente pelas fileiras de lápides brancas. O mausoléu ficava do outro lado do Morro do Cemitério, o lado que dava no vale profundo depois da cidade. Um pequeno caminho estreito levava à plataforma de pedra na frente das portas da tumba. Onde estava Tarby?

Enquanto Lewis olhava em volta alguém disse:

— Buuuu!

Lewis quase desmaiou. Era Tarby, claro, escondido na sombra do arco de pedra na frente do mausoléu.

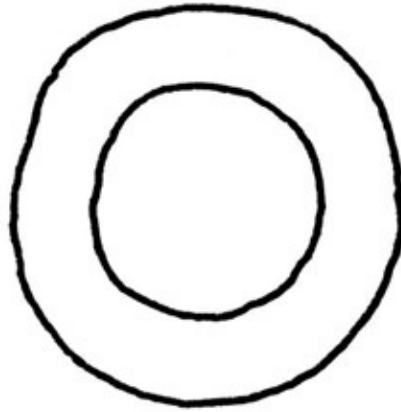
— Oi! Você realmente demorou um bocado — disse Tarby. — Onde você estava?

— Eu demorei para subir — disse Lewis, olhando tristemente para as calças molhadas e sujas.

— Para os gordões é sempre difícil subir. Por que não emagrece um pouco?

— Anda, vamos fazer o que nós viemos fazer — disse Lewis. Estava deprimido.

A laje de pedra rachada e cheia de musgo no patamar da tumba estava agora na sombra do morro. Tudo em volta se encontrava ao luar brilhante. Lewis acendeu a lanterna e passou o facho pálido sobre as feias portas de ferro. Uma corrente grossa segurava as portas, presas com um cadeado grande, em forma de coração. Lewis levantou o facho da lanterna. Ali estava o estranho *O*, na cornija. O vento tinha parado. Tudo estava quieto. Lewis entregou a lanterna a Tarby e se ajoelhou. Pegou o pedaço de papel e o giz. Em seguida desenhou um círculo grande e um pequeno dentro, assim:



Enquanto Tarby segurava firme a lanterna, Lewis preencheu a borda do círculo mágico com símbolos copiados do papel. Quando tinha riscado o último sinal estranho, ainda havia um espaço em branco na borda. Lewis tinha lido no livro de Jonathan que era preciso colocar no espaço o nome da pessoa morta. Mas ele não sabia o nome.

— Bom — disse Tarby —, eu não estou vendo nenhum morto.

— Ainda não terminei. A gente tem de colocar o nome.

Tarby pareceu enojado.

— Quer dizer que você não sabe?

— Não, não sei — suspirou Lewis. — Talvez se a gente ficar aqui parado um ou dois minutos ele venha à nossa cabeça.

Eles se ajoelharam em silêncio diante das portas da tumba. Um súbito sopro de vento arrancou as folhas mortas de um carvalho ali perto. Minutos se passaram. A mente de Lewis estava completamente vazia. Então, por algum motivo, ele pegou o giz.

— Aponte a lanterna para cá — disse ele.

Devagar, cuidadosamente, escreveu um nome. O engraçado era que não estava pensando em nome nenhum. Era como se outra pessoa estivesse guiando sua mão. Com um último movimento do giz ele completou a palavra: *Selenna*. Era um nome estranho. Lewis nunca tinha conhecido alguém chamado Selenna. Nem sabia como pronunciar o nome. Mas ali estava.

Levantou-se com o papel amarrotado na mão. Agora começou a cantar numa voz aguda e nervosa:

— *Aba be-b-e bachabe...*

Parou. Tarby, que estava agachado perto, agarrou seu braço e apertou com força. Do fundo da tumba veio um som. *Buum!* Um som profundo e oco. As portas de ferro se sacudiram, como se tivessem sido golpeadas por dentro. A corrente chacoalhou, e houve um *clang* no chão. O cadeado tinha caído. E agora, enquanto os dois garotos se ajoelhavam, aterrorizados, dois pequenos pontos de luz cinzenta e gélida apareceram. Pairaram e dançaram diante das portas da tumba, que agora estavam escancaradas. E alguma coisa negra — mais negra do que a noite, mais negra do que nanquim derramado na água — escorria pelo espaço entre as portas.

Tarby sacudiu Lewis e apertou seu braço com mais força.

— Corre! — gritou ele.

Os dois pularam por cima do barranco e começaram a descer o morro. Em parte do caminho Lewis deslizou de barriga, com raízes arranhando o rosto. Tentava agarrar o capim molhado e escorregadio, mas não conseguia. Depois começou a rolar e rolar, e em seguida estava escorregando de costas. Pedras arranhavam suas omoplatas e batiam na nuca. E então ele estava sentado na estrada de terra, totalmente tonto, enjoado e apavorado.

A lua saiu de trás de um véu fino de nuvens e olhou para Lewis como se também estivesse apavorada. Tarby estava esparramado junto dele numa vala cheia de mato. Ele se levantou rapidamente e olhou para o morro. Agora estava cutucando o braço de Lewis.

— Vamos! A gente tem de sair daqui! Aquilo pode vir atrás da gente! Ah, vem! Por favor, vem!

Lewis estava atordoado e trêmulo, mas se levantou e foi atrás de Tarby pelos trechos seguintes do morro. Atravessaram o riacho e logo estavam na estrada de cascalho que levava a Nova Zebedee.

Enquanto voltavam, Lewis parava e estremecia. Tarby disse para parar com aquilo.

— Não consigo — disse Lewis, numa voz doente. — Você viu? Foi medonho.

— Eu não sei o que eu vi — disse Tarby, carrancudo. — Talvez fosse a luz da lua, ou alguma coisa.

Lewis o encarou. Será que Tarby estava brincando, ou será que estava tentando negar a si mesmo que tinha visto o que tinha visto? Lewis não sabia, e não se importava. Só sabia que estava terrivelmente apavorado.

Lewis entrou de novo em casa pouco depois das três da madrugada. Subiu a escada dos fundos na ponta dos pés, verificou se o tio estava dormindo — estava — e abriu silenciosamente a porta do seu quarto. Ainda sem fazer barulho, fechou-a depois de entrar. Depois começou a tirar lentamente as roupas molhadas e sujas, que ele embolou e jogou num canto escuro do armário. Onde estava a sua lanterna? Devia estar com Tarby. Pegaria mais tarde com ele. Quanto às roupas, podia lavá-las sem que Jonathan soubesse.

Foi para a cama. Tentou dormir, mas quando fechava os olhos só conseguia ver dois círculos de luz incandescente. Finalmente apagou, mas teve um sonho estranho. Ponteiros de relógios e ossos o estavam caçando em volta de uma alta sepultura de pedra. Lewis acordou assustado e, por um momento, pareceu que seu quarto, e toda a casa, estavam cheios de um tique-taque muito alto.

CAPÍTULO SEIS

Na manhã seguinte, quando Lewis desceu para o café da manhã, Jonathan estava lendo um artigo da primeira página do *Chronicle* de Nova Zebedee. Curioso, Lewis se inclinou sobre o ombro dele e leu o seguinte:

TÚMULO VIOLADO POR VÂNDALOS

Procuram-se respostas para ato absurdo

Ontem à noite vândalos invadiram o mausoléu do Velho Izard no cemitério de Oakridge. As portas da tumba foram encontradas escancaradas, com o cadeado caído no chão, em pedaços. Este incidente maculou um feriado do Dia das Bruxas que, afora isso, foi notavelmente livre de incidentes de vandalismo e destruição por parte de arruaceiros. O que esses monstros humanos esperavam obter está misericordiosamente além de qualquer conjectura, mas devemos esperar...

— Bom dia, Lewis — disse Jonathan, sem levantar os olhos. — Dormiu bem?

Lewis ficou pálido. Será que Jonathan sabia?

A Sra. Zimmermann estava sentada do outro lado da mesa, mastigando seu cereal.

— Diz aí se eles mexeram nos caixões? — perguntou ela.

— Não, não diz — respondeu Jonathan. — O zelador provavelmente só fechou as portas e prendeu com um cadeado novo. Eu não o culparia. Eu não gostaria de olhar na tumba do velho Isaac Izard.

Lewis sentou-se. Havia coisas demais girando em sua cabeça, e ele estava tentando organizá-las.

— Eu... eu estive lá no cemitério umas duas vezes com Tarby, tio Jonathan — disse ele cautelosamente. — Mas não vi nenhuma tumba onde estivesse escrito Izard.

— Ah, bem, ele não queria ter o nome na tumba. Quando mandou arrumá-la para colocar o corpo da esposa, trouxe um escultor para tirar o nome da família e gravar um ômega.

— Um ômega? O que é isso?

— É a última letra do alfabeto grego, e é muito usada pelos feiticeiros. Parece um *O*, só que é aberto embaixo. É o símbolo do Juízo Final, o Fim do Mundo.

Lewis ficou olhando para os pequenos *O* que flutuavam em sua tigela. Forçou-se a comer pelo menos alguns.

— Por que ele quis uma coisa assim no túmulo? — Lewis estava tentando esconder o tremor da voz.

— Só Deus sabe, Lewis. Diga, você não está amedrontado por causa desse negócio de violarem a tumba, está? O velho Isaac Izard já morreu há muito tempo. Ele não vai nos incomodar.

Lewis olhou para Jonathan. Depois olhou para a Sra. Zimmermann. Sabia, sem qualquer dúvida, que eles mal podiam esperar que ele fosse para a escola para discutirem o assunto a sós. Por isso terminou de comer, murmurou um adeus para os dois, pegou seus livros e saiu.

Jonathan e a Sra. Zimmermann realmente queriam discutir sozinhos a violação. Qualquer mexida no túmulo de dois feiticeiros poderosos como Isaac e Selenna Izard era assunto para discussão séria, e eles não queriam amedrontar Lewis com a conversa. Mas não tinham ideia do que Lewis havia feito. Jonathan não tinha o hábito de vigiar o sobrinho durante a noite, por isso não fazia ideia de que Lewis tinha saído de casa. Claro, ele e a Sra. Zimmermann estavam preocupados há algum tempo com o comportamento estranho de Lewis. Mas não o ligaram ao que aconteceu na noite do Dia das Bruxas.

Depois da discussão — que não chegou a conclusão nenhuma, a não ser que havia algum trabalho sujo sendo feito — Jonathan e a Sra. Zimmermann decidiram que seria bom levar Lewis para um passeio no fim da tarde pelo condado de Capharnaum. Sabiam que o garoto adorava passear de carro, e como os dois não saíam com ele já havia algum tempo, acharam que uma excursão talvez afastasse a tristeza.

Mas quando voltou da escola naquele dia, Lewis estava deprimido e preocupado. Estivera pensando o dia inteiro no negócio do túmulo. Assim, quando Jonathan empurrou a cadeira para trás depois do jantar e perguntou se ele gostaria de dar um longo passeio, Lewis simplesmente encolheu os ombros e disse:

— É, acho que eu gostaria — numa voz que parecia a de um gato à beira da morte.

Jonathan olhou para Lewis durante um minuto, mas nada disse. Simplesmente foi pegar as chaves do carro. Logo os três — Jonathan, a Sra. Zimmermann e Lewis — estavam apertados no banco da frente do Muggins Simoon 1935 de Jonathan, um carro grande e preto com estribos e um para-brisa que podia ser aberto. Cuspindo nuvens de fumaça azulada, o carro foi de ré pela entrada de veículos até chegar à rua.

Passearam durante horas, enquanto o brilho do pôr do sol continuava e continuava, e os pequenos vales se enchiam de névoa púrpura. Passaram por celeiros com grandes placas azuis nas laterais onde estava escrito: “MASTIGUE TABACO MAIL POUCH.” Passaram por tratores John Deere verdes parados em valas fundas e lamacentas. Subiam morro e desciam morro, passavam por cruzamentos com vias férreas onde havia placas em forma de X dizendo: VIA ÚNICA, PASSAGEM FÉRREA se você lesse na ordem errada; por pequenos povoados que não eram mais do que uma igreja, uma mercearia com bomba de gasolina do lado de fora e um mastro de bandeira num triângulo de grama verde onde as estradas se encontravam. Quando escureceu, eles estavam a quilômetros de Nova Zebedee.

Estavam a caminho de casa quando — sem qualquer motivo que Lewis percebesse — Jonathan parou o carro. Desligou o motor e ficou sentado olhando a fileira de luzes verdes no painel.

— O que houve, tio Jonathan?

— Eu fico imaginando que estou ouvindo um carro em algum lugar. Você ouve, Florence?

— Sim, ouço — disse a Sra. Zimmermann, lançando-lhe um olhar perplexo. — Mas o que há de estranho nisso? As pessoas podem andar de carro nessas estradas à noite, você sabe.

— É mesmo? — disse Jonathan numa voz estranha. Em seguida abriu a porta do carro e saiu. — Fiquem aí — disse a eles. Depois seguiu um pouco pela estrada e ficou parado, ouvindo. Mesmo com a porta do carro aberta, Lewis não podia ouvir nada além do vento nas árvores da beira da estrada e o barulho de uma placa de lata batendo numa cerca de arame farpado. O carro estava parado

perto do topo de um morro alto, e então Lewis pôde ver faróis surgindo numa lombada e mergulhando antes da seguinte.

Jonathan voltou correndo para o carro. Bateu a porta e deu partida no motor. Com um guincho de pneus, fez um retorno e voltou na direção de onde tinham vindo.

Lewis estava assustado.

— O que há de errado, tio Jonathan?

— Pergunte mais tarde, Lewis. Florence, qual é o melhor caminho, um caminho diferente, para voltar a Nova Zebedee?

— Pegue a próxima estrada à sua direita. É a estrada Doze Milhas, que vai dar na estrada do riacho Wilder. E pise fundo. Eles estão se aproximando.

Muitas vezes, quando estivera andando de carro com o pai e a mãe, Lewis tinha fingido que estavam sendo seguidos por algum carro. Era um bom jogo para passar o tempo em viagens longas, e agora ele se lembrou de que sempre ficava desapontado quando o carro misterioso entrava numa rua lateral ou numa casa. Mas naquela noite o jogo era de verdade.

Passaram por curvas fechadas, desviando-se perigosamente para a beira da estrada e cantando pneus. Morro acima, morro abaixo, depois fazendo cento e dez a cento e trinta quilômetros por hora nas retas, que nunca eram retas por muito tempo naquelas sinuosas estradas campestres. Lewis nunca tinha visto Jonathan dirigir tão rápido, ou com tanta imprudência. Mas não importava o quanto corresse, os dois círculos de luz continuavam no retrovisor.

Tanto a Sra. Zimmermann quanto o tio Jonathan pareciam saber quem ou o que estava no carro atrás deles — ou pelo menos pareciam saber que era alguém com capacidade de lhes fazer mal. Mas falavam o mínimo possível, a não ser para decidir ocasionalmente que direção tomar. Assim Lewis ficou ali, tentando se sentir confortado pelas luzes verdes do painel e pelo sopro quente do aquecedor nos joelhos. Claro, também se sentia confortado pelos dois feiticeiros, aqueles corpos quentes e amigáveis encostados no seu em meio à escuridão penugenta. Mas sabia que eles estavam apavorados, e isso o deixava apavorado em dobro.

Quem estava atrás deles? Por que o tio Jonathan ou a Sra. Zimmermann simplesmente não balançava o braço e transformava o carro maligno num monte

de lata queimada? Lewis olhou para os faróis refletidos, e pensou no que tinha visto no cemitério, e no que o tio Jonathan tinha contado sobre os óculos da Sra. Izard. Estava começando a formar uma teoria sobre como todas essas coisas se ajustavam.

O carro disparava, cuspidando pedras debaixo dos pneus. Descia em depressões ladeadas por árvores escuras e esqueléticas, subia morros altos, e o tempo todo a lua branca que ia se pondo parecia correr para acompanhá-los. Cobriram boa parte do condado de Capharnaum naquela noite, porque o caminho que tomaram era muito longo. Depois do que pareceram horas, chegaram a um lugar onde três estradas se encontravam. Quando o carro guinchou ao fazer a curva, Lewis viu — por alguns segundos — um canhão da Guerra Civil branco de geada, uma igreja de madeira com vitrais sujos e uma mercearia com uma vitrine escura onde estava escrito: SALADA.

— Agora nós estamos na estrada do riacho Wilder, Lewis — disse a Sra. Zimmermann, passando o braço ao redor dele. — Não vai demorar. Não tenha medo.

O carro continuava a toda. O capim morto da beira da estrada se curvava ao vento quente do veículo, e os galhos das árvores chicoteavam o teto de metal. Os pontos brancos incandescentes dançavam no retrovisor como antes, e pareciam estar chegando mais perto. Nunca, desde o início da caçada, tinham estado a uma distância equivalente a mais do que dois ou três carros.

Jonathan apertou o acelerador até o fundo. O ponteiro subiu para cento e trinta, o que era perigoso, para dizer o mínimo, naquelas estradas. Mas o perigo maior estava atrás, por isso Jonathan fazia as grandes curvas da melhor forma possível, e os pneus cantavam, e os para-choques quase tocavam o asfalto mais grosso do acostamento. Essa estrada era asfaltada, e era possível andar mais rápido nela do que nas de terra.

Finalmente chegaram ao topo de um morro alto e, lá embaixo, brilhando pacificamente à luz das estrelas — a lua já havia se posto há algum tempo —, estava o riacho Wilder. Lá estava a ponte, um emaranhado de treliças pretas. Eles desceram o morro na disparada, cada vez mais rápido. O carro atrás seguia igualmente rápido. Estavam quase na ponte quando as luzes no retrovisor fizeram uma coisa que os faróis nunca tinham feito antes. Cresceram e ficaram mais brilhantes até que o reflexo era uma barra ofuscante de luz branca. Lewis apertou

as mãos contra os olhos. Será que tinha ficado cego? Será que Jonathan tinha ficado cego também? Será que o carro ia bater ou...

De repente Lewis ouviu o barulho alto das tábuas da ponte debaixo do carro. Tirou a mão do rosto. Conseguia enxergar. Jonathan estava sorrindo e pisando o freio. A Sra. Zimmermann deu um suspiro profundo, de alívio. Tinham atravessado a ponte.

Quando Jonathan abriu a porta para sair, Lewis girou no banco e viu que o outro carro tinha parado logo antes de entrar na ponte. Agora os faróis estavam escuros, a não ser por dois pontos pequenos e amarelos. Lewis não sabia se havia alguém no carro, porque o para-brisa estava coberto por uma luminosidade vazia e meio prateada.

Jonathan ficou parado, com as mãos nos quadris, olhando. Agora não parecia ter medo do outro carro. Lentamente o veículo misterioso fez a volta e foi embora. Quando Jonathan voltou a entrar no Muggins Simoon, estava rindo.

— Acabou, Lewis, relaxe. Bruxos e outras coisas malignas não podem atravessar a água. É uma regra antiga, mas ainda funciona.

— Você pode acrescentar o fato — disse a Sra. Zimmermann em seu tom mais pedante — de que Elihu Clabbernong construiu aquela ponte de ferro em 1892. Ele deveria ter feito isso pelo condado, mas na verdade estava tentando se certificar de que o fantasma de seu tio morto, Jedediah, não atravessasse o rio para pegá-lo. Bom, Elihu era um *warlock* em meio expediente, e o que ele pôs no ferro da ponte...

— Ah, santo Deus! — exclamou Jonathan, cobrindo os ouvidos. — Você vai contar toda a história do condado de Capharnaum às quatro da madrugada?

— É *tão* tarde assim? — perguntou Lewis.

— Tanto ou mais — disse Jonathan, cansado. — Foi um tremendo passeio.

Continuaram indo para Nova Zebedee. No caminho pararam num restaurante que funcionava a noite inteira e comeram um grande desjejum com *waffles*, ovos, batatas fritas, salsicha, café e leite. Depois sentaram-se durante longo tempo falando da escapada. Lewis fez um bocado de perguntas, mas não obteve muitas respostas.

Quando chegaram a Nova Zebedee já estava amanhecendo. Era um dia nublado de novembro. A cidade e seus morros pareciam estar nadando numa névoa cinzenta e granulosa. Quando Jonathan parou na frente da casa, falou:

— Há alguma coisa errada, Florence. Fique no carro com Lewis.

— Minha nossa! — exclamou ela, franzindo a boca. — O que mais pode acontecer?

Jonathan abriu o portão de ferro e marchou pela entrada. De onde estava sentado, Lewis podia ver que a porta da frente estava aberta. Isso poderia ser facilmente explicável, já que as pessoas em Nova Zebedee nunca trancavam as portas, e algumas vezes as linguetas das fechaduras não ficavam firmes quando as portas eram batidas. Jonathan desapareceu dentro da casa e só voltou depois de dez minutos. Quando reapareceu, parecia preocupado.

— Venha, Florence — falou, abrindo a porta do lado dela. — É seguro entrar, eu acho. Mas a casa foi invadida.

Lewis irrompeu em lágrimas.

— Eles não roubaram seu cachimbo d'água, roubaram? Ou as moedas Bom-Pôr?

Jonathan deu um sorriso débil.

— Não, Lewis, acho que não é tão simples assim. Alguém estava procurando alguma coisa, e acho que encontrou. Venham.

Lewis esperava achar a casa numa desordem total, com cadeiras e abajures quebrados e coisas espalhadas. Mas quando chegou ao saguão da frente, encontrou tudo em ordem. Pelo menos era o que parecia. Jonathan deu-lhe um tapinha no ombro e apontou para o teto.

— Olhe lá — falou.

Lewis ficou boquiaberto. O copo de latão que cobria o lugar onde o lustre se juntava ao teto tinha sido solto. Estava pendurado no meio da corrente.

— Está assim na casa inteira — disse Jonathan. — O copo de cada luminária de parede e cada lustre foi solto. Algumas cadeiras foram viradas e dois vasos foram quebrados, só para fingir que foi uma invasão comum. Mas nós não

devemos nos enganar. Quem fez isso tinha uma ideia geral de onde procurar. Venham aqui.

Jonathan guiou Lewis e a Sra. Zimmermann até a sala da frente, um cômodo pouco usado, cheio de pequenas cadeiras e poltronas de veludo vermelho. Na parede acima do órgão havia uma luminária de latão parecida com todas as outras da casa: um objeto azinhavrado, em forma de copo, preso à parede, e um pequeno tubo de latão tordo saindo de dentro. No fim do tubo havia um bocal e uma lâmpada com uma cúpula rosa que terminava num babado.

— Achei que o senhor tinha dito que o copo estava solto — disse Lewis.

— Estava. Está — disse Jonathan. — Neste caso a pessoa tentou colocá-lo de volta como estava, o que foi meio estúpido, já que todos os outros da casa estão soltos. Alguns escorregaram até a base. Mas acho que a pessoa estava tentando, de um modo desajeitado, impedir que eu olhasse este com muita atenção.

Jonathan puxou uma cadeira e subiu em cima. Depois puxou o copo para fora e olhou dentro. Em seguida desceu e foi até a entrada do porão, para pegar uma lanterna. Quando voltou, a Sra. Zimmermann e Lewis tinham se revezado olhando o copo. Os dois estavam perplexos. O que viram dentro da tigela oxidada era uma mancha de ferrugem esverdeada. Fez Lewis se lembrar da substância que ficava nas rachaduras e reentrâncias das moedas de cobre romanas com as quais jogavam pôquer. Era a marca de uma coisa que tinha ficado escondida dentro do antigo copo de latão por muito, muito tempo. A marca era assim:



— Parece uma chave de relógio — disse Lewis numa voz fraca, gutural.

— É, parece mesmo — disse Jonathan. Ele apontou a luz para dentro do copo e forçou a vista.

— Tio Jonathan, o que isso tudo significa? — Lewis parecia a ponto de chorar.

— Eu gostaria de saber. Realmente gostaria de saber.

CAPÍTULO SETE

Naquele mês de novembro choveu muito em Nova Zebedee. A chuva gelada caía constante todas as noites e deixava uma camada de gelo na calçada de manhã. Lewis se sentava junto à janela e olhava a chuva bater na ardósia do telhado da varanda da frente. Sentia-se doente por dentro. Era uma sensação vazia, negra, na boca do estômago. Estava sendo devorado pela culpa e pelo remorso porque sabia o que tinha feito — ou pensava que sabia, pelo menos. Tinha deixado a Sra. Izard sair da tumba, e agora ela havia roubado a chave. A chave que dava corda no relógio mágico que tiquetaqueava de manhã, de tarde e de noite; algumas vezes alto, algumas vezes baixo, mas sempre lá.

O que ia acontecer? Como alguém poderia impedi-la? Será que a mulher tinha usado a chave? O que aconteceria se ela fizesse isso? Lewis não tinha resposta para nenhuma dessas perguntas.

Poderia ter ajudado se ele conseguisse falar tudo com Jonathan, mas aí ele precisaria admitir tudo que tinha feito. E Lewis tinha medo de fazer isso. Não que o tio Jonathan fosse um homem tão difícil de conversar. Era mais fácil do que a maioria das pessoas que ele conhecia, muito mais fácil do que o próprio pai de Lewis. Então, por que tinha medo?

Bom, tinha medo porque tinha medo. Talvez porque sua mãe um dia o ameaçara de mandar para a Casa de Detenção quando ele foi mau. A Casa de Detenção era uma grande casa branca nos limites da cidade onde Lewis tinha morado com os pais. Ficava num morro alto e possuía barras e aramado nas janelas. Os garotos maus eram mandados para lá — pelo menos era o que todo mundo dizia. Lewis não conhecia ninguém que tivesse sido mandado para lá. Claro, a mãe de Lewis nunca iria mandá-lo para lá por ter sido mau. De verdade, não. Mas Lewis não sabia disso, e agora, quando pensava em contar ao tio sobre a noite do Dia das Bruxas, pensava na Casa de Detenção e sentia medo. Não era um medo razoável, considerando o tipo de homem que era Jonathan. Mas Lewis não o conhecia há muito tempo, e de qualquer modo as pessoas nem sempre são muito razoáveis.

E havia outra coisa que fazia aumentar o desespero de Lewis. Ele tinha perdido Tarby. Tinha perdido, apesar de todo o segredo e planejamento — talvez tivesse perdido exatamente por causa disso. Uma coisa era você dizer que

podia trazer os mortos de volta, mas quando fazia isso — bom, as pessoas comuns nunca gostaram muito da companhia dos feiticeiros. Agora Tarby tinha medo de Lewis, ou então estava se divertindo com os outros garotos, os garotos que podiam marcar pontos e pegar bolas altas. Qualquer que fosse o motivo, Lewis não via Tarby desde a noite do Dia das Bruxas.

O mês foi terminando, a chuva continuava caindo, e nada de misterioso ou maligno aconteceu. Até o dia — foi no dia três de dezembro — em que os Hanchett se mudaram.

Os Hanchett moravam do outro lado da rua, numa casa quadrada, marrom-escura e com janelas minúsculas, daquelas que têm pequenos vidros em forma de losango e giram para fora em vez de subir e descer. Os Hanchett eram um casal amigável, de meia-idade, e gostavam muito de Jonathan e da Sra. Zimmermann, mas num dia de manhã tinham ido embora. Dois dias depois do desaparecimento chegou um caminhão e dois homens de uniforme cinzento puseram todos os móveis dos Hanchett dentro do veículo e partiram. Um corretor de imóveis veio e pendurou uma grande placa vermelha na porta da frente. A placa dizia:

OLÁ!
ESTOU À VENDA
Ligue para a Corretora Bispo Barlow
Telefone: 865

Bispo Barlow não era um bispo de verdade. Bispo era apenas seu primeiro nome. Lewis conhecia o sujeito: era um gordo que falava alto e usava óculos escuros o tempo todo, mesmo nos dias chuvosos. Fumava charutos baratos e fedorentos e usava paletós esportivos que pareciam toldos.

Jonathan ficou realmente chateado com a partida dos Hanchett. Telefonou para o filho deles, que era advogado em Osee Five Hills, e descobriu que os Hanchett estavam morando com ele. O casal apavorado não queria falar com Jonathan pelo telefone, e parecia culpá-lo pelo que tinha feito com que fossem embora. O filho não parecia saber o que era. Murmurou alguma coisa sobre fantasmas e “coisas de magia” e desligou.

Um dia Lewis estava voltando da escola para casa quando viu um pequeno caminhão de mudança na frente da antiga casa dos Hanchett. As grandes letras pretas na lateral do caminhão diziam: MUDANÇAS TERMINUS, INC. Lewis já ia

atravessar a rua para ver os homens descarregando o caminhão quando percebeu, chocado, que conhecia o motorista. Era Cabo de Martelo.

Todas as crianças de Nova Zebedee conheciam Cabo de Martelo e, se fossem espertas, tinham medo dele. Era um velho bêbado e maligno que morava num barraco de papelão impermeável perto dos trilhos do trem, e tinha a reputação de poder prever o futuro. Uma vez Lewis tinha ficado na borda de uma multidão de garotos reunidos em volta do barraco de Cabo de Martelo num dia quente de verão. Lembrou-se de ter visto Cabo de Martelo sentado junto à porta, numa cadeira quebrada. Estava contando histórias sobre a Última Noite do Mundo, que, segundo ele, não estava muito distante. Atrás de Cabo de Martelo, na desordem e na escuridão do velho barraco, havia fileiras e fileiras de paus lisos e amarelos: cabos de machados, cabos de ancinhos, cabos de martelos. Ele fazia para vender. Foi assim que ganhou o apelido.

Lewis ficou ali parado, imaginando por que ele estaria dirigindo um caminhão de mudança. Cabo de Martelo bateu a porta do veículo e atravessou a rua. Olhou em volta rapidamente e pegou Lewis pelo colarinho. Seu rosto bexiguento estava perto do de Lewis, e seu hálito fedia a uísque e fumo.

— Que diabo você está olhando, garoto?

— N... nada. Eu... só queria ver as pessoas que estão mudando.

Estava ficando escuro, e Lewis imaginou se alguém podia vê-lo. Se gritasse, será que Jonathan ou a Sra. Zimmermann viriam?

Cabo de Martelo soltou o colarinho de Lewis.

— Olhe, garoto — disse ele em sua voz rouca e arranhada. — Fique com o nariz do seu lado da cerca, certo? E isto serve pro seu tio também. Não me incomode, certo? — Ele olhou para Lewis, virou-se e voltou ao caminhão.

Lewis ficou alguns instantes parado, tremendo. Depois se virou e correu pelo portão aberto, subiu pelo caminho e entrou na casa.

— Tio Jonathan! Tio Jonathan! — gritou. Em seguida abriu a porta do escritório e olhou. Nada de Jonathan. Gritou para dentro da sala da frente, da cozinha e para cima da escada. Por fim o tio Jonathan apareceu lá em cima. Estava usando seu roupão de banho, que era feito na forma dos mantos usados pelos professores nas cerimônias de formatura, preto com listas vermelhas nas

mangas. Numa das mãos segurava uma escova de cabo comprido, pingando. Na outra segurava o livro que estava lendo na banheira.

— Sim, Lewis? O que é? — A princípio ele parecia chateado, mas quando viu o estado de Lewis, largou o livro e a escova e desceu rapidamente a escada para abraçar o garoto. Foi um abraço úmido, mas Lewis achou bom.

— Lewis, meu garoto! — disse Jonathan, ajoelhando-se na frente dele. — O que há de errado, em nome do céu? Você está com uma cara horrível!

Gaguejando e parando várias vezes, Lewis contou o que tinha acontecido. Quando terminou, viu a expressão de Jonathan mudar. Havia agora um olhar duro e irado no rosto dele, mas a raiva não estava dirigida a Lewis. Ele se levantou, apertou o roupão em volta do corpo e foi até a porta da frente. Por um minuto Lewis achou que Jonathan ia enfrentar Cabo de Martelo assim mesmo. Mas ele apenas abriu a porta da frente e olhou para a casa dos Hanchett. Os trabalhadores estavam fechando a traseira do caminhão e se preparando para ir embora. Aparentemente não houvera muita coisa a descarregar.

De braços cruzados Jonathan olhou o caminhão partir.

— Eu deveria saber que ele estava metido nisso — falou amargamente. Lewis olhou para o tio. Não fazia a mínima ideia do que estava acontecendo, e por algum motivo teve medo de perguntar o que Jonathan quis dizer.

À noite, durante o jantar, Lewis perguntou a Jonathan por que Cabo de Martelo tinha sido tão mau. Jonathan pousou o garfo e disse, furioso:

— Porque ele é mau, por isso! Você precisa de explicações? Só fique longe dele e você vai estar bem. E fique longe... fique longe... ah, não sei o que eu quero dizer! — Ele se levantou e saiu da sala pisando forte. Lewis ouviu a porta do escritório bater com força.

A Sra. Zimmermann estendeu a mão por cima da mesa e colocou-a suavemente em cima da de Lewis.

— Não se preocupe, Lewis. Ele não está com raiva de você. Mas esses dias ele está com muita coisa na cabeça, e não tem dormido direito. Venha à minha casa e nós jogamos uma partida de xadrez.

— Certo — disse Lewis, agradecido pela sugestão.

Jogaram xadrez até as dez da noite e, como ganhara a maior parte das partidas, Lewis estava bem-humorado quando chegou em casa. No andar de cima viu uma linha de luz debaixo da porta do quarto de Jonathan. Decidiu não perturbá-lo. Quando tinha se preparado para dormir, Lewis foi até o banco perto da janela, sentou-se e puxou a cortina grossa.

Era uma noite luminosa, fria e estrelada. A torre de água no topo do morro brilhava ao luar, e os telhados das casas eram sombras pontudas e escuras. Havia luzes nas casas que ficavam de cada lado da casa dos Hanchett e, numa janela, Lewis viu o brilho cinzento de um daqueles novos aparelhos de televisão. Jonathan ainda não tinha um. A casa dos Hanchett parecia repousar em sombras profundas, a não ser por leves retalhos de luar no telhado. À luz de um poste da rua Lewis pôde ver que havia um carro parado na entrada.

Estava para fechar a cortina e ir para a cama quando a luz da varanda da casa dos Hanchett se acendeu. As duas folhas da porta da frente tinham um brilho amarelo. Então uma das folhas da porta se moveu para dentro. Alguém saiu para a varanda. Lewis ficou olhando enquanto a pessoa ficava ali parada, apenas ficava ali parada, respirando o ar gélido da noite de dezembro. Pensou ter captado o brilho fraco de óculos, mas não podia ter certeza, àquela distância.

Depois de algum tempo a figura sombreada entrou e fechou a porta. A luz do corredor se apagou. Lewis ficou sentado um tempo, pensando, depois fechou a cortina e foi para a cama.

CAPÍTULO OITO

No dia seguinte Jonathan estava ajudando Lewis a procurar os patins de gelo no armário do corredor da frente. Lewis tinha tornozelos fracos, e morria de medo de cair no gelo, mas decidira aprender a patinar. Se ficasse bastante bom, poderia voltar a ser amigo de Tarby. Nunca tinha visto Tarby patinar, mas tinha certeza de que o principal jogador de beisebol também era o campeão dos patins em Nova Zebedee. Ele provavelmente era capaz de assinar o próprio nome no gelo do lago de Durgy.

Assim, Lewis e Jonathan jogavam no corredor raquetes de *badminton* tortas, casacos de pele, galochas e cestos de piquenique. Jonathan pegou o que parecia um pequeno esqui de alumínio para um anão. Era o patim de iniciante, com duas lâminas curtas.

— É isso?

— Esse é um. Muito obrigado, tio Jonathan. Agora só precisamos do outro.

Enquanto continuavam procurando, Lewis falou, no que pensava ser um tom casual:

— Quem está morando na antiga casa dos Hanchett?

Jonathan se levantou subitamente no armário embutido e bateu com a cabeça numa prateleira. Quando tinha parado de esfregar a cabeça e fazer careta, olhou para Lewis e disse, numa voz meio cortante:

— Por que você quer saber?

— Eu só queria saber — disse Lewis, sem graça. De novo, ficou imaginando por que o seu tio estaria irritado.

Jonathan saiu do armário com o outro patim. Largou-o sobre uma pilha de roupas.

— Então você só queria saber, não é? Bom, Lewis, há algumas coisas que seria melhor você *não* saber. Então, se quer meu conselho, pare de enfiar o nariz onde não é chamado. Aí está o seu outro patim... e bom dia. Eu tenho trabalho a fazer no escritório, e já desperdicei tempo demais respondendo às suas perguntas bobas.

Jonathan se levantou abruptamente e foi para o estúdio. Tinha fechado com barulho as portas deslizantes quando parou e voltou ao armário, onde Lewis continuava ajoelhado com lágrimas nos olhos.

— Por favor, desculpe-me, Lewis — disse numa voz cansada. — Ultimamente eu venho me sentindo péssimo. Charutos demais, eu acho. Quanto à casa do outro lado da rua, ouvi dizer que foi alugada para uma velha senhora chamada Sra. O’Meagher. Ela é meio esquisita, pelo menos foi o que me disseram. Eu não a conheci, e... só não queria que alguma coisa ruim acontecesse a você. — Jonathan deu um sorriso nervoso e um tapinha no ombro de Lewis. Depois se levantou e foi até a porta do escritório. De novo, parou.

— Não vá lá — disse rapidamente, e depois entrou e bateu as portas, com força.

Lewis sentiu linhas de mistério, medo e tensão se cruzando, apertando-o de todos os lados. Nunca tinha visto o tio assim. E ficou pensando, mais do que nunca, na nova vizinha do outro lado da rua.

Uma noite, na semana antes do Natal, depois de uma nevasca, Lewis tinha acordado com o som da campainha tocando. *Trr-rrr-im! Trr-rrr-im!* Não era uma campainha elétrica, mas um sino mecânico, velho e cansado, preso no meio da porta da frente. Alguém estava girando a chave de metal, fazendo bater o sino velho. *Trr-rrr-im!*

Lewis sentou-se e olhou o relógio ao lado da cama. Os dois ponteiros luminosos estavam apontados para cima. Meia-noite! Quem poderia estar ali naquela hora? Talvez o tio Jonathan fosse descer para atender. Lewis sentiu frio só de pensar no corredor da frente, onde corria um vento encanado. Puxou o edredom em volta do corpo e estremeceu.

A campainha tocou de novo. Parecia uma pessoa lamurienta insistindo em algum ponto absurdo numa discussão. Nenhum som vinha do quarto de Jonathan. Isto é, nenhum som de gente acordada. Lewis podia ouvir o ronco alto e constante, mesmo com uma parede grossa entre os dois quartos. Jonathan era capaz de dormir em meio a um bombardeio de artilharia.

Lewis se levantou. Afastou as cobertas, vestiu o roupão e encontrou os chinelos. Em silêncio foi pelo corredor e desceu a escada escura. Na entrada do corredor da frente, parou. Havia uma luz no poste diante do portão, e ela lançava

uma sombra curvada e escura contra a cortina pregueada da porta da frente. Lewis ficou parado e olhou a sombra. Ela não se mexia. Lentamente começou a andar. Quando chegou à porta, fechou os dedos na maçaneta fria e girou. A porta se abriu com um rangido, e um vento gelado soprou em seus tornozelos nus. Aquela ali era sua tia Mattie, que estava morta.

Lewis recuou enquanto a velha, com a cabeça inclinada para um dos lados, como sempre tinha sido, veio andando na sua direção. Uma luz azul e trêmula preenchia o ar em volta dela, e Lewis, com os olhos arregalados nesse pesadelo, viu tia Mattie como ela estivera na última vez em que ele a tinha visto viva. Seu vestido era preto e amarrotado, ela usava sapatos pesados, com saltos grossos, e batia com o guarda-chuva preto no chão enquanto andava. Lewis chegou a pensar que sentia cheiro de querosene — a casa dela, a mobília e as roupas sempre fediam a querosene. A mancha de fungo branco que tinha sido o rosto dela tremeu e se exaltou ao dizer, numa voz horivelmente familiar:

— Bem, Lewis, não está feliz em me ver?

Lewis desmaiou. Quando acordou, estava deitado de costas no corredor frio. A luz azul tremulante tinha sumido. Tia Mattie também, mas a porta da frente estava aberta. Flocos de neve sopravam sobre a soleira gasta, e a luz do poste parecia quieta e fria do outro lado da rua. Teria sido um pesadelo de sonâmbulo?

Lewis achava que não. Nunca tinha sido sonâmbulo antes. Ficou ali pensando um minuto, e então, por algum motivo, foi até a varanda e começou a descer os degraus cobertos de neve. Seus pés estavam tão frios que pinicavam, mas ele continuou até a metade do caminho para o portão. Então virou-se e olhou para a casa. Ficou boquiaberto. Havia luzes estranhas nas janelas vazias e nas ásperas paredes de pedra. Não seriam luzes estranhas no meio-dia do verão, mas numa noite de dezembro eram fantasmagóricas. Porque eram luzes de folhas, os círculos e crescentes lançados pela luz do sol ao passar entre folhas.

Lewis ficou olhando durante vários minutos. Então as luzes sumiram, e ele estava sozinho no quintal escuro e coberto de neve. A noqueira deixou cair um pó fino de neve em sua cabeça, tirando-o do transe. Seus pés estavam entorpecidos e pinicando, e ele sentiu, pela primeira vez, o vento frio atravessando o pijama fino e o roupão de banho entreaberto. Estremecendo, voltou para a casa.

Quando entrou no quarto, sentou-se na beira da cama. Sabia que não ia dormir de novo. Havia material para fazer fogo em sua lareira, e ele sabia onde o chocolate era guardado. Alguns minutos depois estava sentado diante de um fogo quente, alegre, que lançava sombras aconchegantes no mármore preto de sua lareira pessoal. Ele tomou o chocolate fumegante numa pesada caneca de cerâmica e tentava ter pensamentos agradáveis. Nenhum chegava. Depois de uma hora sentado, tomando chocolate e pensando, acendeu o abajur, pegou na estante a segunda palestra de John L. Stoddard sobre a China e se sentou junto à lareira, lendo até o amanhecer.

Na manhã seguinte, na hora do café, Lewis viu que Jonathan estava com os olhos vermelhos e nervoso. Será que o sono dele também tinha sido perturbado? Jonathan não tinha falado com Lewis sobre a invasão da casa, a perseguição de carro ou a tumba de Izard, e Lewis não ia puxar nenhum desses assuntos. Mas sabia que alguma coisa estava incomodando o tio, e também sabia que, desde a noite da invasão, Jonathan e a Sra. Zimmermann vinham tendo reuniões noturnas. Tinha ouvido as vozes deles vindo pela tubulação de ar quente, apesar de nunca conseguir entender o que estavam dizendo. Algumas vezes pensou em se esconder na passagem secreta, mas tinha medo de ser apanhado. Uma passagem onde se entra por um armário de louças cheio de pratos barulhentos não é tão secreta quando poderíamos desejar. E se alguma tranca secreta fosse ativada, prendendo-o, ele precisaria gritar para sair, e seriam necessárias explicações.

Lewis quase desejava que algo assim acontecesse, porque estava enjoado do seu segredo. Estava enjoado porque ele o mantinha longe de Jonathan e da Sra. Zimmermann. Sempre sentia que os dois o estavam vigiando, esperando que ele se abrisse e contasse tudo. O que será que eles sabiam?

Naquele ano o Natal na casa nº 100 da rua Alta foi bom e ruim. Havia uma árvore grande no escritório e as bolas de vidro nela eram mágicas. Algumas vezes refletiam a sala e algumas vezes mostravam antigas ruínas em planetas desconhecidos. Jonathan deu a Lewis vários brinquedos mágicos, inclusive um grande ovo de Páscoa cor-de-rosa — ou ovo de Natal, se você preferir —, que era coberto com um negócio brilhante que parecia glacê, mas que não podia ser comido. Quando Lewis olhava para o ovo, podia ver qualquer batalha da história. Não a batalha como realmente aconteceu, mas como ele queria que

fosse. Apesar de ele não saber, o ovo como as bolas e a árvore eram capazes de mostrar cenas de outros planetas. Mas só quando ele se tornou um adulto, trabalhando como astrônomo no Monte Palomar, pôde descobrir essa propriedade do ovo mágico.

Jonathan fez mais um monte de coisas naquele Natal. Pôs velas em todas as janelas da casa — velas elétricas, e não de verdade, já que gostava mais das elétricas — e lâmpadas fortes atrás dos vitrais, para que lançassem maravilhosos padrões de vermelho, azul, ouro e púrpura na neve escura do lado de fora. Ele inventou o Anão da Caixa de Fusíveis, um homenzinho que espiava as pessoas por trás das latas de tinta na entrada do porão e gritava: “Buuu! Buuu! Eu sou o Anão da Caixa de Fusíveis!” Lewis não tinha medo do homenzinho, e sentia que as pessoas que gritavam “Buuu!” precisam mais de pena do que de censura.

Não é preciso dizer que Jonathan fez uma apresentação muito boa com o espelho do cabide de casacos, apesar de ele ter o hábito de mostrar repetidamente as ruínas de Chichen-Itza. De algum modo o espelho conseguiu pegar a estação de rádio WGN, de modo que, quando Lewis ia até a porta de manhã, ouvia o índice da bolsa de valores e os relatórios agrícolas.

Lewis tentou se divertir naquele Natal, mas era difícil. Ficava pensando que o *show* de mágica de Jonathan se destinava a encobrir o que estava acontecendo na casa. E o que estava acontecendo era difícil de deduzir, mas era estranho e aterrorizante. Depois da noite em que Lewis viu — ou sonhou que viu — tia Mattie, a casa pareceu mais estranha do que nunca. Algumas vezes o ar em certos cômodos parecia tremeluzir como se a casa fosse desaparecer no próximo segundo. Algumas vezes os vitrais mostravam cenas escuras e aterrorizantes e algumas vezes Lewis via nos cantos dos cômodos aquelas coisas medonhas que as pessoas sempre imaginam que estão espreitando nos limites da visão. Indo de um cômodo ao outro, mesmo à luz do dia, Lewis esquecia que dia era, o que tinha ido fazer, e às vezes esquecia até mesmo quem ele era. À noite tinha sonhos em que andava pela casa na década de 1890, quando tudo era envernizado e novo. Uma ou duas vezes acordou desses sonhos e viu luzes piscando na parede do quarto. Não eram luzes de folhas e sim retalhos de luz laranja, do tipo que a gente vê nos cantos de uma casa antiga ao pôr do sol.

Essas coisas estranhas não aconteciam o tempo todo, claro; só de vez em quando no decorrer do inverno longo e frio no final de 1948 e início de 1949.

Quando chegou a primavera, Lewis ficou surpreso ao ver que a cerca viva na frente da casa dos Hanchett tinha crescido exageradamente, de um modo selvagem. Era uma cerca de espireia, e sempre tivera pequenas flores eriçadas, brancas e rosas. Nessa primavera não havia flores na cerca; ela se transformara num emaranhado de espinhos que escondia completamente as janelas do primeiro andar e lançava gavinhas para cima até as calhas de zinco. Pés de bardana e ailanto tinham crescido da noite para o dia perto da casa; seus galhos escondiam as janelas do segundo andar.

Lewis ainda não tinha visto muito a vizinha nova. Uma vez, à distância, tinha vislumbrado uma figura sombria e encurvada girando uma chave na porta da frente. E do seu banco junto à janela tinha visto quando ela passava de um lado para o outro no segundo andar. Mas, afora isso, a velha ficava longe das vistas. Lewis tinha imaginado que seria assim.

Mas ela recebia visita. Uma visita: Cabo de Martelo. Uma vez Lewis o tinha visto saindo da porta dos fundos da Sra. O'Meagher tarde da noite. E duas vezes, quando ia ao cinema à tarde, tinha literalmente trombado em Cabo de Martelo, que estava subindo a rua Alta na direção da casa dos Hanchett, com o sobretudo velho abotoado até o pescoço. Nas duas vezes Cabo de Martelo estava carregando pacotes, pequenos embrulhos enrolados em papel pardo e barbante. E nas duas vezes eles colidiram porque Cabo de Martelo ficava olhando para trás.

Na segunda vez em que se encontraram assim, Cabo de Martelo agarrou Lewis pelo colarinho, como tinha feito antes. Em seguida encostou o focinho barbudo no ouvido de Lewis e rosnou:

— Seu enxerido! Está querendo que cortem a sua garganta, não é?

Lewis se afastou dele, mas não correu. Encarou Cabo de Martelo.

— Saia daqui, seu velho vagabundo sujo. Se tentar fazer alguma coisa comigo, meu tio acaba com você.

Cabo de Martelo gargalhou, mas pareceu que estava tendo um ataque de engasgo.

— Seu tio! — disse ele, zombando. — Seu tio vai ter o que merece mais cedo do que ele pensa! O Fim do Mundo está chegando. Você não lê a Bíblia como um bom menino? Surgiram sinais, e surgirão outros. Prepare-se! — E com isso ele continuou subindo o morro, segurando o embrulho com força.

O dia depois desse estranho encontro foi frio e chuvoso, e Lewis ficou dentro de casa. Jonathan estava na casa da Sra. Zimmermann ajudando-a a engarrafar um pouco de licor de ameixas, por isso Lewis estava sozinho. Decidiu xeretar nos cômodos dos fundos do terceiro andar. Geralmente os cômodos do terceiro andar não eram usados, e Jonathan tinha cortado o aquecimento deles para economizar dinheiro. Mas Lewis havia achado coisas interessantes lá: caixas cheias de peças de xadrez e maçanetas de louça, e armários de parede onde dava para subir e entrar.

Lewis seguiu pelo corredor frio, abrindo e fechando portas. Naquele dia nenhum dos cômodos parecia valer a exploração. Mas, espere. Claro! A sala com o órgão. Ele poderia tocar; seria divertido.

Uma das salas não utilizadas no terceiro andar tinha um velho órgão de armário. Era uma das poucas peças de mobília deixadas do tempo em que Isaac Izard tinha morado na casa. Claro, havia o órgão do andar de baixo — o bom —, mas era um órgão profissional, e frequentemente Lewis não tinha permissão de tocar o que queria. Este aqui em cima tinha um som rachado, e no inverno sua voz não passava de um sussurro. Mas algumas vezes era possível conseguir músicas boas se você bombeasse os pedais com força.

Lewis abriu a porta.

O órgão era uma sombra grande encostada numa parede. Lewis encontrou o interruptor e acendeu a luz. Espanou um pouco de poeira do banco e se sentou. O que iria tocar? “O Bife”, provavelmente, ou “From a Wigwam”. Seu repertório não era muito grande. Lewis bombeou os pedais gastos, e ouviu um sopro que vinha das entranhas da velha máquina. Tocou as teclas, mas só recebeu um som ofegante e tuberculoso. Droga.

Afrouxou o corpo e pensou. Acima das teclas havia uma fileira de registros pretos com etiquetas que diziam coisas como *Vox Humana*, *Salicet* e *Flauta*. Lewis sabia que esses registros deveriam mudar o som do órgão de várias maneiras, mas nunca tinha puxado nenhum deles. Bem, esta era a hora. Pegou um dos tubos pretos e puxou com cuidado. O registro não quis se mexer. Sacudiu-o e puxou com mais força. O negócio inteiro saiu na sua mão.

Lewis ficou ali sentado, olhando estupidamente para o pedaço de madeira. A princípio sentiu-se mal por ter quebrado o órgão, mas depois olhou mais

atentamente o registro. A extremidade que tinha estado dentro do órgão era rombuda, lisa e pintada de preto. Não havia sinal de que tivesse estado presa a qualquer coisa.

Que negócio vagabundo, pensou Lewis. Será que todos eram assim? Vejamos. Puxou outro. *Pop!* Puxou todos. *Pop! Pop! Pop! Pop! Pop! Pop!*

Lewis gargalhou. Rolou os tubos pretos de um lado para o outro em cima do teclado. Mas então parou e pensou. Uma vez tinha lido uma história em que um carro tinha um painel falso que se soltava, para que pudessem esconder coisas atrás. E se esse órgão...?

Levantou-se e foi para o andar de baixo. Desceu até o porão, onde Jonathan guardava suas ferramentas. Abriu a caixa de ferramentas e pegou uma chave de fenda, um martelo e uma faca enferrujada que Jonathan mantinha ali para abrir coisas à força. Voltou para o andar de cima o mais rápido possível.

Agora Lewis estava sentado de novo diante do órgão. Examinou o comprido painel de madeira; sete buracos pretos o encaravam de volta. Havia quatro parafusos prendendo o painel do órgão, e eles saíram facilmente. Lewis enfiou os dedos em dois dos buracos e puxou. O painel estava grudado. Pensou um pouco, depois pegou a faca e enfiou numa fresta. *Scriiic!* Um pouco de poeira subiu e fez suas narinas coçarem. Ele moveu a faca para a direita e forçou de novo. *Scriiic!* O painel caiu sobre o teclado. Ah! Agora ele veria o que era.

Lewis se curvou e encostou a cabeça no buraco. Dava para sentir cheiro de poeira, mas não podia ver nada ali dentro. Droga, tinha esquecido de trazer uma lanterna! Enfiou a mão e tateou. Seu braço entrou até o covado. Tateou um pouco mais. O que era aquilo? Papel? Ouviu um som seco e farfalhante. Talvez fosse dinheiro. Pegou o maço e puxou. Seu coração ficou desanimado. Era só uma pilha de papéis velhos.

Lewis ficou sentado, olhando-os com desgosto. Então este era o tesouro secreto do castelo de Izard! Tremendo tesouro! Bom, poderia haver alguma coisa interessante nele, talvez fórmulas secretas. Folheou os papéis. Hmmm... hmmm... Folheou um pouco mais. A luz na sala era muito fraca, e o papel velho tinha ficado praticamente da mesma cor da tinta cor de cobre que Isaac Izard usara. Ele achou que a letra deveria ser de Isaac Izard, porque a primeira folha dizia:

FORMAÇÕES DE NUVENS
E
OUTROS FENÔMENOS
Observados desta janela
Por
ISAAC IZARD

A Sra. Zimmermann não tinha dito que via o velho Isaac fazendo anotações e olhando o céu? Havia datas e observações ao lado. Lewis leu algumas delas, e seus olhos se arregalaram mais. Folheou mais um pouco.

Um jorro de chuva bateu na janela. Lewis deu um pulo. Do lado de fora podia ver massas densas de nuvens azuis empilhadas no oeste. Através delas corria uma faixa vermelha serrilhada. Para Lewis parecia uma boca faminta. Enquanto ele olhava, a boca se abriu e um raio de luz vermelha como sangue disparou dentro da sala, iluminando a página que ele estava segurando. Na página estavam rabiscadas as seguintes palavras:

O dia do juízo ainda não chegou! Eu irei aproximá-lo através de uma perspectiva, ou fazer um RELÓGIO que incendiará o mundo num instante.

Lewis sentiu muito medo. Pegou os papéis e começou a se levantar. Ao fazer isso, ouviu um barulho. Um barulho muito fraco. Alguma coisa estava se mexendo dentro do órgão.

Lewis cambaleou para trás, derrubando o banco. Os papéis caíram da sua mão e se espalharam no assoalho. O que ele deveria fazer? Correr para salvar a vida ou salvar os papéis? Trincou os dentes e se ajoelhou. Enquanto pegava as folhas, dizia a si mesmo repetidamente:

— *Quia tu es Deus fortitudo mea... quia tu es Deus fortitudo mea.*

Agora estava de novo com todos os papéis. Já ia partir para a porta quando viu alguma coisa sair flutuando da escuridão dentro do órgão. Uma mariposa. Uma mariposa com asas prateadas. Elas brilhavam como folhas à luz da lua.

Lewis correu para a porta. Girou a maçaneta, mas não conseguiu abrir. Agora podia sentir a mariposa nos cabelos. Ficou rígido. Seu rosto avermelhou. Não estava mais com medo. Estava com raiva. Muita raiva.

Bateu na mariposa e a esmagou. Sentiu uma coisa horrível, grudenta, no cabelo, e o medo voltou depressa. Enxugou a mão freneticamente na perna da

calça. Agora já estava no corredor, correndo e gritando:

— Tio Jonathan! Sra. Zimmermann! Venham depressa! Ah, por favor, venham depressa! Eu encontrei uma coisa! Tio Jonathan!

Pouco depois Jonathan, Lewis e a Sra. Zimmermann estavam sentados em volta da mesa da cozinha da Sra. Zimmermann bebendo chocolate. Os papéis empoeirados estavam empilhados sobre a mesa. Jonathan pousou sua caneca e disse:

— Não, Lewis. Vou lhe dizer de novo. Não há com o que se preocupar. O velho Isaac era maluco, completamente maluco. Esse negócio não tem nada a ver com o tique-taque nas paredes. Ou, se tiver, não pode nos ajudar em nada. Só pode nos apavorar.

— Eu diria que foi por isso que o velho Isaac deixou os papéis lá, não é, Jonathan? Para nos matar de medo, quero dizer.

Isso foi a Sra. Zimmermann falando. Ela estava parada junto ao fogão, de costas para Lewis, e fingia estar muito envolvida em mexer o chocolate.

— Claro. Eu diria que é isso, Florence — concordou Jonathan. — Como se fosse um último truque.

Lewis olhou de um para outro. Sabia que estavam disfarçando. Mas o que poderia dizer? Uma coisa levava a outra, e em pouco tempo ele teria de contar sobre a noite do Dia das Bruxas. Quando você está escondendo alguma coisa, tem a sensação de que todos os outros segredos se ligam ao seu. Lewis não podia questionar ninguém, por medo de se expor.

Mais tarde, naquela mesma noite, ficou acordado na cama ouvindo Jonathan e a Sra. Zimmermann conversar. Eles estavam no escritório embaixo e, como sempre, suas vozes chegavam pelos tubos de aquecimento. E, como sempre, ele não podia entender direito o que diziam. Saiu da cama e se arrastou até a grade de madeira no chão. Um sopro de ar quente bateu suave em seu rosto. Tentou ouvir. Mesmo agora, não podia entender muito bem. Só havia uma coisa a fazer. Tinha de usar a passagem secreta.

Lewis vestiu o roupão e foi na ponta dos pés até a escada dos fundos. A cozinha estava escura. Bom. Devagar, cuidadosamente, retirou toda a louça das

prateleiras do armário de louças. Depois apertou a mola escondida, e o armário girou para fora. Ele entrou sem fazer barulho.

Dessa vez Lewis se lembrou de trazer uma lanterna. Não que precisasse muito dela. Não podia ir longe, e a luz atravessava muitas rachaduras na passagem cheia de teias de aranha. Em pouco tempo estava parado atrás das estantes que cobriam as paredes do escritório de Jonathan. Espiou por uma fenda entre as tábuas, e ali, do outro lado dos livros, estavam Jonathan e a Sra. Zimmermann. A Sra. Zimmermann tinha acabado de produzir um fósforo do nada, e estava acendendo com ele um charuto comprido e torto. Ela soprou um pouco de fumaça com os cantos da boca.

— Bom, agora nós sabemos — disse ela.

— É, agora nós sabemos. — A voz de Jonathan vinha de sua poltrona de couro, onde ele estava largado. Tudo que Lewis podia ver do tio era um braço com a manga azul e dedos peludos agarrando o braço da poltrona.

— A questão — prosseguiu Jonathan — é: nós podemos fazer alguma coisa a respeito disso?

A Sra. Zimmermann começou a andar de um lado para o outro. A fumaça do charuto ia ficando para trás. Ela passou a grande pedra roxa de seu anel por toda a extensão de uma estante.

— Fazer? — perguntou ela. — Fazer? Nós vamos lutar contra eles. O que mais?

Jonathan deu um riso rouco. Isso fez Lewis se sentir muito desconfortável.

— Falar é fácil, Florence. Os dois são mais fortes do que nós, você sabe. Nós só brincamos com magia; eles dedicaram a vida à magia. Quanto a ela, ela pode literalmente ter dado a vida pela magia.

— Mas por que eles queriam fazer o que estão fazendo? — perguntou a Sra. Zimmermann, cruzando os braços e dando baforadas furiosas no charuto. — Por quê? Este mundo lindo. Acabar com ele. Por quê?

Jonathan pensou um minuto.

— Bem, Florence, eu não consigo entender o funcionamento de uma mente como a de Isaac Izard, mas diria que a resposta é a curiosidade científica. Pense

em tudo que já foi escrito sobre o Último Dia: sepulturas se abrindo, corpos se levantando renovados. Algumas pessoas acham que haverá uma nova terra, muito melhor do que a atual. Você não gostaria de vê-la? E outra coisa me vem à cabeça. Isaac e Selenna Izard não gostavam muito deste mundo. Por que não tentariam experimentar o próximo?

Jonathan deu uma baforada em seu narguilé. Houve silêncio durante vários minutos.

— E o relógio — disse a Sra. Zimmermann. — Tenho de admitir, você estava certo o tempo todo. *Há* um relógio real, literal, nessas paredes. Ele o chama de um “dispositivo”, mas tem de ser um relógio. Ele não teve a gentileza de nos dizer onde está, claro, apesar de eu achar que ele fala praticamente todo o resto. Até mesmo dá algumas ideias de onde escondeu a chave. Não que isso importe agora. — Ela partiu o charuto em dois e jogou na lareira.

— Mas há uma coisa que eu gostaria de saber — disse ela, virando-se de repente para Jonathan. — Por que ele precisava de um relógio para produzir o Fim do Mundo?

Lewis ficou boquiaberto e pôs a mão na boca. Então *seria* o fim do mundo, afinal de contas!

— Porque ele perdeu o momento — respondeu Jonathan. — O momento que ele vinha procurando todos aqueles anos. Foi uma tremenda busca que o velho Isaac fez. Por isso ele tinha todas aquelas anotações sobre céus encarneirados, céus do Juízo Final e nuvens que pareciam carruagens, trombetas e máscaras da perdição. Era atrás disso que ele estava. Uma máscara da perdição. Um céu perfeito para os seus encantamentos. A magia do céu é coisa antiga, você sabe. Os romanos costumavam...

— Sim, sim! — interrompeu impaciente a Sra. Zimmermann. — Eu sei tudo sobre o céu e a adivinhação com os pássaros. Quem é que tem o doutorado em magia aqui, afinal? Certo. Então o céu perfeito chegou para o velho gagá. Ótimo. Maravilha. Então por que ele não balançou simplesmente a vara mágica e transformou todos nós em cocô de mosca?

— Porque, quando ele teve certeza de que era o céu perfeito, o céu tinha mudado. Não demora muito para que as nuvens se mexam e mudem o padrão,

você sabe. Ou talvez ele não tenha tido coragem. Parece idiota, mas eu fico esperando que tenha sido isso que o impediu.

— Ele? Não teve coragem? Isaac Izard? Ele era um homem duro, Jonathan. Ele teria arrancado os dentes da própria mãe um por um, se precisasse deles para alguma magia diabólica.

Jonathan suspirou.

— Talvez você esteja certa. Não sei. O importante é que ele perdeu a oportunidade. Por isso teve de construir o relógio. Para trazer o tempo de volta. A hora exata em que tudo estava perfeito, no lugar. É isso que ele quer dizer quando fala de “um dispositivo para redimir o tempo”. Redimir, imagine! Ele queria destruir todos nós!

A Sra. Zimmermann estava andando de novo.

— Certo — disse ela. — Certo. Então ele construiu o relógio. Por que simplesmente não deu corda?

— Ele não pôde. Pelo menos não até o final. Você não leu aquela parte? — Jonathan se levantou e foi até a mesa da biblioteca, onde estavam os papéis. Pegou-os e folheou até encontrar a página que queria.

— Ah, aqui está: “Mas quando o dispositivo estava pronto, descobri que eu não tinha capacidade de dar corda até o final. Tentei, mas devo concluir que será necessário alguém com poder maior do que eu possuo, para o ajuste final. Maldito seja o dia em que ela me deixou! Maldito seja o dia em que ela se foi! *Ela* deveria ter feito isso!”

Jonathan ergueu os olhos.

— Nessa última frase a palavra “ela” está sublinhada quatro vezes. “Ela”, claro, é a nossa amiga do outro lado da rua.

Lewis fechou os olhos. Então, na verdade a Sra. O’Meagher era a Sra. Izard! Ele havia imaginado isso, mas não tinha certeza. A Sra. Izard! E ele a havia soltado. Sentia-se a pessoa mais estúpida, a mais idiota de todo o mundo.

— Ah, sim — disse a Sra. Zimmermann, dando um sorriso triste. — Bom, no final veremos quem é mais forte. Porém, diga mais uma coisa, ó, sábio, já que

parece que você foi posto no papel de explicador e comentarista do testamento de Isaac Izard.

— Sim? O que você gostaria de saber, Florence?

— Bom, ele diz que o relógio não está com a corda toda. Mas o negócio vem tiquetaqueando há anos. Um tique-taque mágico que parece estar vindo de trás de todas as paredes desta casa. Para mim é difícil acreditar que o relógio está simplesmente segurando o tempo até que a velha tia Izard chegue com sua chave. *O que o relógio está fazendo?*

Jonathan deu de ombros.

— Não sei, Florence. Talvez ele esteja tentando arrastar a casa para o passado sem a ajuda do “ajuste final”. Talvez ele o tenha ajustado para que o tique-taque amedrontasse quem fosse suficientemente idiota para vir morar nesta casa. Afinal de contas Isaac não queria que o relógio fosse encontrado por acidente e destruído. Não sei por que o relógio está tiquetaqueando, Florence. Mas sei de uma coisa. Quando a Sra. Izard, ou a pessoa que está lá, puser a chave na corda daquele relógio e terminar o serviço que Isaac começou, então, nesse momento, Isaac Izard vai voltar. Você, eu e Lewis seremos fantasmas ou algo pior, e ele vai estar na torrinha com o poder na mão direita. E o Fim do Mundo chegará.

Lewis apertou as duas mãos na boca. Caiu de joelhos, estremeando e soluçando. Por um momento esteve à beira de gritar: “Eu estou aqui! Venham me pegar!”, para que eles pudessem levá-lo e colocá-lo na Casa de Detenção pelo resto da vida. Mas não gritou. Apertou as mãos com mais força na boca e chorou em jorros abafados que sacudiram o corpo inteiro. Chorou por muito tempo, e quando terminou, ficou sentado imóvel olhando a parede escura da passagem.

A Sra. Zimmermann e Jonathan saíram da sala. O fogo da lareira estava baixo, mas Lewis continuou ali. Sua boca estava cheia do gosto de amônia, e os olhos ardiam. Tirou o lenço do bolso do roupão e assoou o nariz. Onde estava a lanterna? Ah. Ali. Acendeu-a.

Levantou-se devagar e começou a ir para a entrada. Mesmo de pé, sentia como se estivesse afundando. Agora estava passando a mão no fundo lascado do armário de louças. Apertou a mola, e o armário girou lentamente para fora. Lewis meio que esperava ver a Sra. Zimmermann e Jonathan sentados ali de braços cruzados, esperando-o. Mas a cozinha estava escura e vazia.

Subiu para o seu quarto. Sentia como se tivesse ficado acordado três noites seguidas. Sem nem mesmo parar para tirar o roupão, jogou-se na cama desfeita. A escuridão encheu seu cérebro e ele caiu num sono sem sonhos.

CAPÍTULO NOVE

O dia seguinte era sábado, e Lewis acordou num estado de pânico. Parecia uma panela de pressão com a tampa fechada e o buraco do vapor tapado com chiclete. Os pensamentos ficavam borbulhando e subindo à superfície da mente, mas nenhum parecia fazer sentido. O que ele *podia* fazer?

Lewis sentou-se e olhou o quarto em volta. Havia duas longas faixas de luz do sol sobre o piso rachado e manchado de tinta. Perto da lareira havia um espelho alto, que tinha no topo um acabamento de madeira combinando com a cabeceira da cama de Lewis. Diante do espelho havia um lindo tapete felpudo. Jonathan dizia que a bisavó da Sra. Zimmermann o tinha feito. A estampa do tapete era “Folhas de Outono”. Folhas de bordas recortadas, em amarelo-ouro e vermelho-sangue, com algumas verdes para contrastar. O tapete parecia flutuar diante do espelho, e as folhas nadavam no poço de luz brilhante. Era uma ilusão, claro. Aquele não era um tapete mágico. Mas Lewis gostava de ficar em cima dele de manhã enquanto estava se vestindo. Fazia com que se sentisse livre da terra, pelo menos por um tempo.

Estava em cima do tapete enquanto enfiava as calças e vestia a camisa. O brilho das folhas o levantava do chão. Agora as coisas pareciam mais claras. Tinha de falar com Tarby. Tarby saberia o que fazer. Era verdade que ele vinha evitando Lewis, mas os dois não eram exatamente inimigos. E, de qualquer modo, Tarby estava tão metido no negócio quanto ele. Tarby tinha segurado a lanterna enquanto Lewis desenhava o pentaclo mágico e escrevia o nome Selenna. Esse devia ser o primeiro nome da Sra. Izard, pensou Lewis. Ela deve tê-lo posto na minha cabeça. Então, por trás daquelas portas de ferro, ela nunca estivera morta de verdade...

Lewis mordeu o lábio para interromper essa linha de pensamento. Desceu, tomou o café da manhã sozinho e saiu correndo pela porta. Tarby, com seus nove irmãos e irmãs, morava numa enorme casa de madeira no meio da cidade. Lewis nunca tinha sido convidado a ir lá, e nem sabia o primeiro nome da mãe e do pai de Tarby, quanto mais o de algum de seus nove irmãos. Sabia que o Sr. Corrigan — este era o sobrenome de Tarby — tinha uma loja de ferramentas. E era só o que sabia.

Era um dia luminoso de abril, cheio de vento, e o céu estava cheio de pequenas nuvens brancas que ficavam se separando e se fundindo. Pássaros voavam e os gramados mostravam aquele primeiro verde pálido e úmido. Quando chegou à casa dos Corrigan, Lewis encontrou um punhado de crianças pequenas brincando no quintal da frente, que era cheio de falhas e buracos enlameados. Um dos meninos menores, que se parecia muito com Tarby, estava pendurado pelos joelhos num galho de uma árvore morta que tinha um monte de olhos de gato pregados. Outras crianças faziam castelos de lama, batendo umas nas outras com pás de areia, tentando andar em bicicletas quebradas, ou apenas sentadas e gritando a plenos pulmões. Lewis passou pelos caminhões de brinquedo e pelos canos que atulhavam a entrada. Apertou a campainha e esperou.

Depois de um tempo uma mulher gorda e de aparência cansada veio à porta. Estava com um bebê no colo que ficava batendo em seu ombro com uma mamadeira segura pelo bico.

— Sim? — Ela parecia irritada, e não era de espantar.

— Ah... Sra. Corrigan? Poderia me dizer onde Tarby está?

— Tarby? Nossa, não sei se ele está em casa. Vou ver.

Ela virou a cabeça para trás e berrou:

— Taaar-byyyy!

Não houve resposta, se bem que seria difícil ouvir acima da bagunça geral.

— Não, eu acho que não — disse ela. Em seguida deu um sorriso cansado, gentil. — Ele provavelmente está jogando bola com os outros garotos.

Lewis agradeceu e já ia se virar quando ela disse:

— Escute! Você não é o tal garoto Barnavelt?

Lewis disse que era.

Ela lhe deu um olhar que implorava.

— Por favor, não conte ao Tarby mais histórias sobre fantasmas e cemitérios. Ele teve pesadelos durante uma semana inteira depois do último Dia das Bruxas. O seu tio foi gentil em convidá-lo para tomar sidra com bolinhos, e deixar que

ele passasse a noite lá e coisa e tal, mas aquelas histórias... bom, você sabe como ele é sensível.

Lewis conseguiu manter o rosto impassível.

— Mmm... claro... certo, Sra. Corrigan, não vou contar mais histórias de fantasmas a ele. Tchau.

Enquanto voltava até o portão, tropeçando em brinquedos e se desviando de uma ou duas bolas de lama jogadas na sua direção, Lewis teve dificuldade para não rir alto. Então essa era a versão de Tarby para a noite do Dia das Bruxas! Bem, bem. E onde Tarby tinha passado a noite? Tremendo na varanda dos fundos? Dormindo numa árvore? E uma semana inteira de pesadelos! Claro, ele não tinha sentido medo. Era só a luz da lua. A gargalhada interna de Lewis se transformou num riso torto.

Lewis parou num poste de amarrar animais, para ajeitar o laço do sapato. Agora, o que ia fazer? Bem, só havia dois campos de beisebol decentes em Nova Zebedee. O que ficava atrás da escola e o da área de atletismo. Decidiu ir ao de trás da escola.

Quando chegou, encontrou Tarby jogando bola com um bocado de outros garotos. Estava fazendo lançamentos, e vários garotos gritavam:

— Vamos lá, Tar-byyy! Acaba com ele! Mande a bola com efeito! — Ou, se por acaso estivessem do outro lado: — O lançador tem braço de borracha!

Tarby se preparou girando o braço como se fosse um moinho de vento, negaceou várias vezes — isso era permitido, porque o jogo era de *softball*, e não beisebol —, e quando tinha levado o rebatedor a fazer várias semirrebatidas nervosas, lançou a bola. O rebatedor girou com tanta força que caiu.

— Terceira bola! Fooora! — gritou o garoto que era o juiz.

Lewis, parado na lateral, pôs as mãos em concha sobre a boca e gritou:

— Ei, Tarby! Posso falar com você?

— Agora não, Gorducho. Estou no meio de um jogo.

Lágrimas encheram os olhos de Lewis. Tarby nunca o havia chamado de “gorducho” antes. Lewis engoliu as lágrimas e ficou esperando pacientemente enquanto Tarby arrasava o próximo rebatedor com três bolas ultrarrápidas. Era a

terceira rodada sem rebatidas, por isso o time de Tarby veio do campo. Descuidadamente, Tarby jogou a luva no chão e disse:

— Oi, Lewis. O que eu posso fazer por você?

— Meu tio Jonathan está numa tremenda encrenca. Nós todos estamos numa tremenda encrenca. Sabe aquela noite em que a gente foi ao cemitério?

Para completa surpresa de Lewis, Tarby o agarrou pelo colarinho e o puxou para a frente até que os rostos dos dois estivessem a uns cinco centímetros de distância.

— Olha. Se algum dia descobrirem que você esteve lá naquela noite, diga que você foi sozinho. Se não fizer isso, vai ter dois braços quebrados e talvez a cabeça quebrada.

Lewis tentou se livrar do aperto de Tarby, mas não pôde. Sentiu o sangue subindo no rosto enquanto gritava:

— Tarby, isso é pior do que qualquer coisa do Dia das Bruxas! Isso tem a ver com fantasmas, demônios e... *me solte, seu cabeça de vela*.

Tarby soltou Lewis. Ele o encarou boquiaberto. “Cabeça de vela” era só um nome com o qual alguém tinha chamado alguém numa revista em quadrinhos que Lewis estava lendo. Não significava nada.

Os lábios de Tarby se juntaram.

— De que você me chamou?

Vários dos outros garotos começaram a gritar:

— Briga! Briga! — ainda que não esperassem realmente uma briga. Era só o Lewis, afinal de contas.

Lewis ficou ali, de rosto vermelho e apavorado.

— Eu... eu não sei do que chamei você.

— Bom, da próxima vez, lembre. — Tarby levantou o punho e baixou com força no ombro de Lewis. Doeu de verdade.

— Venha, Tarby — gritou um garoto alto chamado Carl Holabaugh. — Não perca seu tempo com o Barril. Você lidera essa rodada, e nós estamos seis corridas atrás. Vá para lá e mande ver.

Tarby se virou para voltar ao jogo, e Lewis foi tropeçando pela rua, esfregando o ombro. Estava chorando.

Com as lágrimas ainda subindo incontrolavelmente aos olhos, começou a andar. Andou pela cidade inteira, passando por filas de casas que o encaravam inexpressivas. Elas não tinham conselhos para lhe dar. Foi pela rua Principal e olhou um tempo o monumento à Guerra Civil. Mas os soldados de pedra, com as baionetas erguidas e as mechas de canhão, também não tinham nada a dizer. Foi até a outra ponta da rua Principal e olhou para a fonte que fazia jorrar um salgueiro de espuma de dentro de um círculo de colunas de mármore. À noite a fonte era iluminada e mudava de vermelho para laranja, de laranja para amarelo, de amarelo para azul, azul para verde e de volta ao vermelho. Mas agora o dia estava claro. Lewis queria que sua mente também estivesse clara, mas não estava.

Circulou a fonte três ou quatro vezes, e em seguida atravessou a rua e começou a subir pela estrada U.S. 9, que começava no fim da rua Principal e saía da cidade. Quando chegou à placa de lata onde estava escrito LIMITES DA CIDADE, simplesmente foi até um trecho de capim alto e sentou-se ali, olhando as formigas e ouvindo os carros passando rapidamente. Agora seus olhos estavam secos. Tinha cansado de chorar. Pensou que vinha chorando muito ultimamente. Isso não ia resolver nada. Pensar poderia ajudar, ainda que ele não tivesse certeza. Sentou-se e pensou, e tentou decidir o que faria.

Era fim de tarde quando se levantou. Quase caiu, porque sua perna esquerda estava dormente. Depois de bater o pé durante um tempo para fazer a circulação voltar, foi para casa. Sua decisão estava tomada. Só conseguia ouvir na cabeça o velho hino de igreja que dizia:

Uma vez, para cada homem e nação,
Chega o momento de optar
Na luta da verdade contra a mentira
De que lado ele vai ficar.

Imaginou que estava liderando uma carga de cavalaria. Se estivesse com uma das bengalas de Jonathan, iria brandi-la como uma espada. De vez em quando parava e sentia arrepios em ondas pelo corpo. Sentia-se muito orgulhoso e corajoso, e muito amedrontado também. É uma coisa difícil de descrever.

Naquela noite, muito depois de todo mundo ter ido dormir, Lewis saiu da cama e foi na ponta dos pés até a escada da frente. A casa estava silenciosa, muito silenciosa, porque era uma daquelas noites em que Jonathan tinha parado todos os relógios — menos o que ele não podia parar. No corredor da frente o espelho no cabide de casacos estava falando consigo mesmo em meio a pequenos jorros de estática. De vez em quando suas bordas tremulavam levemente. Talvez ele estivesse tentando alertar Lewis. Se estava, Lewis ignorou o aviso. Sua decisão estava tomada. Ele havia começado todo esse negócio horrível, e agora ia tentar terminá-lo.

Sua mão repousou na borda fria do vaso Willoware onde ficavam os guarda-chuvas. Tateou em meio às bengalas, chacoalhando-as um bocado. Ah, ali estava. Sua mão se fechou na haste de madeira preta e... o que era isso? Lewis afastou os dedos com a respiração entrecortada. Tocar a bengala mágica era como tocar um braço humano vivo. A vida pulsava nela. Lewis ficou ali olhando a bengala. Agora o globo estava fracamente iluminado. Na luz cinzenta ele viu a neve girando, e ali, sombrio mas real, estava o estranho castelo pequenino. A luz mágica lançava uma mancha trêmula no papel de parede. Será que ele podia usar aquele objeto mágico? Ocorreu-lhe que Jonathan estava sendo muito modesto quando disse que era um mágico de salão.

Lewis trincou os dentes e estendeu a mão que ainda pinicava com o choque que tinha recebido. Segurou a haste com firmeza. Puxou a bengala. O globo borbulhou e crepitou, e passou de cinzento a rosa, e depois a cinza de novo. Então ele abriu a porta da frente. Uma brisa úmida e perfumada soprou e bateu a porta de leve contra a parede. As folhas da nogueira balançaram e sussurraram, e flores brancas desceram voando. Lewis olhou para o outro lado da rua. Apesar da cerca viva crescida, dava para ver que havia luzes acesas na casa dos Hanchett. Murmurando uma oração, desceu a escada da varanda.

No meio da rua quase fez a volta e correu, mas alguma coisa o mantinha indo em frente. Assim que chegou ao outro lado da rua a situação pareceu mais fácil. Era como correr morro abaixo com o vento empurrando. A cerca viva se dividia no caminho de tijolos que levava à porta da casa. Lewis caminhou sob os galhos que se curvavam acima.

A casa dos Hanchett tinha uma antiga porta dupla, de madeira preta com dois painéis de vidro fosco. Os painéis sempre faziam Lewis pensar nos Dez

Mandamentos, e agora ele pensou: *Não entrarás*. Mas uma das folhas da porta estava escancarada. Será que o esperavam? Seu coração estava martelando, mas ele continuou.

Parou logo depois de entrar, sob a lâmpada do corredor. O corredor estava vazio. Vazio e despido. Não havia nenhum móvel, nem cadeiras, baús ou mesinhas. Nenhum guarda-chuva encostado na parede. No papel de parede rosa-claro Lewis viu quadrados escuros. Os quadrados eram da cor que o papel tinha sido quando era novo. Os Hanchett haviam pendurado quadros naqueles espaços, mas agora os quadros não estavam. A Sra. O'Meagher não tinha posto nenhum quadro seu.

Lewis andou em silêncio até o arco amplo que dava na sala. Não havia ninguém ali. Alguns móveis, mas não muitos. Algumas cadeiras de aparência frágil, com pernas arqueadas, e um sofá que parecia desconfortável. Uma mesinha de centro com dois cinzeiros de louça do tamanho de selos de correio. Um sopro do cachimbo de fundo chato de Jonathan transformaria os dois em cacos. Lewis foi de cadeira em cadeira, tocando os braços envernizados e os encostos estofados. Quase esperava que os móveis estourassem, como bolhas de sabão, quando os tocava. Mas tudo era sólido. O chão era tão encerado que dava para ver seu reflexo. Numa das paredes havia uma lareira de tijolos. Era toda pintada de rosa, mesmo nas paredes internas. Não havia manchas de fuligem. Aparentemente a bruxa velha não gostava de fogo. Dois toros de lenha estavam muito bem equilibrados nos brilhantes suportes de latão.

Em cima da lareira Lewis viu uma coisa que o surpreendeu: um enfeite. Era uma daquelas ventoinhas com anjos cortados em lata. Você acende velas no meio e o calor faz os anjos girarem. Aqueles anjos estavam soprando trombetas. Lewis estendeu a mão e tocou no pequeno carrossel. *Squiiii*. O negócio girou meio torto. O som o espantou tanto que ele deu meia-volta, segurando a bengala mágica para se proteger. Não havia ninguém.

Olhou na cozinha. Duas pequenas placas de gesso na parede e um relógio elétrico. Um balcão de fórmica vermelha e uma cadeira de tubos de aço, também estofada em vermelho cereja. No canto havia uma geladeira. Ele abriu e achou uma garrafa de Coca. Seria Coca mesmo? Girou a garrafa nas mãos. Estava áspera. Coberta de terra. Como se tivesse sido enterrada. E o líquido dentro... era mais claro do que Coca. De um vermelho-amarronzado. Lewis pôs a garrafa

de volta. Fechou a geladeira. Parecia haver um zumbido na casa, e ele soube que era o sangue em seus ouvidos. Segurando a bengala mágica com a mão trêmula e suada, foi inspecionar os outros cômodos.

Verificou todo o primeiro andar, mas não achou nada — nada além de mais cômodos parcialmente mobiliados. Uma cadeira aqui, uma mesa ali. Os abajures que havia, estavam desligados das tomadas, mas em cada cômodo havia um lustre simples no teto, aceso. Agora Lewis estava no pé da escada muito iluminada. Parou um momento e então, de repente, bateu a bengala no chão e gritou:

— Eu vim derrotá-la, Sra. Izard! Apareça! Está com medo de mim? Devia estar! Eu sei quem a senhora é e o que quer fazer. Eu a desafio para um duelo segundo as antigas regras da magia!

Lewis esperava que esse desafio parecesse grandioso e majestoso, que soasse alto e claro como um toque numa trombeta de prata. Em vez disso, pareceu chapado. Morreu na imobilidade pesada da casa. Lewis sentiu-se idiota. Suas bochechas queimavam. E ele começou a ficar preocupado.

Lewis não sabia absolutamente nada sobre “as antigas regras da magia”. Tinha vindo com a bengala mágica de Jonathan, esperando que a bengala fizesse o trabalho por ele. Agora estava em dúvida. E se a bengala não funcionasse para ninguém além do dono? E se a magia da Sra. Izard fosse mais poderosa do que a de Jonathan?

Lewis olhou o globo iluminado, e em seguida para o alto da escada. Sentia vontade de se virar e correr para casa o mais rápido possível. Mas, então, como salvaria a Sra. Zimmermann, Jonathan e o mundo, e compensaria o que tinha feito?

A casa estava muito silenciosa. Lewis respirou fundo e começou a subir.

Na metade da escada, no patamar largo, parou para olhar um quadro. Era o único quadro que tinha visto na casa. Ali, numa moldura oval e preta, estava a foto de um homem velho de aparência desagradável. Ele estava sentado ou de pé — não dava para saber —, encostado numa parede coberta de um papel com estampa intrincada. Lewis olhou o quadro durante longo tempo. Captou todos os detalhes: os dois ou três fios de cabelo penteados sobre a cabeça quase careca, os olhos fundos que pareciam estar olhando diretamente para ele, o nariz de falcão. Observou as roupas do homem. Ele estava usando um colarinho antiquado,

duro, com as pontas dobradas para trás. E a mão direita repousava na bola do que deveria ser uma bengala. Parecia haver coisas escritas na bengala, mas Lewis não pôde ler.

Lewis ficou ali parado, imaginando quem seria o velho. Poderia ser...? Ele pegou a foto e olhou atrás. Não havia etiqueta. Rapidamente recolocou-a e olhou de novo. Havia algo familiar. Claro! O papel de parede! Era o papel de parede da sala da frente do andar de cima. O numeral romano II cercado de arabescos. Agora Lewis sabia que estava olhando uma foto de Isaac Izard.

Então era tudo verdade. A mulher era a esposa dele, de volta da sepultura para... fazer o quê? Lewis sentiu o coração martelando. Nunca estivera tão apavorado na vida. Não queria mais lutar com a Sra. Izard. Só queria sair. Olhou frenético para o topo da escada, em direção à entrada escura do quarto. Não vinha ninguém. Começou a descer a escada, mas a Sra. Izard estava no caminho.

Ela estava ali, sorrindo. Na mão tinha uma bengala de cabo de marfim.

— Bom, meu rapaz, o que é? O que faz você pensar que pode invadir a casa dos outros à noite? O que você quer?

Lewis teve medo de desmaiar, mas não desmaiou. Em vez disso, sentiu-se enrijecer. Levantou a bengala.

— Não sei o que a senhora quer fazer conosco, Sra. Izard, mas não vai fazer. A magia do meu tio é mais forte do que a sua.

Ela deu um riso áspero, maligno.

— Você está falando dessa bengala de brinquedo? Ele provavelmente comprou na Feira do Condado de Capharnaum. Não seja idiota, criança.

Por toda a casa a bengala tinha brilhado com uma luz cinzenta e firme. Agora, enquanto a Sra. Izard falava, o globo começou a escurecer. Lewis olhou e viu que estava vendo algo que parecia uma lâmpada queimada.

— E agora — disse a Sra. Izard, se adiantando —, e agora, meu bom e jovem amigo, você verá o que é incomodar senhoras boas e idosas que só querem ficar em paz.

A velha arrancou a bengala de sua mão entorpecida e jogou-a escada abaixo. Agora ela estava curvada sobre ele, e a luz refletida nos óculos queimava os olhos

de Lewis. Agora sua voz estava furiosa, e ela falava mais depressa.

— Você tem alguma ideia do que é ser enterrada no fundo da terra, com pedra escura a toda volta, sem ninguém para ouvir ou ver você, tendo por única companhia um homem morto? *Sabe?*

— Pare aí, Sra. Izard. Agora você não está lidando com crianças.

Ali, na base da escada, estava a Sra. Zimmermann. Seu rosto estava iluminado por luzes invisíveis, e ela usava uma capa roxa que ia até o chão. Nas dobras, em vez de sombras, havia poços de fogo laranja. Numa das mãos segurava um cajado alto e preto com um globo de vidro claro no topo. Dentro do globo brilhava uma estrela magenta. A estrela crescia em brilho enquanto ela falava, e diminuía quando ela parava.

A Sra. Izard girou. Encarou calmamente a Sra. Zimmermann.

— Então é você — disse ela. — Bem, meu poder não chegou ao auge, mas ainda sou forte o bastante para lidar com você. *Aroint ye!*

Ela apontou a bengala de marfim para a Sra. Zimmermann. Nada aconteceu. Ela parou de sorrir e largou sua bengala.

Agora era a vez da Sra. Zimmermann. Ela bateu a ponta do cajado no chão, e a escada foi iluminada pelo clarão de um relâmpago ultravioleta. Com um grito medonho que nenhum ser humano jamais soltou, a Sra. Izard correu escada acima, passando por Lewis. A Sra. Zimmermann foi atrás dela.

— Corra de volta para casa, Lewis! — gritou ela, enquanto passava por ele. — Você é um garoto corajoso, mas não é páreo para aquela coisa. *Corra*, eu estou mandando!

Lewis desceu correndo, de dois em dois degraus. Estava aterrorizado, mas também estava muito feliz. Enquanto descia os degraus da varanda da casa ouviu estranhos sons explosivos e gritos agudos. Galhos o agarravam enquanto ele corria pelo caminho de tijolos. Um deles se enrolou em sua perna direita e começou a puxar. Com um grito e um movimento frenético, Lewis se soltou e atravessou a rua. Abriu o portão e trombou, *tuuummp!*, em alguma coisa dura e ao mesmo tempo macia. Jonathan.

Lewis desmoronou. Começou a chorar histericamente com o rosto encostado na camisa azul de Jonathan. Jonathan abraçou Lewis e o segurou com força.

Ainda que Lewis não pudesse ver, Jonathan estava olhando por cima de sua cabeça, para a casa dos Hanchett, e havia um sorriso em seu rosto. Um clarão roxo iluminou uma das janelas do andar de cima. Agora um ponto frio, branco-azulado, se acendeu na janela adjacente, como se alguém tivesse acabado de riscar um fósforo estranho. A luz azul se espalhou até preencher a janela. Espalhou-se até a outra janela e comeu a luz roxa, que ia diminuindo. Em seguida houve uma explosão forte e surda, como uma bomba aérea num *show* de fogos de artifício. Doeu nos ouvidos de Jonathan. Enquanto ele olhava, as duas janelas do andar de cima ficaram de um roxo brilhante. A chaminé da casa tombou, e seus tijolos escorregaram pelo telhado. A cerca viva crescida demais foi sacudida como se tivesse sido apanhada por um furacão. Vários losangos de vidro caíram de suas molduras e tilintaram no caminho embaixo. Em seguida a casa ficou escura e silenciosa.

Lewis tinha parado de chorar, e se virou para ver. Um minuto inteiro se passou. Então a porta da frente se abriu aos poucos e a Sra. Zimmermann apareceu. Ela desceu calmamente os degraus, andou pelo caminho de tijolos e saiu na rua, cantarolando. Os fogos alaranjados em seu manto tinham sumido, assim como as luzes mágicas. Numa das mãos ela segurava um velho guarda-chuva. O cabo do guarda-chuva era uma esfera de cristal, e uma minúscula semente de fogo violeta continuava acesa dentro dela. Na outra mão a Sra. Zimmermann segurava a bengala de Jonathan; o globo da bengala continuava escuro.

— Oi, Florence — disse Jonathan, como se a estivesse encontrando na rua, numa tarde de sábado. — Como foi?

— Tudo bem — disse ela, entregando-lhe a bengala. — Aqui está a sua varinha mágica. Ela teve um tremendo choque, mas acho que vai se recuperar. Quanto à Sra. Izard, não sei. Eu posso tê-la destruído, ou posso apenas tê-la posto fora de ação por um tempo. De qualquer modo, vamos aproveitar o tempo que ganhamos e *encontrar aquele relógio!*

CAPÍTULO DEZ

Quando os três voltaram para casa, tiveram um choque. Agora o tique-taque estava muito alto, mais do que nunca. Era como estar dentro do mecanismo do Big Ben.

Jonathan ficou pálido.

— Parece que as coisas estão chegando a alguma conclusão. Talvez a Sra. Izard não esteja tão morta quanto nós queríamos.

A Sra. Zimmermann começou a andar de um lado para o outro. Esfregou a pedra roxa de seu anel no queixo.

— Ela pode estar ou pode não estar. De qualquer modo, deixá-la fora do caminho não é garantia de que a bomba não vá explodir na nossa cara. Mas vamos presumir o pior. Vamos presumir que ela ainda esteja no jogo. Certo. — A Sra. Zimmermann respirou fundo e expirou. — Minha teoria, desde ontem, é que a bruxa velha só está esperando a *hora* certa de usar aquela chave maldita. A ação certa, na hora certa, para alcançar o efeito certo. É bem o estilo dela. E do velho marido dela também. A magia dele é lógica. Vai de A a B e a C em passos bem dados. Tão lógica e clara quanto o movimento de um ponteiro no mostrador de um relógio.

— Então não há sentido em nós sermos lógicos, há? — disse Jonathan. Ele estava dando um sorriso muito estranho e mexendo nos cliques de papel de sua corrente de relógio. Isto era sempre um sinal de que estava pensando.

— O que quer dizer? — perguntaram Lewis e a Sra. Zimmermann ao mesmo tempo.

— Quero dizer — informou ele pacientemente — que nós não somos bons nesse tipo de jogo. Nosso jogo é feito de reviravoltas loucas, descobertas súbitas e inexplicáveis, pensamento tortuoso. Saltos de cavalo em vez de fileiras de peões marchando pelo tabuleiro. Então é melhor jogarmos do nosso jeito, se quisermos vencer.

A Sra. Zimmermann cruzou os braços e pareceu carrancuda.

— Sei. Parece muito razoável. Se você está num jogo de xadrez, tentar fazer um gol. Se estiver jogando tênis, tentar marcar uma cesta. Muito inteligente.

Jonathan não se abalou.

— Por que não? Tudo me parece bastante claro. Lewis, eu quero que você faça o seguinte: pegue um lápis e papel, e invente o conjunto de instruções mais idiotas que você conseguir pensar.

Lewis ficou perplexo.

— Instruções para quê?

— Para uma cerimônia, um ritual. Um *show* de magia para tirar o relógio do esconderijo. Faça com que seja o mais pateta possível.

Lewis se sentiu empolgado e feliz.

— Certo. Se é isso que o senhor quer, lá vamos nós!

Ele correu até o aparador e pegou um lápis e um bloco de papel de cinco centavos. Depois entrou correndo no escritório e bateu a porta. Jonathan e a Sra. Zimmermann ficaram andando nervosamente do lado de fora, e o tique-taque gigantesco prosseguia.

Quinze minutos depois Lewis abriu as portas do escritório. Entregou a Jonathan uma folha pautada em azul, escrita dos dois lados. A primeira linha que Jonathan leu o fez virar a cabeça para trás e gargalhar. Ele murmurou rapidamente o resto da lista, rindo o tempo todo. A Sra. Zimmermann ficava tentando ler por cima do ombro dele, mas finalmente perdeu a paciência e o arrancou de sua mão. Ela riu ainda mais do que Jonathan. Fungava, cacarejava e ria. Finalmente devolveu o papel a Jonathan.

— Certo — disse ela. — Então que seja. Primeiro nós colocamos velas acesas em todas as janelas. Velas de verdade.

— Sim — disse Jonathan, franzindo o nariz. — Sei que Lewis tem o mau gosto de preferir velas de verdade. Ah, bem... vamos lá. Há várias caixas de tocos de vela no aparador.

Jonathan ficou com o primeiro andar, a Sra. Zimmermann com o segundo, e Lewis pegou o terceiro andar e os vitrais, onde quer que estivessem. Em pouco tempo toda a casa estava iluminada para o Natal, em abril.

Lewis parou do lado de fora do cômodo onde estava o órgão de Isaac Izard. Olhou a caixa de sapatos que estivera cheia de tocos de vela. Só restava uma.

Deveria colocá-la ali? Não, havia um lugar melhor.

Com uma vela vermelha e gorda na mão, subiu a empoeirada escada espiral que levava até a sala do telhado da torrinha. Abriu a porta estreita. A sala estava escura, a não ser por tiras de luar no chão. Lewis foi até a janela. Ajoelhou-se e se inclinou no vão profundo.

A janela oval lhe dava uma visão privilegiada da casa dos Hanchett. Ou teria dado, se ele pudesse vê-la. Um luar brilhante banhava o morro, mas a casa dos Hanchett estava numa massa de sombras. Apenas a ponta escura do telhado podia ser vista.

Lewis ficou olhando, fascinado. Então, subitamente, começou a ouvir o tique-taque, fraco mas audível, que preenchia até mesmo esse cômodo na casa da rua Alta nº 100. Balançou a cabeça, pegou os fósforos e rapidamente acendeu a vela.

Quando voltou para baixo, descobriu que sua segunda instrução estava sendo obedecida. A Sra. Zimmermann estava tocando “O Bife” no órgão da sala da frente. Quando ela se levantou e voltou para a sala de jantar, o órgão continuou tocando “O Bife”, já que era um órgão automático, e ela tinha ajustado em “Repetir Infinitamente”. A música idiota e monótona quase abafou o tique-taque constante — quase, mas não totalmente.

Jonathan voltou dos quartos do fundo. Seu rosto estava vermelho, e ele respirava intensamente.

— Certo. E agora?

A Sra. Zimmermann pegou o papel e leu em voz solene:

— Nós vamos jogar uma partida de Bom-Pôr-Um-Frango até aparecer o Ás de Pateta.

Por mais improvável que pareça, Jonathan sabia o que era Bom-Pôr-Um-Frango. Era o nome que Lewis dava ao pôquer. Os três tinham jogado bastante pôquer desde aquela primeira noite de agosto, e Lewis tinha dado esse nome ao jogo por causa da inscrição que pensava ver nas brilhantes moedas de latão de um franco. Quando você pagava para ver, tinha de gritar: “Bom-Pôr-Um-Frango” bem alto.

Mas Jonathan estava perplexo com um detalhe. Virou-se para Lewis com um olhar interrogativo.

— E, se é que posso perguntar, o que é o Ás de Pateta?

— Não sei. A coisa me veio na cabeça. Acho que vamos saber quando encontrarmos.

E veio a caixa vermelha com moedas. E vieram as cartas azuis e douradas. Jonathan acendeu o cachimbo e desabotoou o colete até que ele só ficou preso pela corrente de cliques de papel. Tirou o chapéu cinza empoeirado do armário e colocou-o na cabeça. Isso, explicou, era a roupa adequada para jogar pôquer.

Jonathan embaralhou e deu as cartas. Siclos e florins, ducados e patações, dracmas e didracmas caíram com barulho sobre a mesa. A princípio as mãos de cartas eram comuns. Pares de oitos, nada, reis e dez. Então as pessoas começaram a receber seis cartas iguais ou cartas cheias de sinais de raiz quadrada e pontos de interrogação. Jonathan e a Sra. Zimmermann não estavam fazendo nenhum truque. As cartas estranhas apareciam por conta própria. Continuaram jogando, enquanto o relógio gigantesco tiquetaqueava e o órgão tocava “O Bife” e as velas lançavam padrões de frutas e flores ou simples borrões amarelos na grama cinzenta iluminada pela lua do lado de fora.

Foi depois de meia hora jogando que Lewis pegou uma carta e descobriu que estava olhando para o Ás de Pateta. Ali estava. Em vez de paus ou copas, tinha espigas de milho e pimentas por toda a carta. No meio havia um homem de aparência idiota com um chapéu chato chamado “capelo”, do tipo que os professores de faculdade usam nas formaturas. Havia sorvete espalhado em cima do chapéu, e o professor o estava provando com o dedo indicador.

Lewis mostrou a carta aos outros.

— Então é isso! — exclamou Jonathan. — O Ás de Pateta! Eu o reconheceria em qualquer lugar. Agora, o que *isso* significa, Lewis?

— Significa que o senhor tem de ficar com ele grudado na testa com um pedaço de chiclete. Aqui. — Lewis pegou o chiclete que estava mastigando e entregou ao tio Jonathan.

— MUITÍSSIMO obrigado — disse Jonathan. Ele apertou a carta na testa. — E agora?

— O senhor se enfeita todo e desce com a bola oito, como diz nas instruções.

— Hmm. Sim. Pois é, e aquela coisa toda. Até daqui a pouco, pessoal.

Jonathan subiu para o andar de cima. Ficou lá durante um longo tempo, tanto que o órgão passou a tocar “Stars and Stripes Forever”, de puro tédio. A Sra. Zimmermann ficou sentada batendo com os dedos na mesa, enquanto Lewis fazia o que sempre fazia quando estava esperando alguém nervosamente. Batia nas laterais da cadeira, balançava para trás e para a frente e sacudia a perna direita.

— Bom, aqui estou!

A Sra. Zimmermann e Lewis olharam. Ali, no topo da escada, estava Jonathan. Usava uma capa feita de uma colcha de retalhos maluca, e na cabeça tinha um pano florido, de cobrir a torradeira, que a Sra. Zimmermann tinha feito. O Ás de Pateta continuava grudado em sua testa, e ele segurava um objeto pequeno, redondo e preto. Quando começou a descer a escada, o órgão tocou “Pompa e Circunstância”, mas logo se cansou disso e passou para comerciais de rádio:

Peça Cuticura

É perfumada e pura

É medicinal para quem vê

E boa para você e vooo-cêêê!

Gasolina Clark Super Cem

É a melhor!, diz todo mundo

Melhor gasolina ninguém tem

Dá vida ao seu carro num segundo!

Super Suds, Super Suds

A supercerveja com SuperSuds

O sabor mais duradouro

É um verdadeiro tesooooouro.

Com esse acompanhamento solene, Jonathan avançou até a mesa da sala de jantar e pousou a bola preta. Era uma daquelas bolas oito que preveem o futuro, do tipo que se compra em mercearias. A bola era cheia de líquido, e quando você balançava, cartas brancas e fantasmagóricas vinham flutuando até a pequena janela. Havia apenas três: SIM, NÃO e TALVEZ.

— E agora? — perguntou Jonathan.

— Pergunte a ela — disse Lewis.

— Perguntar o quê?

— A circunferência da lua, seu bobo barbudo! — gritou a Sra. Zimmermann.

— Onde foi que eu deixei meu chapéu depois da Feira Mundial de Chicago! Ora, *pense* um minuto, Jonathan. O que você *quer* perguntar?

— Onde está o relógio? — perguntou Jonathan em voz baixa.

Uma explosão de aplausos mecânicos veio da sala da frente. Era o órgão, zombando como sempre. Jonathan apontou a língua para ele, por cima do ombro. Depois virou-se de novo para a mesa onde estava a bola oito. Com cuidado, reverência, pegou-a. Segurou-a como um microfone e falou para ela.

— Onde está o relógio?

A janela escura continuou escura. Jonathan sacudiu a bola até o líquido dentro espumar.

— *Onde está o relógio?* — gritou, e repetiu a pergunta em grego, latim, francês, alemão e egípcio do reino médio. Continuou sem resposta.

— Seu francês é terrível — disse a Sra. Zimmermann, arrancando a bola da mão dele. — Aqui... deixe-me tentar.

Segurando a bola sob uma ponta de seu manto como se estivesse protegendo-a da chuva, a Sra. Zimmermann falou com ela em bengali, fino-ugric, basco e nórdico antigo. Usou todos os comandos para destrancar os segredos de pedras especulares preferidos por Regiomontanus, Albertus Magnus e o conde Cagliostro. Nada ainda.

— Posso tentar? — perguntou Lewis. Sua voz estava tímida e fraca.

A Sra. Zimmermann olhou para ele. Havia suor brotando em todas as rugas de seu rosto. Os olhos dela pareciam loucos.

— O que você disse?

— Será que eu posso tentar? Eu sei que não sou feiticeiro nem nada, mas a bola é *minha*. Eu comprei em Chicago e...

— Claro! — exclamou a Sra. Zimmermann. — Que idiotas nós somos! Como qualquer objeto mágico, ela só responde ao dono. Aqui. Mas depressa! — Ela empurrou a bola em sua mão.

O tique-taque do relógio ficou mais fraco, mas agora era mais rápido.

Lewis segurou o brinquedo mágico na frente do rosto. Sua voz estava calma e baixa.

— Por favor, diga onde o relógio está — sussurrou.

Houve um movimento dentro da bola. O SIM veio do vácuo como um jornal fantasmagórico num vento preto. E passou. Também passou o NÃO e o TALVEZ. Por fim, depois de vários minutos tensos, apareceu uma carta com as palavras: POÇO DE CARVÃO.

— Ela diz poço de carvão. — A voz de Lewis estava opaca e sem vida agora. Ele baixou a cabeça.

— Posso ver a bola? — pediu Jonathan, baixinho. Lewis a entregou.

Jonathan virou a bola para a luz. Ele franziu a testa, e o Ás de Pateta caiu no chão.

— É, sem dúvida diz “poço de carvão”. Poço de carvão? *Poço de carvão?* Que diabo ela quer dizer com *isso*? — Jonathan olhou furioso para a bolinha brilhante. Estava começando a achar que seria bom jogar aquela coisa contra a lareira.

De repente a bola deu um soluço. Jonathan olhou rapidamente para ela e viu que a janelinha estava cheia de bolhas.

— Ah, minha nossa! Olhe só, Florence. Agora ela está achando que é uma máquina de lavar roupa.

— Espere um minuto — disse a Sra. Zimmermann. — Parece que as bolhas estão começando a estourar.

Lewis, Jonathan e a Sra. Zimmermann ficaram olhando com a respiração presa enquanto as bolhinhas estouravam, uma a uma. *Pop, pop, pop*. Pareceu demorar uma eternidade. Enquanto isso, o relógio tiquetaqueava.

Finalmente a janela ficou limpa. Agora as letras diziam: DEPÓSITO DE CARVÃO.

— Ah, ótimo! — disse Jonathan. — Fantástico! Agora diz *depósito* de carvão! É um grande avanço.

— Você não tem um depósito de carvão? — perguntou a Sra. Zimmermann.

Jonathan deu-lhe um olhar irritado.

— Claro que não, Florence! Você deveria saber disso. Lembre-se, eu mudei o aquecimento para óleo quando comprei esta... ah! *Ah!* — Jonathan pôs as mãos em cima da boca. — Ah! Acho que sei! Venham, todos. Vamos ao porão.

Lewis e a Sra. Zimmermann acompanharam Jonathan até a cozinha. Ele abriu a porta do porão e saltou para trás como se tivesse levado um soco na cara. O tique-taque lá embaixo era trovejante.

Jonathan olhou para a Sra. Zimmermann. O rosto dele estava pálido, e os olhos arregalados de medo.

— Está com seu guarda-chuva, Florence? Bom. Então vamos descer.

Num canto do porão, cheio de fuligem, ficava o antigo depósito de carvão. Duas paredes do depósito eram formadas por tábuas cinzentas pregadas a pilares de madeira comidos por cupins. As outras duas paredes eram de pedra caiada de branco, e encostada nelas havia uma alta pilha de carvão. Estivera ali quando Jonathan tinha se mudado, e ele sempre pretendia mandar tirá-la.

— Eu certamente ganhei o prêmio de mais idiota — disse em voz baixa. Jonathan pegou uma ferramenta de lâmina dupla, que era uma enxada de um lado e uma picareta do outro, e começou a tirar o carvão. Lewis e a Sra. Zimmermann ajudaram com as mãos. Em pouco tempo tinham tirado todo o carvão de perto da parede.

— Não *parece* haver nenhum painel secreto — disse Jonathan, tateando em busca de molas e alavancas escondidas. — Mas, se fosse assim, não seria secreto, seria? Hmmm... não... nada. Acho que teremos de usar a picareta. Para trás, todo mundo.

Lewis e a Sra. Zimmermann se afastaram bastante da parede, e Jonathan começou a bater. Agora o tique-taque estava apressado e entrecortado, e os golpes da picareta eram como os tempos fortes do ritmo. Cada golpe lançava lascas em todas as direções. Mas era um serviço mais fácil do que todos teriam pensado. A parede começou a tremer e se despedaçar ao primeiro golpe de Jonathan, e toda a

massa de aparência sólida logo estava caída aos pedaços no chão de terra batida do porão. Porque não era uma parede de verdade, e sim uma imitação de gesso. O que havia por trás era uma velha porta de madeira com uma maçaneta de louça preta. Havia uma fechadura, mas sem buraco.

Jonathan encostou a enxada numa coluna e deu um passo atrás.

— Não fique embromando! — disse a Sra. Zimmermann, nervosa. — Abra essa porta! Eu tenho a sensação que estamos à beira do desastre.

Jonathan ficou coçando o queixo. Exasperada, a Sra. Zimmermann pegou o braço dele e começou a sacudi-lo.

— Depressa, Jonathan! O que você está esperando?

— Estou tentando pensar em feitiços de abertura. Conhece algum?

— Por que não puxar a porta? — perguntou Lewis. — Talvez não esteja trancada.

Jonathan estava para dizer que nunca tinha ouvido uma coisa tão estúpida na vida. Mas não teve chance. A porta se abriu sozinha.

Jonathan, a Sra. Zimmermann e Lewis ficaram olhando. Estavam espiando um comprido corredor, mais parecido com um poço de mina, com arcos de madeira quadrada que iam diminuindo à distância na escuridão. Alguma coisa vaga e cinzenta se movia na extremidade mais distante do túnel. Parecia estar se aproximando.

— Olhem! — exclamou Lewis.

Não estava apontando para a forma cinzenta. Estava apontando para uma coisa no chão do túnel, perto dos pés deles.

Um relógio. Um relógio simples, antigo, marca Waterbury.

Seu pêndulo oscilava loucamente atrás de uma pequena porta de vidro, e o som era parecido com um contador Geiger maluco.

— Fico muito feliz por vocês terem feito o trabalho por mim — disse uma voz atrás deles. Jonathan e a Sra. Zimmermann giraram e congelaram. Congelaram de verdade. Não podiam mexer as mãos, os pés ou as cabeças. Nem podiam tremer as orelhas. Estavam completamente paralisados, ainda que pudessem ver e ouvir.

Ali estava a Sra. Izard. Ou a Sra. O'Meagher, ou o nome que você quiser. Usava um manto de veludo preto com um broche de marfim no pescoço. O broche tinha um ômega grego. Na mão direita segurava uma vara preta simples, e na esquerda carregava o que parecia ser uma mão cortada, com uma vela acesa brotando da parte de trás. Círculos concêntricos de luz amarela se espalhavam a partir da mão, e através deles Jonathan e a Sra. Zimmermann podiam ver os óculos da Sra. Izard, que pareciam placas de ardósia cinzenta.

— Espero que não tenham se cansado, meus caros — disse a velha numa voz horrenda, zombeteira. — Espero que não. Mas, se tiverem, tudo foi por uma boa causa. Eu não poderia ter feito nada sem vocês. Nadinha. Porque, vejam bem, desde que fiquei livre, pude passar por paredes e portas, mas minhas pobres mãos velhas não podiam segurar ferramentas. Tive até de pedir que o Sr. Cabo de Martelo encontrasse isto para mim.

Ela soltou a vara — que ficou de pé sozinha — e enfiou a mão nas dobras do manto. O que trouxe era uma chave de cobre esverdeada. Estendeu-a e a girou.

— Bonita, não é? Eu disse a ele onde procurar, mas ele teve de fazer o serviço. Ele tem sido muito bom em cumprir ordens, e tornou bastante fácil para mim cuidar da casa do outro lado da rua. Mas, infelizmente, isso tudo acabou. Vocês fizeram direitinho o que eu queria, como eu achei que fariam. Você *realmente* achou que tinha me derrotado, sua galinha velha e idiota? Você apenas apressou o Dia do Juízo. E ele está chegando. Meu senhor e meu mestre está vindo nos encontrar. E quando chegar, o mundo será muito diferente. *Muito* diferente, eu garanto. Vejam... Vocês dois vão mudar primeiro, eu acho. — Ela apontou para Jonathan e depois para a Sra. Zimmermann. — É, é assim que será. Vocês dois primeiro, de modo que o filhinho aqui pode esperar. Você quer olhar, não quer, Lewis?

Lewis estava de costas para a Sra. Izard. Estava tão imóvel quanto um manequim de loja.

— Vire-se, Lewis — disse a Sra. Izard, naquela voz horrorosa e doce que estava usando desde o início. — Não quer dar um beijinho na sua velha tia Izard?

Ele não se mexeu.

— Venha agora, Lewis. Eu ordeno. Não seja bobo. No final as coisas só vão ficar piores para você. Vire-se, eu estou mandando!

O corpo de Lewis ficou tenso, e então ele foi correndo para o túnel. Pegou o relógio, que tinha começado a fazer aquele zumbido de quando vão bater as horas.

— Pare, garoto! — gritou a Sra. Izard. — Pare, seu porco imundo e gordo! Vou transformar você numa coisa que nem sua mãe iria... não ouse! Não...

Lewis jogou o relógio no chão. Houve um *sproing* de molas se desenrolando, um barulho de engrenagens se soltando, madeira rachando e vidro se despedaçando. Ele se abaixou no meio da bagunça e arrancou o pêndulo do mecanismo que continuava zumbindo furiosamente. Nesse momento, uma figura que estava a poucos metros de Lewis, a figura de um velho de terno preto apodrecido, desapareceu. Em seguida houve um guincho medonho, um som alto, inumano, como uma sirene aguda. Preencheu o ar e o fez ficar vermelho. Lewis cobriu os ouvidos, mas o som estava dentro da sua cabeça e no tutano dos ossos. E então sumiu.

Ele se virou. Ali estava Jonathan, sorrindo e tentando piscar para afastar as lágrimas dos olhos. Ali estava a Sra. Zimmermann, com um sorriso ainda mais largo. E atrás deles, no chão do porão, debaixo de uma lâmpada que balançava, havia um tecido preto embolado. Um crânio amarelo parecia olhar em meio ao pano, num espanto boquiaberto. Alguns fios de cabelo grisalho se grudavam às reentrâncias no cocuruto redondo, e sobre as órbitas vazias estava pendurado um par de óculos sem aro. As lentes estavam despedaçadas.

CAPÍTULO ONZE

Três dias após a destruição da Sra. Izard e seu relógio mágico, Jonathan, a Sra. Zimmermann e Lewis estavam sentados em volta de uma fogueira na entrada da casa nº 100 da rua Alta. Era uma noite gélida, e as estrelas estavam frias lá no alto, mas o fogo soltava um calor gostoso, laranja. A Sra. Zimmermann tinha ao lado um bule de cerâmica cheio de chocolate fumegante. Mantinha-o perto da fogueira para ficar quente. Jonathan e Lewis olhavam a fogueira e tomavam chocolate. O gosto era muito bom.

Havia uma pilha dos papéis empoeirados de Isaac Izard no colo de Jonathan. De vez em quando ele pegava uma folha e jogava no fogo. Lewis via cada página tendo os cantos lambidos pelas chamas, depois ficando preta, depois se transformando numa fofa bola de cinzas.

Depois de um tempo, Lewis falou:

— Tio Jonathan?

— Sim, Lewis.

— A Sra. Izard estava tentando acabar com o mundo?

— Pelo que posso dizer, estava. E teria feito isso se você não tivesse dado um jeito no relógio. Mas diga, Lewis. Por que você não se virou como nós?

Lewis deu um sorriso largo.

— Eu olhei a porta de vidro do relógio e vi o reflexo do que a Sra. Izard estava segurando, e soube que era uma Mão de Glória.* John L. Stoddard conta tudo sobre as Mãos de Glória.

— Fico feliz por ele contar — disse a Sra. Zimmermann. — Bastaria um olhar para aquilo e você ficaria tão imóvel quanto nós. Mas, mesmo assim, foi preciso um bocado de coragem para correr e despedaçar o relógio. Afinal de contas você não sabia o que aconteceria quando fizesse isso.

Lewis ficou quieto. Sempre tinha achado que coragem era passar de bicicleta pelo meio de fogueiras e se pendurar pelos joelhos nos galhos das árvores.

A Sra. Zimmermann pegou um prato de biscoitos de chocolate e passou para os outros. Jonathan pegou dois e Lewis vários. Houve outro silêncio enquanto

todos mastigavam e bebiam durante um tempo. Jonathan jogou mais papéis no fogo.

Lewis se remexeu e olhou para a casa escura do outro lado da rua.

— Vocês acham que a Sra. Izard pode algum dia... voltar? — disse, numa voz hesitante.

— Não — respondeu Jonathan, balançando a cabeça, sério. — Não, Lewis, acho que, quando quebrou o relógio, você destruiu qualquer poder que ela tivesse neste mundo. Mas, só por segurança, eu coloquei o que restou dela de volta no mausoléu e tranquei as portas com uma fechadura nova e brilhante. Uma fechadura que tem feitiços. Isso deve segurá-la por um tempo.

— E os Hanchett? Quero dizer, eles vão voltar para morar nessa casa?

Jonathan fez uma pausa antes de falar. Sacudiu os cliques de papel da corrente do relógio.

— Acho que sim — disse finalmente. — Mas certos rituais terão de ser feitos antes que eles voltem. Quando um espírito impuro habita uma casa, deixa uma aura ruim.

— Por falar em auras e espíritos impuros — disse a Sra. Zimmermann —, vocês têm alguma ideia do que aconteceu com Cabo de Martelo?

O rosto de Jonathan ficou sério por um instante. Ele tivera algumas ideias sobre o destino de Cabo de Martelo, mas havia guardado para si. Por um lado, sabia que o sangue de um homem enforcado era usado para fazer uma Mão de Glória.

— Não faço a menor ideia — disse Jonathan, balançando a cabeça. — Ele parece ter desaparecido da face da Terra.

De repente Lewis começou a se agitar de novo na cadeira. Estava à beira de dizer alguma coisa.

— Tio... Jonathan? — A voz de Lewis estava seca e gutural.

— Sim, Lewis, o que é?

— Eu... eu soltei a Sra. Izard da tumba dela.

Jonathan deu um sorriso calmo.

— Sim. Eu sei que você fez isso.

O queixo de Lewis caiu.

— Como o senhor sabia?

— Você deixou sua lanterna no cemitério. Eu a encontrei numa pilha de folhas quando fui colocar a Sra. Izard de volta no túmulo.

— O senhor vai me mandar para a Casa de Detenção? — perguntou Lewis numa voz minúscula, apavorada.

— Eu vou fazer o *quê*? — perguntou Jonathan, olhando-o incrédulo. — Lewis, que tipo de ogro você acha que eu sou?

— E, além disso — acrescentou Jonathan com um sorriso súbito —, por que eu deveria puni-lo por ter feito o que eu mesmo tentei quando era menino? Como você, eu me interessava por magia desde pequeno. Isso está na nossa família, eu acho. Eu estava tentando impressionar uma garota. Você queria manter Tarby como amigo. Não foi?

Lewis confirmou com a cabeça, triste.

— A propósito, Lewis — perguntou a Sra. Zimmermann. — Como estão as coisas entre você e Tarby ultimamente?

— Não muito bem. Não acho que Tarby e eu fomos feitos para ser amigos. Nós não somos do mesmo tipo. Mas não importa.

— Não importa? — perguntou Jonathan. — Bom, certamente importa! Se ele é um sujeitinho metido... — Ele parou porque viu que Lewis estava dando um risinho.

Jonathan franziu a testa a ponto de parecerem duas lagartas se acasalando.

— Lewis Barnavelt! — rugiu ele. — Você está escondendo alguma coisa de mim?

Lewis estava se esforçando muito para não rir.

— Ah, não muita coisa, tio Jonathan. Só que eu tenho uma amiga nova.

— *O quêêê? Você teeem?* — disseram Jonathan e a Sra. Zimmermann em uníssono.

— É. O nome dela é Rose Rita Pottinger, e mora na rua da Mansão. Ela sabe os nomes de todos os diferentes tipos de canhão. Quer ouvir? Saker, minion, falconete, meia-colubrina...

— Aaaaah! — gritou Jonathan. E jogou dois punhados de papel no fogo. — É só disso que eu preciso. Uma especialista em armamento elisabetano. Prometa uma coisa, Lewis.

— O quê?

— Se você e Rosie decidirem fazer uma fundição de canhões no nosso porão, avise a mim e à Sra. Zimmermann, para nós irmos visitar meus parentes em Osee Five Hills. Certo?

Lewis deu um risinho.

— Claro, tio Jonathan. Eu digo.

Jonathan balançou o cachimbo na direção da fogueira. As folhas balançaram inquietas, e depois se juntaram numa grande bola preta. A fogueira se transformou numa lanterna de abóbora. Em seguida os três se revezaram jogando castanhas nos olhos, no nariz e na boca da lanterna feroz. *Pop! Pop! Pop!* As castanhas estouraram em sequência, como uma saraivada de tiros de mosquete.

Jonathan, Lewis e a Sra. Zimmermann continuaram sentados em volta do fogo e conversando até que a cara laranja caiu com um leve uuush. Então eles se levantaram, se espreguiçaram e foram dormir.

Nota

* No folclore americano, a Mão de Glória (*Hands of Glory*) era usada por bruxos e ladrões para imobilizar as pessoas. Acredita-se que eram conseguidas ao cortar-se a mão direita de assassinos enforcados. Depois de preservadas por feitiços de magia negra, uma vela era colocada entre os dedos. (*N. do E.*)

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

O mistério do relógio na parede

Wikipédia do autor

https://en.wikipedia.org/wiki/John_Bellairs

Goodreads do autor

https://www.goodreads.com/author/show/101070.John_Bellairs

Skoob do autor

<https://www.skoob.com.br/autor/3882-john-bellairs>

Sobre o autor

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=2689

MICHAEL GRANT



PRAGA

UM LIVRO DA SÉRIE GONE



Praga - Gone - vol. 4

Grant, Michael

9788501101709

392 páginas

[Compre agora e leia](#)

O terror já se tornou parte da vida dos habitantes do LGAR. Eles sobreviveram à fome, às mentiras e ao mais completo caos. Agora parecem ter uma trégua. Caine foi exilado em uma ilha, e Drake, que voltou ainda mais cruel e doentio – e agora imortal –, está preso. Mas, no LGAR, os problemas não somem assim tão facilmente. Enquanto a água acaba e a sede se torna insuportável, uma gripe fatal e contagiosa se espalha por Praia Perdida. E na floresta, um parasita transmitido pelas cobras voadoras dá origem a insetos malignos, gigantes e predadores que aterrorizam os habitantes do LGAR.

[Compre agora e leia](#)

MEG CABOT

Cabeça de Vento



Cabeça de vento

Cabot, Meg

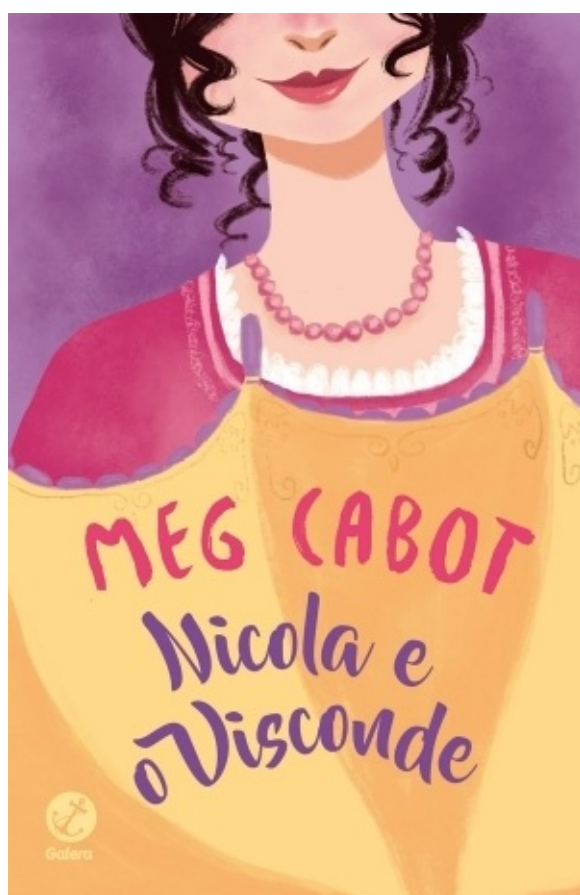
9788501400536

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Emerson Watts nem queria ir à inauguração da Stark Megastore no SoHo, mas alguém precisava tomar conta da sua irmã caçula, que está loucamente apaixonada por um astro pop britânico que daria autógrafos por lá. Além dele, uma outra pessoa muito famosa também marcaria presença... Nikki Howard, supermodelo internacional, sensação adolescente e rosto dos produtos Stark. Isso, é claro, é a receita para um desastre. Junto com os belos e famosos, uma multidão apareceu para conferir a inauguração - e, no meio das pessoas comuns, alguns manifestantes resolveram demonstrar o quanto são contra o monopólio da Stark, que está acabando com o comércio de rua em toda a cidade. Em meio à manifestação, está Emerson Watts, nerd extraordinaire.

[Compre agora e leia](#)



Nicola e o Visconde

Cabot, Meg

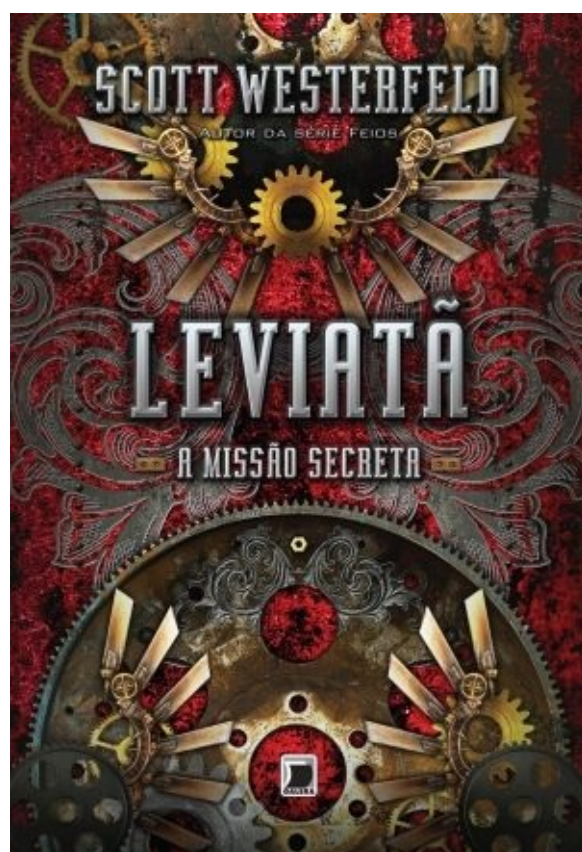
9788501112088

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Meg Cabot explora o mundo dos romances de época, neste Orgulho e preconceito para adolescentes. Nicola Sparks, uma órfã de 16 anos, está prestes a mergulhar de cabeça em sua primeira temporada na alta sociedade londrina. Seu maior sonho – ser pedida em casamento pelo charmoso visconde Sebastian Bartholomew — também está prestes a se realizar! Portanto, naturalmente, ela fica muito irritada com as insinuações de Nathaniel Sheridan a respeito do caráter duvidoso de seu noivo. Tomada pela curiosidade, Nicola começa a juntar algumas peças dessa história. Para sua surpresa, ela percebe que estava atrás do visconde errado desde o começo. Será que é tarde demais para fazer a coisa certa?

[Compre agora e leia](#)



A missão secreta - Leviatã - vol. 1

Westerfeld, Scott

9788501100061

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scott Westerfeld, autor da série Feios, reinventa aqui a Primeira Guerra Mundial em uma narrativa steampunk. Em lados opostos, mekanistas lutam com aparatos mecânicos movidos à vapor e darwinistas usam imensos animais geneticamente modificados, e adaptados para a batalha. Alek Ferdinand, príncipe do império austro-húngaro, está sem saída. Perdeu seu título e o apoio do povo, restando apenas um imenso ciclope Stormwalker e um grupo leal de homens. Por outro lado, Deryn Sharp é uma jovem plebeia que se disfarça de homem para ingressar na Força Aérea Britânica. Os caminhos dela e de Alek se cruzarão de maneira inesperada, levando-os a bordo do Leviatã para uma viagem que mudará suas vidas.

[Compre agora e leia](#)

Abandonado pelos pais. Criado por corvos. Caçado pela escuridão.

FERINOS

O ENCANTADOR DE CORVOS



Galera

JACOB GREY

O encantador de corvos - Ferinos - vol. 1

Grey, Jacob

9788501111357

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro volume da série Ferinos. Caw, abandonado pelos pais quando tinha apenas 5 anos, sobrevive sozinho numa cidade governada pelo crime. Mas ele não está desamparado: é o último representante da linhagem dos ferinos de corvos e tem o poder de comandar e conversar com as soturnas aves. Caw vive escondido em um ninho, no alto de uma árvore, no parque da cidade de Blackstone, até que uma fuga na prisão local o força a se revelar aos humanos... E à Lydia, a filha do diretor do presídio. Juntos descobrem que os fugitivos também são ferinos que planejam trazer seu temido líder, o Mestre da Seda, de volta da Terra dos Mortos. Para impedi-los, Caw e Lydia precisam encontrar os ferinos que se escondem pela cidade e convencê-los a mais uma vez lutar pelas forças do bem.

[Compre agora e leia](#)